



## ESPAÇOS DE PODER

# Mulheres, negros e indígenas ainda lutam por representação

Mesmo compondo a maioria nas urnas, grupos enfrentam desigualdades na disputa por cargos eletivos. **Página 13**

Foto: Divulgação/Associação das Parteiras Indígenas Potiguaras da PB



### Dia das Mães celebra as conquistas e os desafios na criação de filhos

■ Mulheres compartilham os conflitos, as dúvidas e os caminhos adotados em busca do equilíbrio para construir uma relação saudável.

**Página 5**

■ Incentivos como licença-maternidade e auxílio-creche melhoram os índices de retenção e satisfação de mães no mercado de trabalho.

**Página 18**

■ Pelas mãos de parteiras potiguaras, mulheres se encontram com a maternidade e constroem elos que perduram por toda a vida (foto).

**Página 25**

### Camila Mariz: “Tenho o olhar de quem já precisou da política pública e da Justiça”

Em entrevista ao jornal **A União**, a primeira-dama da Paraíba destaca o trabalho para incentivar a autonomia feminina e a luta pelo fim da violência de gênero.

**Página 4**



Foto: Leonardo Ariei

### Guarda compartilhada de animais de estimação garante bem-estar em casos de separação

Nova lei, que passou a vigorar em abril deste ano, assegura mais proteção aos bichinhos durante os processos em que há quebra dos vínculos familiares.

**Página 6**

Foto: Roberto Guedes



### Paraíba é o nono maior produtor de bioenergia da cana-de-açúcar do país

Energia produzida por seis usinas equivale a 4,15% da matriz energética estadual. Geração de 102 megawatts é suficiente para abastecer 300 mil residências.

**Página 17**

### Pianista Bruno Hrabovsky realiza apresentação com sucessos do rock mundial

Artista faz *show*, hoje, às 19h, na Sala de Concertos Maestro José Siqueira, do Espaço Cultural, em Tambauzinho. Preços dos ingressos variam de R\$ 40 a R\$ 80.

**Página 9**

### Treze entra em campo contra o Decisão-PE, hoje, para se consolidar no G4

Time paraibano quer garantir a vitória visando à manutenção na zona de classificação do Grupo A9. A partida acontece no Estádio Amigão, em Campina Grande, às 17h.

**Página 21**

■ “Hoje o Cinema Municipal e o Rex viraram lojas, o público é outro, mas Paulo continua a baixar a corrente para a minha entrada”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “Se à linguagem do poeta não escapa a agulha afiada da ironia, ao homem não falta o gosto do lúdico, o apelo do riso enquanto categoria de leitura”.

Hildeberto Barbosa Filho

**Página 11**

■ “O Google é a porta de entrada para quase tudo na internet. Se a facilidade de acesso é considerada algo positivo, é péssima para quem produz informação”.

Angélica Lúcio

**Página 26**

# Editorial

## Símbolos da vida

Hoje é um dia importante não apenas para uma família ou outro tipo de grupo social, mas para a humanidade inteira, por ser a data em que se celebra este ser de múltiplas dimensões que convencionou-se chamar de “mãe”. Em quase todo o planeta, filhos e filhas estarão reunidos com as mulheres que os geraram e trouxeram ao mundo, seja no plano físico, seja na esfera espiritual, no caso de mães falecidas ou de paradeiro desconhecido.

Há quem idealize as mães como seres humanos perfeitos. Modelos exemplares de mulheres, por serem feitas só de qualidades positivas, sempre dispostas a amar e perdoar, incondicionalmente, sendo incapazes, portanto, de contrariar severamente àqueles ou àquelas que foram gerados nos seus ventres. Sendo assim, permanecem ligados, a vida inteira, por uma espécie de cordão umbilical resistente às intempéries de quaisquer naturezas.

Ocorre que o grupo de mulheres-mães é emblemático, exatamente, por ser constituído, também, de contradições — como tudo no universo humano. Há mães dóceis que tudo fazem para não desgostar os filhos. Há mães que revezam carinho com castigo no processo de educação. Há mães que não veem a hora de entregar os filhos à própria sorte. Há mães que matam ou abandonam suas crias em frente a portas desconhecidas. Há mães...

De um modo geral, porém, a maioria das mulheres-mães, no contexto social brasileiro, são mulheres-guerreiras. Lutam com bravura, no dia a dia, pela sobrevivência da família, nem sempre sendo reconhecidas pelas frentes de batalha em que estão envolvidas. Embates que lhes exigem desassombro e amor obstinado — no bom sentido da expressão —, para nunca recuarem, apesar das sobrecargas físicas, mentais e emocionais.

Há mulheres-mães solas — seriam mais de 11 milhões no país — que representam, de forma ainda mais radical, as mulheres-batalhadoras que decidiram criar sozinhas os filhos. Mulheres cansadas de parceiros que não ajudam em nada — muito pelo contrário, apenas lhes aumentam a carga, exigindo-lhes cama, prato cheio na mesa, roupa lavada e engomada, sem a menor preocupação com a educação dos filhos.

A mulher-mãe simboliza o mistério da vida. Há um propósito divino na geração de seres humanos no ventre feminino — ou mesmo no fracasso desse processo, no caso da interrupção involuntária da gravidez —, ou tudo é aleatório, como creem os ateus? Nessa longa história, ela materializa o sonho de uma sociedade ideal, onde homens e mulheres queiram e possam estabelecer juntos as bases do futuro que desejam para seus filhos e filhas, enfim.

# Artigo

Rui Leitão  
iurleitao@hotmail.com

## O lacerdismo em confronto na Paraíba

Mil novecentos e sessenta e quatro foi um ano que muitos brasileiros gostariam de esquecer. O país vivia um período de turbulência política e social em razão do conflito ideológico entre os que apoiavam o governo de Jango, considerados esquerdistas e reformistas, e os que se postavam na oposição, pregando a ameaça de que nos tornaríamos uma nação comunista, estes classificados como direitistas e reacionários.

Naquele tempo, mesmo atento aos acontecimentos, eu não possuía ainda discernimento para formar uma opinião convicta sobre os assuntos políticos. Era natural que me deixasse influenciar pelas posições de meu pai. Ele era, assumidamente, um admirador de Carlos Lacerda, um dos principais líderes do udenismo nacional e pretendo candidato à Presidência da República. Eu me comportava como um espectador curioso dos fatos, na ânsia de melhor compreender o que estava acontecendo.

Lembro-me de que, na manhã do dia 3 de março, presenciei as lideranças do Liceu, instituição onde estudava, organizando uma manifestação pública de protesto. Indagando sobre a motivação daquele movimento, fui informado de que se tratava de uma reação à anunciada vinda do então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, à Paraíba. Ele viria para ser padrinho do casamento de um dos filhos do senador João Agripino e proferiria, à noite, uma palestra na Faculdade de Direito, que funcionava ao lado do Palácio da Redenção.

Os estudantes secundaristas saíram em passeata e invadiram a faculdade e ocuparam o auditório onde ocorreria a palestra. Em princípio, tudo transcorria de forma pacífica. Ganhamos de imediato a adesão do Diretório Acadêmico do curso de Direito, através de seu presidente, Tarcísio Fernandes, que providenciou um serviço de som para que pudessem proferir seus discursos. À medida que o tempo passava, os ânimos se exaltavam e as críticas contra o “lacerdismo” tornavam-se mais contundentes.

Os adeptos da candidatura do governador carioca organizaram-se para receberem-no no Aeroporto Castro Pinto,

com chegada programada para as 16 horas. Lá, receberam a notícia de que Lacerda teria desistido da viagem. Decepcionados e cientes da invasão da faculdade, os lacerdistas decidiram partir para o confronto e marcharam rumo à Praça João Pessoa por volta das 18 horas. Ao chegarem, encontraram o prédio da faculdade de portas fechadas. O clima ficou perigosamente tenso. A situação agravou-se quando os manifestantes decidiram arrombar a porta de entrada usando um aríete.

O governador Pedro Gondim, diante da gravidade do cenário, solicitou o apoio do Exército para conter o conflito. Tropas do 15º RI (Regimento de Infantaria), juntamente com a Polícia Militar, chegaram ao local e evacuaram a faculdade, prendendo 29 pessoas, entre estudantes secundaristas, universitários e jornalistas.

O episódio antecedeu em 29 dias o golpe militar que sufocaria a democracia no Brasil e nos imporia um dos períodos mais tenebrosos de nossa história. O fato permite avaliar o quanto o país estava em ebulição, vivendo em um ambiente de extrema apreensão que culminou na Ditadura Militar por mais de duas décadas.

Preferi não citar os nomes de todas as lideranças envolvidas para não incorrer em omissões. Meu propósito é trazer à memória um acontecimento marcante dos dias que antecederam o golpe, como parte de um relato de vivências que marcaram minha vida.

“

**Decepcionados e cientes da invasão da faculdade, os lacerdistas decidiram partir para o confronto**

# Foto Legenda

Roberto Guedes



A prática leva à perfeição

# Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

## Entrando no Rex

A grande maioria deve se lembrar do filme e não do porteiro. É de quem não esqueço, sem desmerecer minha fixação no cinema. Quem nos recebia na portaria em nome de todos os produtores, diretores e artistas de Hollywood? Não eram os donos, Seu Leal, nem Luciano, nem Múcio. Ainda hoje é Paulo do antigo Rex.

Preparando-me para escrever sobre mais uma reforma na Lagoa, a de Luciano Cartaxo, saí, então, na distante manhã, disposto a começar do começo. E, ao meu gosto ou preferência, parti da velha Praça Rio Branco, a praça do chorinho de hoje, a do primeiro mercado construído por Álvaro Machado, abrangendo aquele quarteirão com as sedes do Cine Municipal e do edifício do INPS.

À direita do cinema, numa rua apertada com o nome do pastor Antônio Petronílio dos Santos (dizem que uma alma dos céus), ainda restam vestígios do casario histórico. Era onde a cidade se abastecia até ganhar o Mercado Central, do outro lado da Lagoa, nesse tempo sem L maiúsculo, arrelhando os moradores do arruamento com a gritaria dos irerês, marrecas batizadas pelo próprio canto que deram lugar ao parque iniciado por Walfredo Guedes Pereira, culminado com o cartão-postal que nos foi presenteado por Argemiro. Lagoa que era um dos alvos de reclamação e protestos da imprensa liderada pelo major Arthur Achilles, o mais influente homem de opinião na iniciação da nossa República. Ele morava na Rua de Baixo, era como se chamava a 13 de maio, numa casa de esquina com o beco dado pelos nossos historiadores a seu grande nome.

Pois bem, subo pelo beco do Municipal e termino parando, sem fôlego, nos restos do fiteiro cinquentenário que perdera a fila de filmes como *O direito de nascer* mas se mantinha, até pouco tempo, como ponto de convivência do seu dono e de Paulo.

“Quede Paulo” — não tive a quem perguntar.

Bem apessoado, ele era mais recepcionista que porteiro. Dava os três expedientes à empresa. Cativara-me desde o início do meu aprendizado no espírito desta nossa cidade,

“

**Hoje o Cinema Municipal e o Rex viraram lojas, o público é outro, mas Paulo continua a baixar a corrente para a minha entrada**

recém-chegado de Campina Grande, já empolgado e cultivado pelos Rex, Capitólio, Avenida, São José, e fazendo o melhor do meu gosto por conhecer as pessoas do novo hábitat.

Passados mais de setenta anos, não me lembra o filme, sem esquecer jamais esse início de camaradagem desde o ginásio noturno Castro Pinto.

Num fim de tarde, saí do jornal para jantar e esbarrei no cartaz da noite, um filme de 1952, não estou certo se *As neves de Kilimanjaro*. Sei que o cartaz me prendeu. E ali fiquei. Termina a sessão da tarde, dou um salto até a boia da Casa do Estudante e, sem dinheiro, volto a aventurar o Rex. Em vez do velho Etevlino na portaria, encontro Paulo. Nos falamos, eu ali até esgotar a conversa, a fila do público esvaziando, e cadê ingresso? A projeção já soava na tela:

“Estás aguardando alguém, a namorada?”.

“Não, estou esperando Doge (Dorgival Terceiro Neto), com quem espero entrar”.

Mais que entender, meu velho colega de ginásio percebeu minha embromação e pediu que eu entrasse.

Hoje o Cinema Municipal e o Rex viraram lojas, o público é outro, mas Paulo continua a baixar a corrente para a minha entrada.

## SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA-PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

## A UNIÃO

Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

**Gisa Veiga**  
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual ..... R\$ 404,25 / semestral ..... R\$ 202,12 / número atrasado ..... R\$ 4

CONTATO: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br) / [ouvidoria@epc.pb.gov.br](mailto:ouvidoria@epc.pb.gov.br)

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Evandro Pereira

Criada em 1976, empresa ganhou uma nova sede e uma reestruturação organizacional, no Centro Administrativo, em Jaguaribe

## MODERNIZAÇÃO

# Codata tem papel relevante no serviço público da PB

*Empresa possui a missão de prover soluções por meio de tecnologia da informação*

Bárbara Wanderley  
 babiwanderley@gmail.com

O cidadão paraibano que já registrou um boletim de ocorrência *on-line*, renovou a carteira nacional de habilitação, ou passou por uma teleconsulta no Sistema Único de Saúde (SUS), pode estar usando os serviços da Companhia de Processamento de Dados da Paraíba (Codata) sem nem mesmo saber. Criada em 1976, a empresa, que é uma sociedade de economia mista, tem a missão de prover soluções, por meio de tecnologia da informação, para os órgãos públicos estaduais, buscando um melhor atendimento à sociedade em geral.

Quase 50 anos depois, com a tecnologia avançando, rapidamente, e a compreensão do Estado da necessidade de modernização dos serviços, a Codata passou a ter um papel cada vez mais importante na administração pública.

Durante anos a empresa serviu, principalmente, para processar a folha de pagamento do estado, mas a partir dos anos 2000, começou a apoiar a transformação digital no estado. Foi durante a

pandemia de Covid-19, em 2020, porém, que enfrentou seu maior desafio: fazer com que todos os processos do estado, que até então eram físicos, pudessem ser administrados de forma digital, para que os serviços não parassem. Foi aí que surgiu o PB-Doc.

Foi nessa época que o atual presidente da companhia, Ângelo Giuseppe Guido Rodrigues, foi convidado para a função. “Cheguei aqui, eu disse: ‘Não sei nem o que é que eu estou fazendo aqui’”, comentou lembrando as dificuldades de um período que exigiu adaptações em tempo recorde.

Ele ressaltou, no entanto, que vencer esse desafio e promover o crescimento da Codata só foi possível porque o Governo do Estado entendia a importância disso. “O governador João Azevêdo era engenheiro e foi professor de TI [Tecnologia da Informação]. Ele sabia da importância, do papel da TI para avançar e melhorar cada vez mais o serviço. Então, houve muito investimento na empresa”, afirmou Guido. “A empresa, da forma como es-

tava antes, não ia conseguir atender. A gente tinha déficit de pessoas, a gente não tinha um prédio, um equipamento adequado. Salários baixíssimos numa área hoje altamente concorrida”, lembrou.

Desde então, a empresa ganhou uma nova sede, dentro do Centro Administrativo, em Jaguaribe, houve uma reestruturação organizacional e a realização de um concurso público. “Então, a gente começou a criar, de uma certa forma, alicerces para poder oferecer melhor um serviço. E aí, claro, começamos a trabalhar com uma coisa de cliente e de fornecedor. Então, começou a ter muito mais demandas, que a gente começou a assumir um papel de responsabilidade estratégica. Quanto mais você cresce, mais responsabilidade você tem e, principalmente, você tem que manter a qualidade dos serviços que você entrega. Para você ter uma noção, hoje a gente tem clientes privados hoje aqui”, comentou, acrescentando que o maior cliente continua sendo o Estado.

Entre esses clientes está o Detran da Paraíba. “A Co-

data é parceiro do Detran no desenvolvimento dos sistemas que nós utilizamos aqui. Temos um sistema já, é seguro, mas que já tem um certo tempo uma linguagem que não é tão comercial. De um ano e meio para cá, nós passamos a desenvolver juntamente com o pessoal da Codata um ambiente novo, totalmente atualizado, utilizando tecnologias e linguagens mais compatíveis com o mercado atual, facilitando as manutenções futuras. Então a gente está desenvolvendo um ambiente chamado Detranet, e a parceria com a Codata está sendo fundamental para que isso seja viabilizado”, contou o coordenador de TI do Detran, Israel Aureliano.

Ele lembrou ainda que, em dezembro de 2025, a resolução 1020 da Senatran alterou o processo para emissão da primeira habilitação com o programa CNH do Brasil. Foi com o auxílio da Codata que o Detran da Paraíba conseguiu realizar os ajustes necessários no sistema para ser o primeiro estado do país a emitir a CNH no novo padrão da resolução.

## Facilitando a vida da população do estado

Outro sistema que facilita a vida da população e foi possibilitado pela companhia é a Delegacia Online, que possibilita o registro de boletins de ocorrência sem sair de casa. “É uma aplicação que a gente não pode se dar o luxo de tê-la fora do ar, porque a população demanda esta aplicação 24 horas por dia, os sete dias da semana. E ela tem um impacto muito grande para o cidadão, porque evita que ele precise se deslocar até uma delegacia de polícia para o registro de uma ocorrência policial que muitas vezes não tem necessidade de uma investigação. Então, é uma ocorrência, por exemplo, que ela vai usar apenas para obter um seguro, ou para poder tirar uma segunda via de um documento que ela perdeu”, avaliou o diretor de tecnologia da informação da Polícia Civil do Estado da Paraíba, Georgy Ramalho.

Ele destacou também a

importância do sistema para mulheres vítimas de violência doméstica. “Ela pode iniciar esse registro *on-line*, preencher o formulário de avaliação de risco e aí sim a delegacia da mulher requerer a medida protetiva de urgência junto ao judiciário, e ela já receber em casa essa medida protetiva, sem necessidade de se deslocar e sem levantar suspeitas para o agressor de que ela estava fazendo isso. Porque aí se ela sai de casa, se ela vai para uma delegacia, pode levantar essa suspeita no agressor”, disse.

A Secretaria de Estado da Saúde (SES) também tem recorrido à tecnologia para melhorar o atendimento. O Saúde Meet é um sistema de telemedicina desenvolvido pela Codata, conforme explicou o gerente executivo de TI em Saúde da SES, Kleyber Araújo. “Nós temos rodando nessa ferramenta a Rede Cuidar, que é uma rede de médi-

cos, cardiologistas, pediatras, neonatologistas e obstetras de alto risco que trabalham em regime de plantão ambulatorial e de consultoria fazendo atendimento remoto de crianças e mulheres no estado da Paraíba”.

A ferramenta possibilita o atendimento por videoconferência e a emissão de documentos como receitas, atestados e laudos. O sistema já é integrado a Rede Nacional de Dados em Saúde e funciona 24h, todos os dias.

“O Saúde Meet também trabalha com o ‘Paraíba contra o câncer’, que é um sistema que a gente utiliza para fazer todo o serviço de oncologia, da primeira consulta até os exames. Nós temos a enfermeira navegadora que acompanha o paciente assim que ele é diagnosticado e entra nessa rede da teleoncologia, em que nós temos hoje em torno de 200 profissionais, somando enfermeiras e mé-

dicos oncologistas”, explicou Kleyber, que também contou que um sistema prontuário eletrônico, também está sendo implantado em toda a rede municipal com a parceria da Codata.

Não é a Codata que recebe os holofotes, mas nem por isso a responsabilidade é menor. “A gente tem que ter uma capacidade muito grande de deixar esse serviço sempre *on-line*. Ninguém nunca vê. Eu sempre comparo determinadas situações com o saneamento. Você já viu um prédio de luxo ser construído onde não tem saneamento? Não. Então, o saneamento entra pela parte de infraestrutura. Tem toda parte de segurança também, que quanto mais digital, mais exposto o estado fica. Então, eu acredito que a TI hoje é altamente estratégica para se atender melhor, no caso dos serviços que o Estado oferece”, concluiu Guido.

## Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

# A mesa que um dia estará vazia

Ela acordou antes do sol, como sempre. O cheiro de café já se misturava ao silêncio da casa quando abriu os olhos. No quintal, as galinhas ainda dormiam. Na rua, nem um carro. No mundo, só existia ela e aquele ritual silencioso de preparar o domingo. Era Dia das Mães.

Lembro de ir à cozinha e vê-la de costas, o avental florido amarrado na cintura, a mão firme quebrando ovos numa tigela de barro. Ela sorriu sem se virar. “Você acordou cedo”, disse. E eu, moleque de dez anos, respondi com um grunhido qualquer, desses que a gente guarda para sempre na memória como prova da nossa imbecilidade.

Naquele tempo, eu não sabia que as bodas de leite com chocolate que ela fazia eram feitas de tempo. Do tempo que ela tirava do descanso, do tempo que ela roubava da própria juventude, do tempo que ela gastava para que eu me sentisse amado. A gente não percebe. O amor de mãe é tão natural quanto o chão — e é só quando ele ameaça sumir que a gente descobre que sempre esteve pisando nele.

O tempo, esse ladrão silencioso, foi levando os cabelos pretos dela, um fio de cada vez. Depois levou a firmeza das mãos, depois a pressa dos passos. E eu, agora

homem, assistia a tudo como quem vê um filme em câmera lenta, achando que sempre haveria uma próxima cena.

Até que o susto vem. Pode ser um exame, uma noite no hospital, um telefone que toca num horário suspeito. Aí você lembra que ela não é eterna. Ninguém é. Mas, com ela a verdade dói mais, porque ela é a única pessoa do mundo que faria questão de morrer um pouco por você todos os dias.

E, por que, meu

Deus, por que a gente espera um cartão com data no calendário para dizer o óbvio? Por que o “eu te amo” fica guardado como moeda rara, e o abraço é tão breve quanto um gole de café? Por que tratamos como eternas as que são feitas de carne, ossos e um coração que, de tanto bater por nós, um dia simplesmente decide parar?

Cuide. Cuide enquanto ela pergunta as mesmas coisas três vezes. Cuide enquanto ela repete a história que você já sabe de cor. Cuide enquanto ela ainda tem gosto de comida caseira, cheiro de sabão e roupa passada. Cuide porque o Dia das Mães não é um domingo no calendário — é cada segundo em que ela está viva e você, distraído, deixou de olhar nos olhos dela.

Hoje a mesa do café tem uma xícara a menos. O avental florido está guardado numa gaveta que ninguém abre. E, eu, que não grunho mais, aprendi a fazer bolo de fubá sozinho. Mas ainda assim, toda vez que o sol nasce num domingo, acordo mais cedo e fico um tempo parado, escutando o silêncio.

Porque o silêncio, às vezes, é o barulho mais ensurdecedor do mundo. É o grito de tudo o que a gente não disse. É o eco de uma mesa que não vai mais se arrumar do mesmo jeito.

Não deixe a sua mesa vazia. Ela ainda está aí, talvez na cozinha, talvez no quarto, talvez no sofá. Vai. Dá um abraço demorado. Fala que ama. Perde um tempo com ela. Porque um dia, sem aviso, o tempo acaba. E aí, meu amigo, aí não há crônica, carta ou flor que tragam de volta o cheiro do café feito por ela.

Bom Dia das Mães. Enquanto é dia.

# Camila Mariz

Primeira-dama da Paraíba

## “A maternidade me trouxe a força do recomeço”



Foto: Leonardo Ariel

*Em entrevista, primeira-dama também fala sobre justiça, autonomia feminina e enfrentamento à violência contra a mulher*

Priscila Perez

priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Camila Mariz chega ao primeiro Dia das Mães como primeira-dama da Paraíba carregando consigo mais do que um novo papel público ao lado do governador Lucas Ribeiro. Mãe de Daniel e José, a advogada construiu sua trajetória a partir da busca por justiça que, com o tempo, transformou a dor pessoal em compromisso coletivo: para que nenhuma mulher tenha a história interrompida pela mesma violência que tirou a vida de sua mãe. Camila tinha 10 anos quando perdeu Sílvia, vítima de feminicídio, em uma época em que a rede de proteção ainda era muito frágil. A partir dali, encontrou na avó Francisca o alicerce inabalável para seguir em frente. Hoje, vê na maternidade a força de recomeço e, na vida pública, uma oportunidade de fazer a diferença.

Nascida em Campina Grande e criada em São João do Rio do Peixe, no Alto Sertão paraibano, a primeira-dama carrega na memória uma infância marcada pelas noites de céu aberto, quando “contava estrelas” ao lado da mãe. “O Sertão traz muitos ensinamentos sobre superação e resiliência. É sobre aprender a viver, mesmo em meio a condições adversas”, reflete. Depois de 25 anos em silêncio, hoje fala com firmeza e sensibilidade sobre a própria história, convencida de que sua experiência pode ajudar a ampliar a proteção de mulheres e crianças.

Advogada, formada pela Unifacisa, com pós-graduação em Direito Administrativo e Gestão Pública, Camila atuou, por mais de uma década, no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) e, hoje, é vice-presidente da Comissão de Combate à Impunidade e Violência Doméstica da Ordem dos Advogados do Brasil — Seccional da Paraíba (OAB-PB). Agora, no papel de primeira-dama do estado, afirma não querer ocupar apenas um lugar simbólico. Sua atuação passa pelo enfrentamento à violência contra a mulher e, também, pelo fortalecimento do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), área em que pretende dar continuidade ao trabalho da ex-primeira-dama, Ana Maria Lins.

## A entrevista

■ *Este será seu primeiro Dia das Mães como primeira-dama da Paraíba. Como você está vivendo esse momento, sendo mãe de dois filhos, advogada e mulher pública?*

Eu acredito que a maternidade é o maior dos desafios. Você tem a responsabilidade de instruir outra pessoa, de fazer com que ela entenda o que é certo, o que é errado e quais são os limites. E esses limites precisam vir sempre com amor, não por imposição nem pela força. Então, a maternidade, sozinha, já é um desafio enorme para qualquer mulher. Hoje, muitas têm o desejo de exercer profissionalmente sua missão, aquilo que entendem como uma entrega de valor para a sociedade. Para mim, isso também foi desafiador. Mas, ao mesmo tempo, eu sou de uma geração que foi educada para trabalhar. De certa forma, nós rompemos com um padrão geracional em que a mulher era treinada, exclusivamente, para ser responsável pelo lar. Com o tempo, entre lutas e avanços, muita gente precisou tomar decisões difíceis para que nós estivéssemos aqui, hoje. Ainda é muito difícil, não podemos negar. Mas eu percebo que, para a minha geração, a maternidade chegou como um desafio muito maior do que o mercado de trabalho. Estudar e trabalhar, para mim, são caminhos mais naturais. Lá atrás, eu já entendia que minha profissão seria, também, uma forma de alcançar a independência de tudo aquilo que eu não aceitava. Então, quando fui mãe, acredito que esse tenha sido o maior desafio até hoje. E continua sendo todos os dias.

■ *A maternidade costuma ser bastante romantizada, mas também envolve cansaço, escolhas, culpa e conciliação com a vida profissional. Que discussão o Dia das Mães deveria provocar? Falta um olhar mais realista?*

Essa é exatamente a reflexão que eu procuro fazer na minha maternidade e, também, quando olho para outras

mulheres. É preciso observar o nosso contexto e perguntar: que sociedade é essa que cobra tanto de uma mulher? Nós somos extremamente cobradas. E, hoje, para dar os passos que desejamos para o futuro, acabamos assumindo um compromisso ainda maior, no sentido de dar o nosso melhor e mostrar, dentro do papel que nos cabe, que as mulheres são capazes. Então, eu não represento só a mim, mas uma infinidade de meninas que, hoje, podem sonhar em ocupar os lugares que ocupamos. Por isso, essa romantização da maternidade torna-se mais um peso para a mulher. Muitas vezes, ela traz muito mais culpa do que realização. Mas também vejo a maternidade como algo transformador. Sempre digo que, se tivesse passado por tudo o que passei na infância, sem ter olhado para o amor que meus filhos trouxeram, talvez não conseguisse falar como falo hoje, com tranquilidade, sem dor ou amargura. Na minha história, meus filhos foram e são motivo de reconstrução. A maternidade me trouxe a força do recomeço. Ela também me fez entender que minha mãe viveu a maternidade no contexto que podia e fez o melhor que pôde. O meu papel, hoje, não é ser uma mãe perfeita, mas ser a melhor mãe que eu puder para os meus filhos. Infelizmente, a gente ainda não evoluiu o suficiente nessa discussão.

■ *Você é de Campina Grande, mas viveu a infância no interior. Como essa vivência no Sertão ajudou a moldar a Camila de hoje?*

Nasci em Campina Grande, mas a minha família é sertaneja. Minha avó é de Sousa, meu avô é de Uiraúna, e, quando eles se casaram, foram morar em São João do Rio do Peixe. Então, meu núcleo familiar foi formado lá. Minha mãe cursava Geografia na universidade federal e, quando engravidou, voltou para São João do Rio do Peixe para ter apoio da família. Isso mostra o quanto são necessárias políticas pú-

blicas como creches, escolas e redes de apoio. Quando a mulher não consegue prover esse suporte sozinha, é preciso que as instituições e o poder público cumpram esse papel, com incentivo, fomento e recursos, para que não haja interrupção de ciclos. E aquilo foi uma interrupção na vida da minha mãe. Mas o Sertão está em mim. Quando penso nele, penso em resiliência, em força. Não tem como lembrar do Sertão sem lembrar das fortes secas, que são condições adversas, mas que também ensinam a sobreviver em meio às adversidades. E eu me lembro das memórias mais felizes que tenho com a minha mãe, das noites contando estrelas. O céu do Sertão é sem igual.

■ *Antes de ser primeira-dama, você atuou no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) e se especializou em Gestão Pública e Direito Administrativo. Essa bagagem técnica faz diferença?*

Eu acredito que sim. O que nos dá autoridade para falar sobre as coisas não é, necessariamente, a idade, mas as experiências que vivemos. A minha construção de vida foi muito natural diante de tudo que passei. Ficou muito enraizado em mim o desejo por justiça, a necessidade de dar uma resposta ao que aconteceu comigo. Mas, quando você entende que não está sozinha, que existem outras dores e outras demandas, percebe que pode tornar-se um instrumento de transformação. Isso nos dá uma perspectiva de futuro. Por mais difícil que tenha sido, se eu não tivesse passado por tudo o que passei, não teria a bagagem que tenho, nem a tranquilidade de, mesmo tão jovem, assumir essa missão. Estive por mais de 10 anos no Tribunal de Justiça, o que para mim é motivo de muita honra. Aprendi muito. Sempre gostei de participar das audiências, mesmo quando não era uma obrigação direta da minha função como assessora de gabinete, porque gosto de ouvir e debater. Ali, você precisa ter uma visão imparcial. Não importa tanto o que eu vivi ou o que considero individualmente, mas aquilo que está posto. E, a partir do que está posto, a resposta precisa ser justa. Então, acredito que essa bagagem traz um olhar diferente, um olhar de quem já precisou muito da política pública e da Justiça.

■ *E que marca deseja imprimir como primeira-dama? Quais são suas prioridades?*

Dá vontade de contribuir com muitas pautas. Mas eu sempre me coloco em um lugar muito claro: não tenho o desejo, nem agora nem para o futuro, de assumir uma pasta ou ficar à frente de uma secretaria. Vejo o lugar em que estou hoje como uma oportunidade de fazer o melhor que eu puder. O lugar conquistado pela primeira-dama Ana Lins me ensina muito. Quando a conheci, vi que existe espaço para sermos quem somos. A simplicidade, a leveza e o amor com que ela conduziu as pautas que abraçou me mostraram que era possível contribuir a partir da própria história. Enxergo muitas pautas como prioritárias, mas meu olhar sempre se volta para a figura da mulher. Hoje, meu papel é fazer o melhor que eu puder. Olhando para a minha história, não posso ser indiferente ao que vivi.

■ *Você perdeu a mãe ainda criança, vítima de feminicídio. Em que momento essa dor deixou de ser algo pessoal para se transfor-*

*mar em uma missão?*

Eu faço parte da Comissão de Combate à Violência contra a Mulher da OAB-PB, e essa tem sido uma experiência muito engrandecedora. É muito bonito ver o trabalho que vem sendo feito, o compromisso das mulheres que estão ali. Acredito que a virada de chave, para mim, foi a oportunidade de ajudar. Eu entendi que, se, para mim e para minha mãe, não houve chance, aquilo não precisava permanecer para sempre como silêncio, medo, vergonha ou culpa. Quando veio a oportunidade, junto à senadora Daniela Ribeiro, com o programa Antes que Aconteça, eu entendi que não se tratava apenas de falar sobre a minha história. Era expor, com intencionalidade, que o feminicídio existe, é real e, por muito tempo, não foi falado. Afinal, é uma violência que acontece dentro de casa. Se socialmente já é difícil falar sobre isso, dentro da família, é ainda pior. E, se quem deveria se manifestar está invadido por tanta dor, como é que as instituições vão chegar? Durante muito tempo, a sociedade naturalizou a ideia de que, “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Mas acredito que vivemos, hoje, uma virada de chave na proteção à mulher, começando pelo mais básico, que é o direito à vida. Um direito que tem sido perdido em números absurdos.

■ *O programa Antes que Aconteça propõe agir antes da tragédia. O que ainda precisa mudar para que os sinais de violência sejam percebidos mais cedo?*

Sendo muito honesta, falta para a mulher a capacidade de se reconhecer vítima quando está dentro daquele contexto de violência. Digo isso porque, há 27 anos, aconteceu com a minha mãe, e ela não se via como vítima. Por isso, o apoio é tão importante. Quando essa mulher tem suporte, seja familiar ou de alguém capaz de abrir seus olhos, ela pode romper com um ciclo que, muitas vezes, era abusivo desde o início. No caso da minha mãe, foram 10 anos de casamento e 10 anos de relacionamento abusivo. Por isso, quando olho para os dados da Patrulha Maria da Penha, vejo o quanto essa rede é importante. As mulheres que estão protegidas por ela estão vivas para contar suas histórias. Durante muito tempo, quando um homem matava ou agredia uma mulher, a pergunta era sempre: “O que ela fez?”. A legislação, muitas vezes, vem como resposta a uma demanda da sociedade. Então, ela chega depois que o fato acontece, depois que aconteceu com Sílvia ou Maria da Penha. Mas que bom que ela veio. Que bom que existe a Patrulha Maria da Penha, um programa que já acolheu mais de oito mil mulheres, sem que nenhuma tenha sido perdida. As Salas Lilás também são equipamentos extremamente importantes, porque atuam antes que o pior aconteça. A identidade delas é o acolhimento e a informação. A Delegacia Especializada da Mulher é outra iniciativa importante. E, até o fim do ano, deve cobrir todas as regiões da segurança pública na Paraíba. Minha certeza é que existe esperança. Todo esse trabalho que vem sendo feito pelo Governo da Paraíba mostra isso.

■ *Como avalia os resultados das políticas públicas de enfrentamento ao feminicídio?*

Ver meu marido, Lucas, hoje à frente dessas políticas públicas, sabendo que ele acolhe as demandas que levamos a partir do que a sociedade clama, é muito importante. Da mesma forma, reconheço o trabalho do governador João Azevêdo, que investiu e abriu caminhos para que não houvesse barreiras na proteção da política pública voltada às mulheres. Também é importante pontuar o papel da senadora Daniela Ribeiro, que tem sido uma militante em nível nacional nesse tema. No primeiro quadrimestre de 2026, a Paraíba registrou uma diminuição de mais de 40% no número de feminicídios. No mesmo período do ano passado, 15 mulheres foram mortas. Este ano, foram nove. Esse dado mostra que vale a pena investir e levar informação.

■ *O Programa do Artesanato Paraibano (PAP) é muito importante para o desenvolvimento dos municípios e para a autonomia feminina. Que caminhos você enxerga para o programa a partir de agora?*

O valor do PAP é gigantesco. Ele tem uma ligação muito forte com a mulher, proporciona desenvolvimento local e carrega identidade, cultura, tradição e história. Por isso, por muito tempo, o desafio tem sido tirar o artesanato de um lugar restrito aos salões para trazê-lo, cada vez mais, para o centro da economia criativa. Quando falamos de artesanato, falamos também de desenvolvimento, de autonomia e resgate. Hoje, por exemplo, o programa está na Alemanha, levando o trabalho do Crença (Centro de Referência da Renda Renascença e do Artesanato), que também foi uma iniciativa do governador João Azevêdo e da primeira-dama Ana Lins. É a arte do Cariri paraibano, de cinco municípios que integram o projeto, sendo exposta fora do país. É um trabalho feito, essencialmente, por mulheres rendeiras, mas que, hoje, contam com direcionamento e estrutura. A Paraíba é muito rica em talento e arte. Por isso, fazer do artesanato uma política pública é gerar emprego e renda para além dos salões. O salão, claro, é uma grande vitrine. Aproveite para convidar os leitores a conferirem o 42º Salão do Artesanato Paraibano, que vai acontecer em Campina Grande, de 11 de junho a 4 de julho, a partir das 15h. A estrutura está maior, porque a gente procurou incrementar o evento para que ele tivesse o tamanho que o artesanato tem, hoje, dentro da nossa cultura. Os profissionais daqui, quando participam de feiras em outros estados e até fora do país, são elogiados e vendem muito. Eles têm um governo que apoia e faz com que cheguem a esses espaços. O próprio salão é feito exclusivamente para que o artesão tenha oportunidade. E não é pouco o valor econômico que gira ali. No último salão, foram mais de R\$ 4 milhões em vendas. Isso é muito significativo quando falamos de artesãos individuais e pequenos empreendedores. Muitos deles, inclusive, têm acesso à linha de crédito do Empreender e do Empreender Mulher. Com esse apoio, conseguem montar uma oficina e adquirir material. Também existe a intenção de levar uma sessão da Assembleia Legislativa para o salão, para mostrar que as políticas públicas conversam entre si e precisam estar perto da população.

## RIGOR VERSUS PERMISSIVIDADE

# Educação dos filhos desafia mães

*Paraibanas compartilham os caminhos adotados para equilibrar limites e flexibilidade na criação de seus rebentos*

Samantha Pimentel  
samanthanniao@gmail.com

A educação dos filhos ainda é um papel que recai, sobretudo, para as mulheres. Nesse contexto, muitas mães vivem conflitos e dúvidas ao buscar um equilíbrio entre construir limites e regras, e ser flexível e permissiva em determinadas situações. Em meio à complexidade do educar, certas frases e ideias podem povoar o pensamento das famílias. “Cuidado na hora de repreender o filho, pode traumatizar a criança”; “Aposte no diálogo, é sempre o melhor caminho. Nada de punição”; “Respeite a privacidade do seu filho”; “Impor regras pode torná-la uma mãe chata, seja mais amiga do seu filho”: essas são apenas algumas delas. Além disso, avós, tios e outros parentes também podem interferir nesse processo. No meio disso tudo, fica a pergunta: qual é o melhor caminho? Qual o limite entre a hora de ceder e o momento de

impor autoridade — e como encontrá-lo?

A advogada Deborah Henrique, mãe de Ariel, um menino de 10 anos, conta que, embora respeite o filho como um indivíduo que tem vontades e necessidades, as regras e limites sempre foram muito claros em sua família. Além disso, há uma hierarquia, na qual os pais estão em posição de superioridade, orientando e definindo o que é certo, o que é adequado, onde é possível flexibilizar algo e o que é inegociável nesse contexto. “Nunca fiquei confusa em relação a isso. Ele pode demonstrar essa vontade e querer, mas isso pode também esbarrar na nossa relação de pais, no que entendemos que está de acordo com o que a gente enxerga ser uma atitude correta ou não”, destaca. Ela pontua também que sempre construiu essa relação pelo diálogo e que não acredita na violência como resposta ou meio de educação.

Quando às birras, Debo-



Deborah busca respeitar a individualidade de Ariel, de 10 anos, sem deixar de impor regras

rah conta que passou muito por essas situações, e que buscava ignorá-las, não cedendo às vontades do filho somente para que ele ficasse comporta-

do. “Lá em casa, o ‘não’ é ‘não’, e a birra não vai transformar o ‘não’ em ‘sim’. Eu sempre repito para meu filho que estamos criando ele para o mundo, e o

mundo não se adapta a você, às suas vontades”, ressalta.

A advogada relata, ainda, que já teve problemas com a interferência dos avós, os quais

ofereciam um ambiente mais permissivo para o seu filho. Isso gerava conflitos quando a criança precisava voltar à rotina com os pais. “Meu pai repetia uma frase: ‘O avô é o cavalo que o filho amansou para o neto andar’. [Estava] dizendo que, com a minha criação, ele foi muito rígido, mas, com Ariel, ele não precisava ser. Então, a gente teve que trabalhar isso. Com o tempo, eles entenderam que isso não estava ajudando no desenvolvimento dele, e essa relação foi se ajustando”, afirma.

■ **Conflitos de visões são comuns entre pais e familiares; é preciso diálogo e respeito às escolhas dos genitores**

## Complexidade da vivência materna torna manuais “insuficientes”

Já a bacharel em Direito Luciana Figueiredo Maia é mãe de três filhos: Hector, de 14 anos; Gael, de 11; e Romeo, de seis. Em sua casa, ela busca manter o diálogo como via de solução de conflitos. “Embora, em algumas situações, a regra precise, na nossa experiência, ser clara o suficiente para servir como imposição, impassível de ser questionada. De fato, a gente não usa ferramenta de palmada ou qualquer outra modalidade de violência física na condução da educação dos meninos, mas, muitas vezes, usa a palavra ‘de rei’, aquela que todo mundo ouve e não rebate”, comenta.

A geração atual, segundo ela, debate modelos alternativos ao autoritarismo e à violência, como forma de educar, consumindo também conteúdos diversos sobre o tema. Porém, esse conteúdo não dá conta da complexidade da maternidade. “São tantas variáveis, como personalidade, cansaço, acumulação de tarefas, traumas, nossas próprias histórias de vida e rotina, que esses manuais se tornam insuficientes. Então, sim, já me senti perdida, já senti que estava fazendo tudo errado, já achei que estava estragando meus filhos, que eles não me respeitavam o suficiente ou que estava sendo dura demais”, exemplifica.

Em meio a essas indagações, ela sente que questionar esse modelo mais antigo de educar representa, de certo modo, flertar com a permissividade e a falta de limites, mas reconhece que a proposta da educação respeitosa segue outro caminho. “Ela, ao contrário, nos conduz a impor limites, regras claras, com diálogo, mas com firmeza. Sinto que esse equilíbrio



Luciana valoriza o diálogo na criação dos três filhos

é difícil para a maioria das famílias e que vamos percorrendo essa rota com desvios, mas com retorno”, enfatiza. Em sua trajetória como mãe de três filhos, ela também já repensou atitudes e posturas de uma maternidade para outra e acredita que, com o primeiro filho, o caminho é mais árduo por ser ainda desconhecido.

Sobre a interferência de outros familiares na educação dos filhos, Luciana expõe que foi entendendo o papel de cada um. Para ela, os pais são os principais cuidadores e responsáveis pela organização da rotina e das regras, e o tempo com os avós pode ser mais livre, com menos “rédeas”. Todavia, isso foi uma construção feita com o tempo. Antes de chegar a esse entendimento, a profissional até entrou em atrito com alguns parentes por questões como o consumo de açúcar pelos filhos e o uso de telas — situações que ainda acontecem, mas em menor frequência.

“Também já tive oportunidade de abordar assuntos importantes que surgiram através dessa intervenção ex-

terna. Sobre birras em público, já lidei com muitas, já senti vergonha, já me senti julgada por não estar disciplinando meus filhos da maneira como a sociedade espera. Mas, na maioria das vezes, minha postura é de colocar a criança pequena no colo e levar para um local afastado, em silêncio. Isso tudo fica para trás quando se tem certeza do caminho que escolheu para conduzir a educação que você acredita”, declara.

Para entender melhor todo esse processo, ela também começou a cursar Pedagogia. “Ensinar aos meus filhos me reacendeu um interesse: ‘Como nós aprendemos?’”, questiona. Ela ainda mantém diálogo constante com as professoras de seus filhos, e já integrou grupos de mães, com quem desenvolveu amizades. “É com elas que divido as dificuldades e prazeres da maternidade. Por outro lado, também faço terapia, e um dos maiores motivos para me engajar nessa atividade foi justamente entender meu papel na condução dessas crianças”, conclui.

## Comunicação é fundamental para construir uma relação saudável

A psicopedagoga e gestora escolar Jaciara Dantas destaca que a comunicação é essencial no contexto educativo e que ela acontece desde os primeiros anos de vida, quando o bebê revela suas necessidades ou incômodos por meio do choro. Comunicar-se é, portanto, um dos mecanismos mais importantes que permeia esse processo de construção de limites e permissividade no desenvolvimento da criança e dos pais.

“Eu preciso me comunicar com meu filho, ou seja, saber o que ele quer, o que ele deseja e conseguir um caminho de explicar para ele se ele pode ou não, naquele momento. Porque dar limite não é punir, não é retirar, não é dizer ‘se você fizer isso, você não vai ter isso’. Não é uma negociação de trocas materiais. Precisa-se realmente ter uma relação de respeito, em que a comunicação seja limpa, em que a criança e os pais possam entender o que está acontecendo ali”, orienta. Ela enfatiza, ainda, que os limites são ensinados e que isso não é sinônimo de punição.

Jaciara também afirma que a inconstância interfere no processo de estipular limites para os filhos. Isso ocorre, por exemplo, em situações nas quais os pais barganham para conseguir um melhor comportamento da criança por alguma necessidade específica e temporária — como nas ocasiões em que os jovens são informados de que, se ficarem determinado período “fazendo tudo certinho”, “comportando-se bem”, ganharão alguma recompensa. Para a profissional, tais cenários não ensinam limites, os quais, pelo contrário, devem ser constantes e naturalizados durante o dia a dia. “Nesses casos, o conceito de certo e er-

rado, permitido e não permitido, é desconstruído na fala, porque a criança vai entender que, como sujeito social que está sendo ensinado e conduzido, que segue valores e normas, ele só precisa ficar tantos dias sem fazer coisa errada. Não tem uma constância nesta comunicação”, ressalta.

Ela pontua, ainda, que ditados muito difundidos, como o “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, também não funcionam, e que os pais devem ser participantes ativos nesse processo educativo. Além disso, esperar que as crianças aprendam pelo erro também não é saudável, e que é preciso ajudar as crianças em atividades, orientá-las, até que possam fazer sozinhas, tendo a atitude dos adultos como referência.

A respeito de abordagens como a educação positiva, a profissional explica que, às vezes, há um entendimento errôneo de que ela deve apenas apresentar o lado positivo das coisas. O conceito, porém, é outro. “Vou dar um exemplo prático, de uma criança que tem alergia e não pode comer chocolate. Imagine que ela faz uma birra enorme, até porque não entende ainda por que não pode comer. Aí, eu digo para ela que há outras opções de bolo que ela pode comer, tão saborosas quanto, e convido: ‘Vamos experimentar?’”, ilustra.

**E se algo dá errado?**

Ensinar apenas o lado bom da vida não é ensinar limites, mas isso não necessariamente tem que ser feito por meio de gritos ou de um comportamento inflexível, conforme destaca Jaciara. “O pai e a mãe não devem se apegar ao medo de frustrar uma criança, mas ao processo de como ensinar nessa frustração, porque isso

faz parte da nossa vida. Então, eu preciso buscar um caminho de dizer: ‘Olha, tudo bem se frustrar, mas existem outras opções’”, orienta. E, se a criança chora e grita, muitas vezes em um espaço público, a recomendação é que os pais porem de se preocupar com o entorno social, que sempre julgará, e foquem no bem-estar de seus filhos e no processo educativo em construção.

A psicopedagoga explica, por fim, que teorias apontam quatro tipos de pais: autoritativos, que são aqueles, ao mesmo tempo, firmes e que sabem acolher e dialogar; o autoritário, que abusa do papel de ser pai e mãe como se só ele tivesse lugar de fala; o permissivo, que busca evitar conflitos e frustrações nos filhos, fugindo da posição de autoridade; e o negligente, que deixa as coisas acontecerem sem sua interferência, sem acolher, orientar e direcionar o filho. “E qual seria o melhor? Um equilíbrio entre eles. Porque, em algum momento, pode ser preciso adotar uma postura ou outra, a depender da situação. Essas quatro posturas podem ser úteis, se bem equilibradas”, conclui.

“

**O pai e a mãe não devem se apegar ao medo de frustrar a criança, mas a como ensinar nessa frustração**

## ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

## Lei possibilita guarda compartilhada

Legislação visa garantir bem-estar dos bichos e consolida entendimento de que eles são integrantes da família

Mirvan Lúcio  
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

A Lei nº 15.392/2026, sancionada no dia 16 de abril, visa assegurar a proteção, bem-estar e responsabilidade com os animais de estimação, em processos de quebra dos vínculos familiares. O texto dispõe sobre as regras estabelecidas para guarda compartilhada dos bichos após situações de divórcio ou dissolução de união estável, restringindo o compartilhamento em situações nas quais forem observados histórico de violência doméstica ou maus-tratos.

Uma pesquisa da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet) apurou que existem cerca de 160 milhões de animais domésticos no Brasil, posicionando o país como o terceiro do mundo no quantitativo populacional dos *pets*. Esses animais fortalecem os vínculos afetivos de muitas famílias, e situações que envolvem separação costumam mexer não só com a rotina e o emocional, mas também com questões delicadas, como a tutoria.

O ordenamento jurídico reconhece os animais como sencientes, ou seja, seres capazes de sentir emoções como medo, alegria, tristeza, perda, insegurança e dor. Até a sanção da nova lei, não existia um dispositivo legal que tratasse, especificamente, desse aspecto relacionado ao bem-estar do *pet*. “O que existiam eram decisões judiciais que reconheciam a necessidade de compartilhamento da guarda no momento da separação. Esses



Antes sem prerrogativa legal, juiz pode, agora, determinar compartilhamento de custódia em caso de separação sem acordo

animais, por serem considerados integrantes da família, deveriam ter a guarda compartilhada”, explica a advogada e professora de Karoline Lucena.

A nova legislação estabelece que, na dissolução de casamento ou de união estável, se não houver acordo quanto à tutoria do animal de estimação de propriedade comum, o juiz determinará o compartilhamento da custódia e das despesas de manutenção do

animal de forma equilibrada entre o casal. Para isso, a Justiça considera de propriedade comum o animal de estimação que tenha passado a maior parte da vida inserido no contexto do casamento ou união estável. A custódia será negada caso o juiz identifique histórico ou risco de violência doméstica e familiar e ocorrência de maus-tratos contra o animal.

O Código Civil de 2002, aplicado até hoje, classifica os

animais como bens móveis móveis. Com isso, em caso de separação judicial, caso não houvesse acordo, a posse do *pet* seria definida com o tratamento jurídico semelhante ao que se dá a outros bens como um móvel ou eletrodoméstico.

Porém, o mesmo Código Civil, quando analisado pela ótica do Direito de Família, a partir da Constituição, reformula a definição das relações familiares. “Elas não ficam mais restritas somen-

te aos vínculos sanguíneos, mas também, e principalmente, aos vínculos de afeto. Nós consideramos como família várias formas de arranjos familiares”, reforça a professora.

O texto recém-sancionado prevê ainda que, no compartilhamento da custódia, o tempo de convívio com o animal de estimação deverá ser estabelecido, levando-se em conta, entre outras condições, o ambiente adequado para a morada, as

## Despesas

**Valores gastos com alimentação e higiene devem ser pagos pelo tutor que estiver com o animal no momento; já despesas como consultas e remédios precisam ser divididas**

condições de trato, de zelo e de sustento do animal, bem como a disponibilidade de tempo de cada um dos tutores.

“Antes, cada juiz poderia agir da forma como lhe conviesse. Hoje, o magistrado deve decidir a divisão equilibrada, na ausência de acordo entre o casal. O mais valioso nessa nova lei é que o animal tem que ser tratado levando em consideração o seu bem-estar, dando ao juiz critérios legais para decidir sobre o animal”, ressalta Ronilton Lins, presidente da Comissão de Direito Ambiental da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB-PB).

Uma vez determinado o compartilhamento de custódia, os tutores ficam responsáveis pelo custeio das despesas, obedecendo a determinação legal. O valor usado em alimentação e higiene deve ser bancado pelo tutor que tiver o animal em sua companhia. Os demais gastos, considerados de manutenção, como consultas veterinárias, internações e medicamentos, precisam ser divididos igualmente.

## Diálogo entre tutores é ferramenta para evitar judicialização da custódia

André e Felipe — cujos nomes reais foram preservados, a pedido do primeiro — mantiveram um relacionamento durante seis anos, em João Pessoa. A relação, que começou em 2012, é um exemplo de como o diálogo e o bom senso podem amenizar o desgaste emocional de uma separação.

O primeiro animal de estimação do casal — uma cadela — foi adotado por André. Tempos depois, Felipe ganhou do companheiro outro cachorro, como presente de aniversário. Do cruzamento entre os bichinhos, nasceu mais um, completando o trio de estimação.

Em 2018, depois de um tempo morando juntos, André e Felipe sentiram o desgaste da relação e resolveram terminar. Era o fim do convívio e o começo das discussões sobre quem ficaria com os cachorros.

A princípio, por questões financeiras, André permaneceu como tutor e custeou todas as despesas. Posteriormente, Felipe estabilizou-se e, tendo se mudado para Campina Grande, reclamou da ausência dos animais. Diante da pressão e de algumas dificuldades atravessadas por André, foi acordado que os *pets*

ficariam sob a responsabilidade de Felipe, na Rainha da Borborema. Na mesma época, André passou a viver outro relacionamento e os *pets* viraram motivo de chantagem emocional por parte do ex-companheiro.

“Quando eu quis pegar os cachorros para ficar comigo um tempo, ele disse que eu não tinha condições financeiras de manter e começou a implicar com tudo. Disse que ele não ia mandar ração nem pagar vacina e que só devolveria os cachorros se eu pagasse metade de uma coleira e um remédio antipulgas que ele havia comprado”, relatou André.

A situação começou a ficar insustentável e a chegada da pandemia agravou ainda mais o cenário. Com o isolamento, André sentia-se sozinho e sabia que os *pets* poderiam ajudar a atravessar a quarentena. Felipe, contudo, não cedia. Foi quando veio a ideia de apelar para a Justiça. “O conflito já estava muito grande e uma amiga advogada me orientou que, se ele não quisesse entregar os cachorros, eu poderia entrar com uma ação”, contou.

Antes de judicializar o caso, André buscou um novo diálogo com Felipe. Por ter

sido responsável pela adoção de um animal e pela compra de outro, documentos como cartão de vacina e recibo de compra estavam em nome de André. Isso poderia levar a um entendimento judicial de que ele deveria ficar com a custódia definitiva. Alertado, Felipe cedeu e resolveu, consensualmente, permitir que os cachorros voltassem a conviver com André.

Hoje, a dinâmica de cuidado com os *pets* “é bem tranquila”, na opinião de André. Embora ele e o ex-companheiro não mantenham mais um diálogo, a mãe de Felipe faz a ponte entre os dois. Atualmente, André está com a cadela em João Pessoa, enquanto os outros dois seguem em Campina Grande. Despesas gerais, como plano de saúde dos animais, são divididas.

“Eu acho que essa nova lei é essencial, porque tem pessoas que optam em ter os *pets* como filhos, que é o meu caso. Não é certo eu ficar sem os meus *pets*, muito menos continuar junto com uma pessoa que eu não quero me relacionar, só para não me afastar deles. Muita gente sofre com isso e eu poderia ser uma delas. Se não tivesse resolvido, eu não ia aguentar”, finalizou.

## Processo de separação não prescinde da atenção contra os maus-tratos

“O animal sente a separação do casal. O que André e Felipe fizeram foi, exatamente, cumprir o que a nova lei recomenda, mesmo antes de ela existir. Eles entraram em acordo não considerando o que eles queriam, mas prevalecendo o direito do animal de ser bem tratado”, analisou Ronilton Lins, presidente da comissão de direito ambiental da OAB-PB.

Uma vez concedida a guarda compartilhada, os tutores devem resguardar todos os direitos preconizados na legislação que criminaliza maus-tratos cometidos contra animais. Caso seja constatado o abuso, “o agressor perderá em favor da outra parte a posse e a propriedade do animal, sem direito a indenização”, descreve o decreto. A mesma regra vale para o tutor que renunciar ao compartilhamento da custódia.

Maus-tratos cometidos contra animais são punidos com reclusão e multa. Para cães e gatos, a lei estabelece pena de dois a cinco anos de prisão, multa e proibição de o condenado reaver a guarda do *pet*. Para os outros animais, a pena varia de três meses a um ano, além de multa. Em casos de violência que resultem na morte do animal, a



Prisão por crime contra cães e gatos pode ser de cinco anos

pena pode aumentar de um sexto a um terço.

Ainda de acordo com Ronilton Lins, “os animais são seres despersonalizados, mas que têm sensibilidade e precisam ser tratados como quem que tem sentimentos, igual aos demais membros da família”. Já a professora Karoline Lucena observa que “a legislação avança, no sentido de trazer instrumentos para, de maneira mais efetiva, garantir a proteção e a dignidade ao animal”.

■ Em caso de maus-tratos, agressor perde a guarda do animal, que passa a conviver apenas com o outro tutor

DEFENSORAS POPULARES

# Projeto reforça proteção às mulheres

Iniciativa lançada na PB capacita lideranças femininas para que elas se tornem rede de apoio a vítimas de violência

Nalim Tavares  
 nalimtavaresrdo@gmail.com

O acesso à informação pode determinar o rumo de uma vida. Por meio da educação em Direitos Humanos, por exemplo, o caminho à Justiça é facilitado e encontram-se meios para reduzir desigualdades e combater a violência. É com esse objetivo que surge o projeto Defensoras Populares, iniciativa nacional lançada na Paraíba com o propósito de capacitar 120 mulheres para reconhecer situações de risco, perpetuar conhecimentos e fortalecer a rede de proteção, especialmente, em territórios mais vulneráveis, aproximando-os dos serviços públicos.

Lançado oficialmente em março deste ano, o Defensoras Populares surgiu mediante o programa pátrio Antes que Aconteça, em parceria com o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) e vinculado ao Pacto Nacional Brasil Contra o Femicídio. A ação também conta com o apoio da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e com a participação de instituições estaduais, como a Defensoria Pública do Estado (DPE-PB), para promover oito meses de formação híbrida para as participantes, que receberão uma bolsa de R\$ 700 reais ao longo do curso.

De acordo com a senadora Daniella Ribeiro, coordenadora do projeto Antes que Aconteça, a iniciativa surge para levar informação, orientação e acolhimento para dentro das comunidades. As

Defensoras Populares, mulheres que vivem ou já viveram em situação de vulnerabilidade, serão uma ponte entre os canais de denúncia, as redes de apoio e as pessoas que precisam, ajudando a prevenir e combater a violência. “A formação proposta não se trata, apenas, de transmitir conteúdo, mas de construir consciência, fortalecer lideranças e ampliar o acesso à informação qualificada, para que essas mulheres possam se tornar referências em suas comunidades, apoiando outras na busca por direitos, proteção e acesso à rede de atendimento,” diz a senadora.

A seleção das defensoras ocorreu a partir de um edital, além de análise curricular e relato histórico das participantes. Para Daniella, a pluralidade de experiências é muito valorizada dentro do projeto, que é composto, majoritariamente, por mulheres que já atuavam em prol de causas sociais. “Também é importante destacar a diversidade territorial: o grupo inclui mulheres de áreas urbanas, rurais e de comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, pesqueiras e ciganas,” explica.

Atualmente, o primeiro grupo de defensoras está finalizando o Módulo 1 do curso, que trabalha a participação das mulheres na conquista da democracia, a fim de estabelecer uma base histórica e política que ressalte a importância da atuação delas. A formação é composta por videoaulas, encontros síncronos que promovem tro-



Fotos: Arquivo pessoal

ca de saberes e por momentos de estudo individual, que ajudam na consolidação da aprendizagem. A previsão é que o curso seja concluído em novembro deste ano e, ao longo deste período, as cursistas serão apresentadas aos instrumentos que compõem a rede de segurança e apoio à disposição da sociedade.

“Essa formação tem impacto não apenas individual, mas coletivo. Cada mulher que participa do projeto amplia sua capacidade de compreensão sobre direitos e políticas públicas, e também passa a ter mais condições de orientar, acolher e encaminhar demandas em sua co-



Senadora Daniella Ribeiro (C): defensoras populares acolhem, orientam e encaminham

munidade,” afirma Daniella Ribeiro. Segundo ela, esse caráter cooperativo, que visa o bem-estar coletivo, é uma das maiores forças do projeto Defensoras Populares.

Por isso, pensando em

ampliar, cada vez mais, o alcance da iniciativa, a senadora revela que, em breve, haverá o lançamento de um novo edital, desta vez para um projeto intitulado Jovens Defensores, que segue linha

semelhante ao Defensoras Populares: informar, capacitar e desenvolver o pensamento crítico dos jovens, com o objetivo de torná-los cidadãos conscientes de seus direitos na sociedade.

## Curso une conhecimento formal à vivência das participantes

Ao investir na educação em Direitos Humanos, o Defensoras Populares procura unir o conhecimento institucionalizado, formal e prático, àquele adquirido pelas participantes por intermédio de suas vivências. Com base na experiência, espera-se que as 120 mulheres que compõem esse projeto sejam capazes de se aproximar de pessoas em vulnerabilidade, e de acolhê-las com empatia e compreensão, guiando-as para a rede de proteção do Estado.

Entre as participantes, está a publicitária e ativista Carolina Vieira dos Santos, vice-presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência da Paraíba (CEDD-PB). Ela conta que, em 2017, sofreu um acidente de trânsito que deixou sequelas de paraplegia e, desde então, tem se empenhado para construir uma sociedade mais plural e inclusiva.

“Também sou mãe de coração, de um rapaz com Deficiência Intelectual (DI) e que está no transtorno do espectro autista (TEA), vítima de violência física da mãe biológica. Quis participar do Defensoras Populares por crer que, com o apoio e mentoria das profissionais que coordenam o projeto, vou melhorar minha atuação nos segmentos aos quais pertencço, para ajudar a construir uma so-



Foto: Arquivo pessoal/Carolina Vieira dos Santos

Carolina Vieira (C) integra o projeto e sonha em construir uma sociedade mais igualitária

ciada mais igualitária,” ela relata.

Mulher negra e moradora da periferia, Carolina fala que já sofreu diversas formas de discriminação e entende que a formação proporcionada pelo projeto vai agregar às ações que executa no seu cotidiano de ativismo. “Através dessa formação, eu não apenas amplio o meu acesso às políticas públicas, como tam-

bém consigo levar outras pessoas para esses espaços comigo. É preciso que se amplie, cada vez mais, o conhecimento e o protagonismo de mulheres que, por exemplo, são como eu, negras, com deficiência e moradoras de comunidade, para que esse grupo saia da condição de invisibilidade e alcance a justiça social,” anuncia.

Encarando a jornada jun-

to com Carolina, está a empreendedora social, mãe e artista visual Fany Miranda, atual presidenta da Associação de Mulheres Empreendedoras da Paraíba (AME-PB) e fundadora da ONG Jampa Invisível, voltada ao apoio de pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social. Para ela, “o curso vem sendo desenvolvido de forma muito dinâmica, com encontros, de-

bates, reflexões e atividades práticas que conectam teoria e realidade. Isso faz com que cada aprendizado possa ser aplicado diretamente nas comunidades, ampliando nossa capacidade de orientar, acolher e transformar vidas,” defende a artista.

### Agentes de mudança

Segundo Fany, ver redes de proteção sendo fortalecidas e ampliadas é um sinal de esperança, força coletiva e avanço social. “Formar lideranças femininas significa multiplicar conhecimento, ampliar vozes que historicamente foram silenciadas e criar referências positivas dentro dos territórios. Mulheres preparadas se tornam agentes de mudança, capazes de acolher, mobilizar e abrir caminhos para tantas outras,” declara.

Ao longo de sua trajetória, Fany conta que sempre buscou orientar mulheres para que desenvolvessem suas capacidades, conquistassem independência financeira e ocupassem espaços com mais segurança e confiança. “Esse é um caminho importante de enfrentamento à violência, especialmente quando falamos sobre vulnerabilidade social, dependência econômica e silenciamento feminino. Hoje, me sinto ainda mais preparada para unir empreendedoris-

mo, cidadania e defesa de direitos, contribuindo para que mais pessoas rompam ciclos de violência e construam novos caminhos.” Para ela, o Defensoras Populares é um projeto que representa um avanço significativo no enfrentamento às desigualdades, ao procurar garantir que nenhuma mulher precise lidar sozinha com situações de violência ou exclusão.



Foto: Arquivo pessoal/Fany Miranda

**Formar lideranças femininas significa ampliar vozes que historicamente foram silenciadas**

dia das ~  
**Mães**  
EPC

# Um viva àquela que se comunica em forma de presença!

No olhar atento e sincero, no abraço que acolhe e aquece e na coragem de ensinar todos os dias, as mães têm o dom de transformar gestos simples em mensagens de amor, união e esperança.

M A R K E T I N G E P C

MÚSICA

# Recital roqueiro

*Bruno Hrabovsky traz hoje a João Pessoa o show Rock ao piano, tocando sucessos do Pink Floyd e do Queen*

Daniel Abath  
abathjornalista@gmail.com

Nada de banda, efeitos visuais ou mesmo voz. Apenas o piano assume o papel de “narrador” musical para percorrer, em ordem cronológica, a trajetória de uma das bandas mais influentes do rock mundial de todos os tempos. É com essa proposta que o pianista curitibano Bruno Hrabovsky retorna a João Pessoa com o espetáculo *Rock ao piano: especial Pink Floyd*, em apresentação marcada para hoje, às 19h, na Sala de Concertos Maestro José Siqueira, do Espaço Cultural, em Tambauzinho. Os ingressos estão à venda no site Guichê Web por R\$ 80 (inteira) e R\$ 40 (meia) – assentos PcD custam R\$ 35.

O regresso à capital paraibana, ocorre após uma passagem anterior, realizada em 2023, quando o artista trouxe o mesmo projeto à cidade. “É uma das poucas cidades onde estou repetindo esse ano”, anuncia o músico, para quem João Pessoa está entre os destinos onde costuma encontrar boa recepção de público, fator determinante para incluí-la novamente no roteiro.

Além disso, o retorno também responde a uma circunstância específica vivida na última passagem pela capital. Na ocasião, a apresentação coincidiu com o *show* de uma das maiores bandas *covers* nacionais do Pink Floyd, o que acabou dividindo a audiência. “O público ficou muito dividido, muita gente reclamando, mas aconteceu, coisa de agenda”, explica Bruno, que, diante do imprevisto, assumiu o compromisso de voltar ao solo pessoense com o espetáculo, sem concorrência direta.

O calendário da empreitada solitária é segmentado em dois momentos distintos: no primeiro semestre, as apresentações são dedicadas ao

repertório do Pink Floyd; no segundo, o *show* se volta à obra do não menos lendário grupo Queen. A escolha por manter apenas dois especiais, segundo o artista, está relacionada à profundidade do trabalho de adaptação e à proposta estética que orienta o projeto.

Seguindo lógica própria ao *show*, o cancionário da noite deve evocar do primeiro álbum da banda inglesa, *The piper at the gates of dawn* (1967), até o derradeiro, *The endless river* (2014).

#### Floyd desde pequeno

Criado em 2013, *Rock ao piano* surge motivado pela formação erudita de Hrabovsky e de sua relação pessoal com o repertório do rock e do metal. O músico conta que, desde cedo, desenvolveu a habilidade de transpor músicas desses gêneros para o instrumento de cauda, o que gradualmente resultou na construção de arranjos próprios.

“Eu estudo piano erudito desde pequeno e aos poucos fui percebendo uma facilidade auditiva em que eu conseguia criar arranjos tirados de ouvido daquilo que eu mais gostava de ouvir”, diz ele. “E Floyd sempre foi a maior influência; a principal banda que os meus pais ouviam em casa – cresci ouvindo esses álbuns todos. Naturalmente foi a banda com que eu comecei a criar mais arranjos”.

Com o especial dedicado ao Pink Floyd, caiu na estrada já em 2014, propondo um concerto estruturado a partir de um recorte específico: uma música de cada um dos 15 álbuns de estúdio da banda britânica, executadas em sequência cronológica. A ideia, segundo Hrabovsky, foi concebida como forma de construir uma narrativa histórica da discografia, evitando uma seleção baseada apenas em

preferências pessoais ou critérios comerciais.

“Quando comecei a montar a ideia da apresentação, vi que eu queria fazer uma homenagem pra banda e não algo sobre o meu gosto ou algo que fosse puramente comercial. Então pra mim fazia sentido que fosse uma trajetória cronológica – narrar a história deles do começo em diante. Ainda mais eu sendo fã da banda, nossa! Se deixasse, eu colocaria umas 50 músicas”, confessa.

Justo por essa condição, Hrabovsky optou por uma série de decisões técnicas e artísticas, testando diferentes arranjos para cada disco e considerando fatores como duração, dinâmica e fluidez do espetáculo. “Tentei alternar músicas mais curtas e mais longas para não ficar muito cansativo, além de avaliar quais funcionariam melhor no piano”, atesta.

A execução ao piano é um dos elementos centrais do projeto, sem voicais ou acompanhamento de outros instrumentos, buscando aproximar-se da lógica de um concerto erudito, ainda que baseado em repertório do rock, e estabelecer um ponto de contato entre públicos distintos.

O contraste também se estende ao outro especial do artista, dedicado ao Queen. Criado em 2022, o espetáculo apresenta desafios técnicos distintos, segundo o pianista: “A ideia do Queen veio porque eu percebi que é uma ideia muito comercial, mas que ainda assim eu conseguiria fazer uma apresentação que fugisse disso. Inclusive os arranjos da minha turnê do Queen são muito mais difíceis. Se eu ficar dois anos sem encostar no piano e voltar pra tocar a turnê do Floyd, eu me viro. A turnê do Queen eu

tenho que estudar um monte”.

Ainda assim, a escolha pela banda britânica levou em conta tanto sua popularidade quanto a possibilidade de explorar aspectos menos evidentes de sua obra.

Com mais de 140 cidades percorridas pelo Brasil, Hrabovsky mantém uma rotina de circulação intensa, organizada de forma independente. O músico comenta que costuma negociar diretamente com teatros e espaços culturais, o que facilita a logística das apresentações no país. No exterior, no entanto, a dinâmica é diferente.

“Acho que precisaria da ponte de um produtor local”, afirma, ao mencionar tentativas de apresentações em países como Espanha e Argentina que não se concretizaram. Até o momento, a única experiência internacional ocorreu de forma pontual, durante uma viagem à Nova Zelândia, quando realizou uma apresentação em uma escola de música – apesar do interesse em expandir a circulação do projeto, o pianista aponta as dificuldades de articulação como principal obstáculo.

Questionado sobre o álbum preferido do Pink Floyd, não deu outra: “*The Dark Side of the Moon* [de 1973]. É o ápice do que eles conseguiram fazer”.

#### ONDE:

■ SALA JOSÉ SIQUEIRA  
(Espaço Cultural, R. Abdias  
Gomes de Almeida, nº 800,  
Tambauzinho, João Pessoa).

Foto: Victor Carneira/Dynulgação

Foto: Valério Silveira/Dynulgação



O pianista paraense une sua formação erudita e a relação pessoal com o rock

## Artigo

Carlos Azevêdo Filho  
Jornalista e professor | Especial para A União

## Os jovens chamam isso de “rolê aleatório”

Os meus joelhos já não aguentavam. Anos preso nessa grande caixa de madeira, apesar de estar confortavelmente sentado numa replica de um banco de praça. Eu queria mesmo era estar no Ponto de Cem Réis. Escutar o movimento nervoso do lugar, sentir aquele cheiro de café que sai do balcão do Aurora. Acompanhar o passa-passa de gente. Observar o colorido dos carrinhos dos ambulantes vendendo frutas da estação e verduras. Sentir o cheiro do churrasquinho sendo preparado na brasa de carvão.

Cá estou de volta a observar a nova praça. Ao longe, vejo as mesmas árvores e alguns novos bancos. Bem perto de mim, o meu amigo Vidal está ali plantado do outro lado, forte, vigiando tudo numa atitude imponente e militar. Ele é o mais velho aqui no Ponto de Cem Réis. Ele me confidenciou que a noite a gente fica mais vulnerável. O comércio de quinilharias chinesas começar a ensaiar a fechar logo na boquinha da noite, quando não está nem escuro, completamente ainda. A sapataria

também. Tudo vai ficando cada vez mais nervoso e a escuridão vai ganhando terreno. Ferido em sua luz, o sol vai se escondendo apressado. E um amarelo apagado de uma lâmpada desesperada vai banhando o lugar e assustando os pedestres que se deslocam atrás de voltarem em segurança para casa, num ônibus lotado.

Ficamos eu e meu amigo Vidal, nessa hora do *angelus*. Ele vigiando tudo preocupado e eu, como boêmio que sou, pensando em dar uma esticada no outro dia, no Sabadinho Bom. Lá tem o meu amigo chamado Zé Maria. Ele é um barão, Barão do Rio Branco, gente finíssima. Ele sempre promove festas aos sábados, reunindo curiosos, turistas, moradores de rua, catadores de latinhas recicláveis e vendedores de cerveja e tira-gosto. Tudo começa logo cedo com muito chorinho e cerveja. Depois é servida, no beco da cachaçaria de Carlão, uma bebida envelhecida em tonéis de carvalho. Por fim, quase que só para iniciados, no Loco como Tu Madre, rola um jazz ao lado da loja Branca Dias. Os jovens chamam isso

de “rolê aleatório”. Sei não, eu precisava me encaixar em alguma tribo, encontrar gente, expandir. Principalmente porque a vida de estátua não está fácil na capital das acácias. O velho poeta Caixa d'Água que o diga, que teve sua pasta roubada com os originais de um livro que ele achava que dava para ganhar, no mínimo, um prêmio Jabuti ou, quem sabe, um Nobel. Sem falar de Jackson do Pandeiro, que ficou sem seu instrumento, perdendo o ritmo.

No próximo Carnaval, eu já sei o que vai ser sucesso no bloco Anjo Azul, de Ednamey Cirilo ou no Bloco da Resistência, da livraria Café das Letras, do nosso amigo Patativa. “Eu mato, eu mato, quem roubou minha cueca pra fazer pano de prato”. Uma modesta contribuição desse boêmio imortalizado em bronze que vos fala, combatendo essa violência toda que opera no Centro Histórico.

*Estevam Dedalus, que escreve neste espaço aos domingos, volta na semana que vem.*

Kubitschek  
Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

## O disco de Marina Lima

Não sei de onde o crítico João Perassolo, da *Folha de S. Paulo*, tirou essa ideia de que o novo álbum *Ópera grunkie*, de Marina Lima, é o pior da carreira da cantora, gerando repercussão e debate na mídia. O disco é dos melhores da artista.

É inevitável o sentimento de Marina Lima, impregnado, que ela carrega em suas canções, *performances*, nessa chegada aos 70 anos. O disco *Ópera grunkie* é uma evolução, uma explosão colossal de sons e tons. Já ouvi diversas vezes e não me canso.

O álbum é dividido em três atos, como se fosse ao vivo, uma peça de teatro, uma ópera moderna e redundante não sou. Nesse trabalho, Marina explora o luto, o amor e o cosmopolitismo do irmão, Antônio Cícero.

Parcerias presentes atravessando o purgatório até o paraíso, com diálogos abundantes, dela e do irmão. O álbum é repleto de imagens, colagens, ruídos eletrônicos, diálogos e *samples* de vozes. Muitas vozes. É incrível. Nunca tinha visto isso nos discos de Marina Lima.

A primeira faixa “Abertura”, tem algo do eclipsado e segue com “Partiu” aliás, o conceito *grunkie* é “tribo” (é tribo mesmo, e não grupo), um espaço que faz referência ao termo criado pela artista para definir sua gente, reunião de pessoas livres, inteligentes e corajosas que aceitam as diferenças. Ai, já diz tudo.

O recado dado em “Partiu” (segunda faixa) é de uma compositora não mais aflita, que pede carinhosamente “o cola comigo, fora do umbigo e uma vida inteira para plantar e para colher”. Quer sacada maior?

Isso dela dizer “plantar e colher” é tarefa nossa, mesmo que uns não queiram. Essa canção nos leva a colher a luz e a verdade que cegam, a sua energia de sons gotejantes, que circulam nas ações revolucionárias — ainda — de compor e cantar.

O disco segue. “Perda” (quarta faixa) traz o cinema da carona que seu irmão Antônio Cícero, pegou com Descartes, no Rio de Janeiro — um mundo afim e indicações que ainda estamos aqui, com vocábulos se ampliando, dores e encantamentos.

Na quinta faixa “Meu poeta”, Marina fala antes do som: “Eu compreendi você, vou te amar eternamente” e logo ela nos chama para dançar com musas e deusas, taludes e superfícies.

No “Samba pra diversidade” que ela dedica a Badsista, Marcelo D2 e Maria Bethânia, vem com um ritmo a fluir, invocando a melodia de todo dia, traços que vão dar longe num foguete, até um bonde em pleno gingado.

“Olivia”, a sétima faixa é uma festa. O som vem de todos as tribos, um dialogo com quem teria sido convidado para festa de Olivia, é um delírio. Em “Collab grunkie”, a festa se estende com Laura Diaz, vocais de Mano Brown. Do sal da tribo surge a voz de Fernanda Montenegro declamando.

Nesse caminho, a faixa “Um dia na vida” com Ana Frango Elétrico, Marina anuncia o sol — o sol na moleira, aí surge uma gata angorá, ela, por elas, Marina Lima.

“Chega pra mim”, com Adriana Calcanhoto, traz a máscara da noite e o mar a subir, subir, subir, além dos gozos.

Como diz seu irmão Antônio Cícero, “Não se entra no país das maravilhas, pois ele fica do lado de fora”.

## Kapetadas

1 – Maravilhoso, sensacional, excelente, seu disco, Marina Lima

2 – Olha, o teu julgamento diz zero sobre quem eu sou, mas diz tudo sobre o tipo de terapia que você precisa.

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

## Diversidade cultural e identidade nacional

Johann Gottfried von Herder (1744–1803) foi filósofo, teólogo, poeta e crítico literário alemão, reconhecido como um dos pensadores do pensamento moderno acerca da cultura, da linguagem e da história. Sua obra influenciou o desenvolvimento do historicismo, do romantismo alemão e das concepções modernas de identidade nacional. Entre seus escritos mais relevantes destaca-se *Ideias para a filosofia da história da humanidade*, publicado em vários volumes de 1784 a 1791, no qual Herder propõe uma interpretação orgânica da história humana, compreendida como um processo de desenvolvimento gradual das capacidades intelectuais, morais e culturais da humanidade. Nessa obra, ele rejeita a ideia iluminista de uma história universal fundamentada em padrões abstratos e universais de razão.

Em oposição ao racionalismo do século 18, o filósofo defende que cada povo possui uma formação histórica singular, condicionada por fatores geográficos, climáticos, linguísticos e culturais. Em seu livro *Outra filosofia da história para a educação da humanidade*, publicado em 1774, Herder afirma: “cada nação traz em si o centro de sua felicidade” (1995, p. 41-42), o que significa que nenhuma cultura pode ser julgada exclusivamente pelos critérios de outra. Dessa forma, a história deixa de ser concebida como uma linha reta de progresso universal e passa a ser entendida como a manifestação plural das experiências humanas ao longo do tempo.

Outro aspecto do pensamento herderiano encontra-se em *Ensaio sobre a origem da linguagem*, publicado em 1772. Nesse livro, o pensador defende que a linguagem surge naturalmente das necessidades humanas de comunicação e expressão. Para o autor, a linguagem é a própria condição de formação do pensamento humano. Nessa obra, traduzida pelo pintor e professor português José Miranda Justo (1951), Herder afirma: “o homem pensa por meio da linguagem” (1987, p. 25), estabelecendo uma relação entre idioma, consciência e cultura. A linguagem, portanto, preserva a memória coletiva e expressa o caráter singular de um povo, tornando-se o prin-



Foto: Reprodução

Herder: filosofia, educação e história

cipal elemento constitutivo da identidade cultural.

As concepções de Herder exerceram influência sobre o movimento cultural e literário alemão Sturm und Drang, desenvolvido aproximadamente, de 1760 a 1780. Esse movimento valorizava a emoção, a subjetividade, a liberdade criadora e a exaltação do gênio individual, em oposição às normas rígidas do classicismo e ao racionalismo iluminista do século 18. A defesa herderiana da espontaneidade cultural e da autenticidade popular contribuiu para o surgimento da diversidade cultural, o sentimento nacional e a valorização das tradições populares. Nesse processo, Herder defendia a importância do folclore, da poesia popular e das manifestações culturais locais como expressões legítimas de um povo.

O conceito mais significativo do pensamento político e cultural de

Herder é o “espírito do povo”. Para o filósofo, cada nação possui uma alma coletiva própria, manifestada por meio da língua, das tradições, da literatura, da música e dos costumes compartilhados. O nacionalismo herderiano não se fundamenta prioritariamente em fronteiras territoriais ou instituições políticas, mas na unidade cultural e histórica de uma comunidade, nas quais a ideia de que a identidade de uma nação está vinculada ao idioma e às suas expressões culturais. Assim, todas as culturas possuem dignidade própria e devem ser compreendidas em seus fenômenos históricos específicos.

A concepção herderiana de história é proposta por Herder por uma interpretação orgânica, comparando o desenvolvimento da humanidade ao crescimento de um organismo vivo. Assim como um indivíduo atravessa infância, juventude e maturidade, as civilizações também percorrem estágios históricos particulares. Essa perspectiva está fundamentada na empatia e na compreensão do passado. Segundo Herder, compreender uma época exige penetrar em seus próprios valores e experiências. Seu historicismo consolidou a ideia de que a humanidade deve ser compreendida em sua diversidade cultural e histórica. Suas reflexões sobre linguagem, identidade e cultura anteciparam debates contemporâneos acerca da formação das nações e da relação entre cultura e política. O pensamento herderiano permanece relevante por defender que o desenvolvimento da humanidade depende do reconhecimento da pluralidade das culturas e da valorização das diferentes formas de experiência histórica.

*Sinta-se convidado à audição do 567º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 10 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre peças que apresentam a diversidade cultural e a identidade de um povo por meio do folclore, do regionalismo e do nacionalismo na música erudita.*



Foto: Divulgação

Capa do novo disco de Marina Lima: Ópera grunkie

# Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

## Caminhos de um cinema em revista

Existe uma tradição indelével de cinema na Paraíba. É fato, é inegável. Outrora, no plano da reflexão crítica e da discussão teórica, por meio de segmentos importantes como os cineclubes e da própria Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP).

Com base em todos esses princípios, a Academia Paraibana de Cinema (APC) vem revelar, nos dias de hoje, o significado de sua verdadeira face, atentando para o recebimento dos artigos para a revista *Cinenordeste*, justamente para homenagear, além das várias nuances do próprio cinema que representa, uma figura ilustre da cinematografia paraibana e um dos fundadores da nossa APC, o crítico e jornalista Wills Leal, justamente neste mês de sua morte.

Hoje, comungando o sentimento de toda a classe cinematográfica, a APC resgata mais uma vez a importância do consagrado paraibano, um dos iniciadores das letras do nosso cinema, dedicando-lhe, como proposta, a continuidade da publicação da revista *Cinenordeste*. Edição que deve trazer também como foco de discussão vários temas pertinentes, inclusive sobre os nossos valores humanos, premiando a capacidade de suas realizações na sétima arte. Contextualizando e focando na visão individualizada de cada articulista da revista, e trazendo repasse de alguns instantes da vida cinéfila paraibana. Notadamente, no plano da exibi-

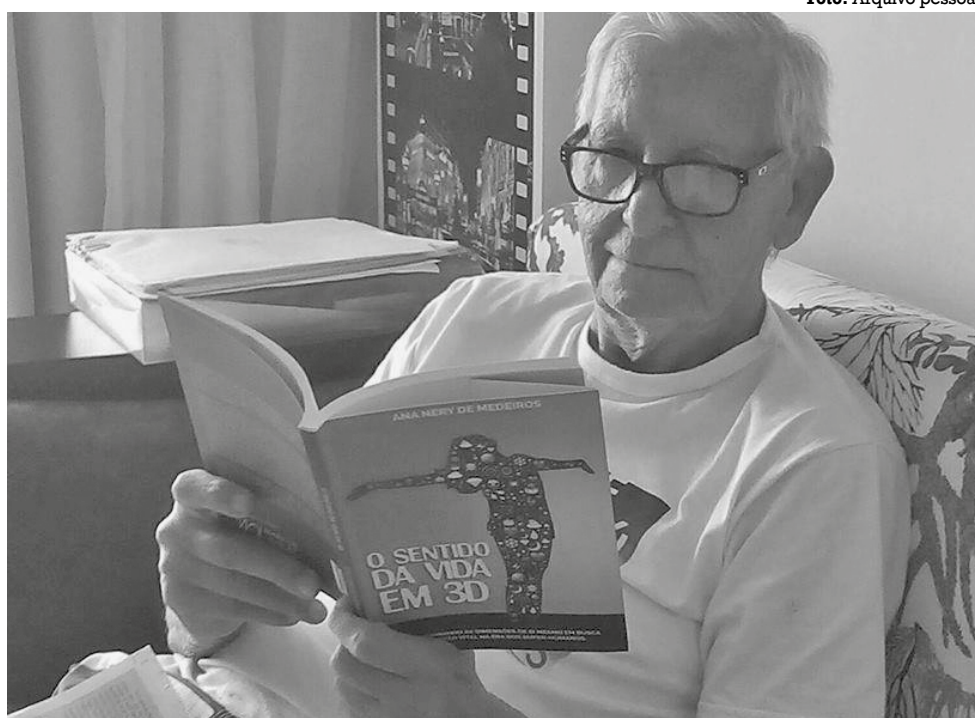


Foto: Arquivo pessoal

Wills Leal, fundador da revista *Cinenordeste* e primeiro presidente da Academia de Cinema

ção como um dos segmentos da cadeia produtiva do cinema.

De conteúdo diversificado de opiniões, mas sem perder o foco principal, as edições de *Cinenordeste*, conforme ficou provado nas edições anteriores, têm a particularidade de segmentar-se entre vários relatos de memória, contemplando os reais personagens que fizeram e ainda fazem a história do cinema paraibano. Isso, em suas múltiplas nuances, estendendo-se aos impressos, que, um a um, foram sendo fechados sob a exigência inexorável das novas tecnolo-

gias imposta pela mídia eletrônica. A revista terá encartadas, ainda, várias opiniões sobre nossos homenageados, seus dados biográficos, culminando com depoimentos pessoais de alguns dos nossos realizadores sobre o cinema paraibano de ontem e dos tempos atuais.

O retorno da revista traz também um motivo todo especial, que seria o da homenagem ao seu fundador e da nossa Academia Paraibana de Cinema, Wills Leal, que a atual presidência e seus pares fazem questão de homenagear. – [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br)



## APC é convidada a participar do júri do IFPB

A Academia Paraibana de Cinema acaba de receber convite do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) para participar como jurada do Festival de Melhor Curta-Metragem deste ano. O convite partiu da organização do certame, e a APC deverá indicar um membro que integrará o júri. As sessões e entrega dos prêmios serão no Cine Bangüê, em agosto próximo, ampliando as parcerias institucionais das entidades envolvidas.

Para o presidente da APC, João de Lima, o evento é um ótimo estímulo para jovens realizadores, especialmente aqueles vinculados à rede pública de ensino tecnológico.

## CINEMA

# Mãe e filho entra em cartaz hoje no Bangüê

Emerson da Cunha  
[emerson.anniao@gmail.com](mailto:emerson.anniao@gmail.com)

Desde a Revolução Islâmica, em 1979, o regime autocrático e religioso do Irã vem restringindo severamente a atuação social e política das mulheres. Entre as principais imposições, estão a obrigatoriedade de uso do *hijab*, um véu de cobertura dos cabelos, e direitos civis limitados, especialmente em casos de casamento, divórcio e guarda dos filhos. Por outro lado, o país também vê uma maior participação ativa das mulheres, ora se autorizando a não usar o *hijab*, ora nos altos números de admissões universitárias e de participação no parlamento. É na tensão entre as restrições morais, sociais e políticas impostas às mulheres e a busca por uma maior ativida-

de feminina no Irã que se sustenta o filme *Mãe e filho*, que entra em cartaz hoje no Cine Bangüê.

O longa, dirigido por Saeed Roustaei (*Uma vida e um dia*, 2016, e *Os irmãos de Leila*, 2022), conta a história de Mahnaz (Parinaz Izadyar), uma enfermeira viúva que cuida dos seus dois filhos com a ajuda da mãe e da irmã, em um contexto em que tudo parece conspirar contra ela. Trabalhando em um hospital, ela decide se casar novamente com um motorista de ambulância, com a condição de que ela “esconda” os filhos dos futuros sogros.

Os filhos ficam então com o avô paterno enquanto os sogros a visitam, mas um grave acidente coloca tudo sob risco, incluindo o próprio noivado. Embora o afastamento

dos filhos soe como “natural” no contexto, o ato carrega uma violência simbólica visibilizada pelo autor. A ideia é operar, a partir do seio familiar e micropolítico, as dinâmicas e restrições macropolíticas e nacionais.

Os labirintos e os pequenos atalhos necessários para se viver sob tanta vigilância e restrições são traduzidos nos pequenos espaços de vivência e convivência das personagens. São apartamentos pequenos, quartos e corredores apertados, que contribuem para a sensação de opressão. Além disso, após o ocorrido com os filhos, conflitos e reviravoltas levam o filme em uma construção melodramática que pode resultar em excessos, mas que não fazem a trama perder sua força.

O filme concorreu pela

Palma de Ouro no Festival de Cannes no ano passado. No ano de 2022, outro dos filmes de Roustaei, *Os irmãos de Leila* também foi exibido no Festival de Cannes, mas, desta vez, levando o diretor a ser condenado a seis meses de prisão pelo regime iraniano sob acusação de contribuir para a propaganda de oposição ao sistema islâmico.

### SESSÕES

- Hoje: 19h
- Quinta, 14/5: 20h
- Terça, 19/5: 20h
- Sexta, 22/5: 16h
- Domingo, 24/5: 19h
- Quarta, 27/5: 20h
- Sábado, 30/5: 19h



Foto: Divulgação/Retrato

Mãe enfermeira enfrenta problemas com o filho rebelde, com um noivado e com uma tragédia que a faz lutar por justiça

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

## O poeta na mira do repórter

Marcelo Abreu é repórter que sabe o que faz. Na revista *Pernambuco*, de abril de 2026, entrevistando o poeta Sérgio de Castro Pinto, traça-lhe o perfil, em texto de entrada e numa sequência de perguntas que podem servir perfeitamente como um portal de acesso, para o leitor, ao universo poético que construiu ao longo do tempo.

Diziam T. S. Eliot, num dos versos de *A terra desolada*, que “abril é o mais cruel dos meses”, decerto pelos estragos da Primeira Guerra Mundial no cenário londrino. Sérgio de Castro Pinto é do mês de abril, dia 25, e fez exatamente seus 79 anos, numa trajetória de inteira dedicação aos sortilégios da palavra lírica. A entrevista, à parte o ditame das guerras que ainda persistem no mundo dito “civilizado”, traz o sabor de homenagem e reconhecimento.

O repórter, de saída, cita palavras de Ivo Barroso, marcadas pela pertinência, sobretudo porque, em síntese, o poeta-tradutor toca no eixo nuclear da poesia do paraibano, nestes termos: “Seus poemas são imagens que conseguem, com duas pinceladas, pintar um mural salpicado de humor”. A economia dos meios expressivos e a percepção filtrada pelo olhar humorístico condensam, sim, o jogo imagético do autor de *Gestos lúcidos*. São elementos intrínsecos à sua dicção, desde o primeiro livro às últimas coletâneas.

Algumas passagens sublinhei, e nelas vejo a presença do poeta que sente e pensa em meio às solicitações da vida e da expressão literária. Seu primeiro contato com o país da poesia se deu, diz ele, através do pai, Petrólio de Castro Pinto, cronista que escrevia “sob a égide da inspiração”. O assunto recorrente desse cronicário, segundo o poeta, residia na “luta entre liberais e perrepidistas, em 1930”. A voz poética se insinua pela prosa jornalística, quando Sérgio de Castro Pinto arremata: “Comecei a ler as crônicas e a ter uma saudade atávica da infância dele, imagine”. Um filho com saudade da infância do pai! Matéria fértil para o devaneio lírico.

Mais à frente, respondendo à outra indagação do repórter, o poeta se sai com esta maravilhosa digressão filosófica: “(...) nenhuma vida é inteira; por mais completa que seja, falta sempre alguma coisa”. Claro: a vida, a realidade, o mundo, tudo está cheio de buracos, lacunas, vazios, indeterminações. Talvez a poesia, ou melhor, o poema, exista exatamente para preencher esses espaços desconhecidos e inexplorados.

A partir da frase de William Wordsworth (“A poesia é a emoção recolhida na tranquilidade”), referida por ele tantas vezes, levanta a sugestiva hipótese de que os poetas temos “um almoxarifado lá dentro”, onde vamos “depositando as coisas”. Perfeito. O poema pressupõe o estado poético. O estado poético é amorfo e caleidoscópico. Funciona como um depósito e, cedo ou tarde, se abre ao abrigo das palavras organizadas na composição do poema. Meio à Valéry, diria que a inspiração possui também uma história.

Se à linguagem do poeta não escapa a agulha afiada da ironia, ao homem não falta o gosto do lúdico, o apelo sempre essencial do riso enquanto categoria de leitura. Falando de bichos, motivos tão recorrentes na sua obra poética, afirma, entre sarcástico e brincalhão: “Gosto mais de animais para fazer poemas do que para colocar dentro de casa”. Aqui, nos aproximamos, tirante, para mim, a companhia dos pássaros e dos muitos cavalos que correm nos meus sonhos.

Lembrando Drummond, salienta que na poesia “a palavra se liberta do estado de dicionário e ganha outras dimensões e significados”. Afirma também, em outro tópico, que sua poesia é “calcada nas coisinhas miúdas, nos sobejos de Deus”. Estes “sobejos de Deus” me parecem ótimos. Verdade: constitui peculiaridade única, ao estilo poético do autor de *A ilha na ostra*, os restos, os rastros, os vestígios, o pequeno, o ainda informe. Certamente por isto, em momento de aguda lucidez e de humor inteligente, como que resume o percurso singular de sua poética individual, declarando: “Como no livro de Cortázar, prefiro dar a volta ao dia em 80 mundos do que dar a volta ao mundo em 80 dias”.

## QUADRINHOS

## Júlia enfrenta nêmesis em capa dura

As duas primeiras histórias da criminóloga das HQs italianas são relançadas em nova coleção pela Panini

Renato Félix  
renatofelix.correio@gmail.com

Embora Audrey Hepburn até tenha feito um ou outro suspense em sua carreira como atriz, esse não era, nem de longe, o gênero mais associado à atriz. Esse contraste é o pilar da HQ *Júlia*, do roteirista italiano Giancarlo Berardi, publicada no Brasil desde 2004 pela Mythos e que agora tem suas duas primeiras histórias republicadas em *Júlia & Myrna: diário de uma psicopata*. É o primeiro volume da coleção em capa dura *Biblioteca Júlia*, lançada

agora pela Panini

O gibi é centrado em Júlia Kendall, um criminóloga que dá aulas na universidade, mas também é frequentemente requisitada para ajudar a polícia na investigação de diversos crimes. Ela é "interpretada" por Audrey Hepburn. Ou seja: é desenhada com o rosto e tipo físico da atriz belga.

Da mesma forma, outros personagens da série têm rostos de atores de Hollywood. A dupla de policiais Alan Webb e Ben Irving são calcados em John Malkovich e John Goodman. Já a empregada Emily é Whoopi Goldberg.

As duas

primeiras edições de *Júlia*, reunidas no novo álbum, traziam as duas primeiras partes de uma trama em três capítulos, na qual a criminóloga volta a ajudar a polícia para caçar um serial killer. A identidade do assassino é a jovem Myrna, que passará a ser a nêmesis de Júlia, voltando ocasionalmente à série.

Mesmo em três capítulos, cada um deles tem um fechamento. Myrna retorna no número 39, depois no 86, 108, 118, 122, 132, 139, 142 e 151 da publicação brasileira. Os desenhistas variam de edição a edição. Nas duas primeiras histórias, que abrem a *Biblioteca Júlia*, são os traços de Luca Vannini e

Corrado Roi, respectivamente.

A série original *Júlia: aventuras de uma criminóloga* foi publicada em formatinho pela Mythos de 2004 a 2021, totalizando 154 edições (com o gibi sendo chamado, a partir do número 5, de *J. Kendall: aventuras de uma criminóloga*).

As histórias passaram então a uma nova série que voltou a ser chamada *Júlia: aventuras de uma criminóloga*, mas em formato italiano e papel offset, com 33 edições até agora. Nessa série, Myrna apareceu duas vezes: nos números 3 e 17. As primeiras revistas passaram a ser relançadas também nesse formato.

Essas séries são publicadas em preto e branco, mas a *Biblioteca Júlia* traz as histórias pela primeira vez coloridas. As tramas em si marcam pelas investigações

narradas sem pressa, com cuidado na criação das cenas, introdução dos personagens e narrativa cinematográfica. Biscoito fino.



Imagem: Divulgação/Panini



Fotos: Carlos Rodrigo

*Júlia & Myrna: diário de uma psicopata mostra primeiro encontro entre as duas*

## Em Cartaz

## Cinema

Programação de 7 a 13 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

\* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine RT, em Remígio, e o Cine Vieira, em São Bento.

## ESTREIAS

**ECLIPSE**, Brasil, 2026. Dir.: Djin Sganzerla. Elenco: Djin Sganzerla, Clarisse Abujamra, Selma Egri, Sérgio Guizé, Luis Melo, Gilda Nomacce, Helena Ignez. Suspense. Astrônoma grávida é surpreendida por vista de meia-irmã, o que provoca a revelação de segredos sombrios. 1h49. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: sáb., 9/5: 17h; ter., 12/5: 20h10; sex., 15/5: 18h10; qua., 20/5: 16h; dom., 24/5: 17h; qui., 28/5: 16h; sáb., 30/5: 15h.

**IRON MAIDEN: BURNING AMBITION** (*Iron Maiden: burning ambition*). EUA/Reino Unido, 2026. Dir.: Malcolm Venville. Documentário. A trajetória de 50 anos de história da banda de rock Iron Maiden. 1h46. 12 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 21h.

**MÃE E FILHO** (*Zan va bache*). Irã/França/Alemanha, 2026. Dir.: Saeed Roustayi. Elenco: Parinaz Izadyar, Sinan Mohebi, Payman Maadi. Drama. Enfermeira lida com o filho rebelde e com a busca por justiça após uma tragédia. 2h11. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: dom., 10/5: 19h; qui., 14/5: 20h; ter., 19/5: 20h; sex., 22/5: 16h; dom., 24/5: 19h; qua., 27/5: 20h; sáb., 30/5: 19h.

**MORTAL KOMBAT 2** (*Mortal kombat 2*). EUA, 2026. Dir.: Simon McQuoid. Elenco: Karl Urban, Ludi Lin, Jessica McNamee. Aventura. Guerreiros enfrentam o imperador-ditador de um reino. 1h56. 18 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h15. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 13h, 16h, 19h; leg.: 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: sex. e seg. a qua.: 16h30, 18h40, 20h50; sáb. e dom.: 14h20, 16h30, 18h40, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: sex. e seg. a qua.: leg.: 14h20, 18h40, 20h50; leg.: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 16h55, 21h15. **Patos MULTIPLEX 1:** dub.: 18h30, 21h05. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h40, 21h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: sex., dom. e ter.: 14h; sáb., seg. e qua.: 20h30.

**AS OVELHAS DETETIVES** (*The sheep detectives*). Irlanda/Reino Unido/Alemanha/EUA, 2026. Dir.: Kyle Balda. Elenco: Hugh Jackman, Emma Thompson, Jasper Ambrose. Comédia/policial. Quando o pastor que lê romances policiais para suas ovelhas é assassinado, os animais resolvem investigar o crime. 1h49. 12 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h40, 16h10. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: sex. e seg. a qua.: 16h20, 18h25; sáb. e dom.: 14h15, 16h20, 18h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: sex. e seg. a qua.: 16h20, 18h25; sáb. e dom.: 14h15, 16h20, 18h25.

**PAPAGAIOS**, Brasil, 2026. Dir.: Douglas Soares. Elenco: Gero Camilo, Roney Vilela, Marcello Escorel. Suspense. Homem que busca fama aparecendo em reportagens sobre tragédias conhece jovem obcecado por visibilidade, em uma relação de ambição e perigo. 1h30. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: dom., 10/5: 17h; qua., 13/5: 18h10; sex., 15/5: 20h10; seg., 18/5: 18h40; qui., 28/5: 18h10; dom., 31/5: 15h.

**RUAS DA GLÓRIA**, Brasil/França/Argentina, 2026. Dir.: Felipe Sholl. Elenco: Caio Macedo, Alejandro Claveaux, Diva Mener. Drama. Antropólogo argentino vai ao Rio estudar profissionais do sexo, mas é seduzido pelo seu objeto de pesquisa e se torna também um deles. 1h43. 18 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: dom., 10/5: 15h; qua., 13/5: 20h; sáb., 16/5: 15h; ter., 19/5: 16h; ter., 26/5: 19h; sex., 29/5: 18h10.

## ESPECIAL

**BILLIE EILISH: HIT ME HARD AND SOFT: THE TOUR IN 3D** (*Billie Eilish: hit me hard and soft: the tour in 3D*). EUA, 2026. Dir.: James Cameron e Billie Eilish. Documentário. Filme-concerto da cantora, com apresentações em Manchester, Inglaterra. 1h54. Livre.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 3D: qui. a dom.: 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: leg.: 3D: qui. a dom.: 20h.

**REBENTO**, Brasil, 2021. Dir.: André Moraes. Elenco: Ingrid Trigueiro, Zezita Matos, Fernando Teixeira. Drama. Após matar o próprio filho, mulher abandona casa e família e vaga encontrando personagens que podem mudar seu destino. 1h37. 12 anos. Curta de abertura: *A Mulher Invisível*, de R.B. Lima.

**João Pessoa:** ESPAÇO CINEMA PASSEIO: sex. e sáb.: 16h; dom.: 19h. *Entrada franca.*

**O SEU AMOR DE VOLTA (MESMO QUE ELE NÃO QUEIRA)**, Brasil, 2023. Dir.: Bertrand Lira. Documentário. Quatro atores têm seus destinos previstos por cartomantes e pais de santo. 1h21. 16 anos. Curta de abertura: *Alma*, de André Moraes.

**João Pessoa:** ESPAÇO CINEMA PASSEIO: sex. e sáb.: 19h; dom.: 16h. *Entrada franca.*

**TOP GUN ÁSES INDOMÁVEIS** (*Top gun*). EUA, 1986. Dir.: Tony Scott. Elenco: Tom Cruise, Kelly McGillis, Val Kilmer, Anthony Edwards, Tom Skerritt, Michael Ironside, Meg Ryan. Aventura. Jovem impetuoso enfrenta a competitividade de uma escola de pilotos da marinha e dramas pessoais. 1h50. Livre.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: qua.: 21h30.

## REAPRESENTAÇÃO

**BETTY BLUE** (*37°2 le matin*). França, 1986.

Dir.: Jean-Jacques Beineix. Elenco: Jean-Hugues Anglade, Béatrice Dalle, Gérard Darmon. Drama/romance. Aspirante a roteirista tenta apoiar a namorada enquanto ela sucumbe à loucura. 1h59. 18 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: leg.: sáb., 9/5: 19h; qui., 14/5: 16h; seg., 18/5: 20h20; sex., 22/5: 18h20; qua., 27/5: 16h; dom., 31/5: 17h.

**HORA DO RECREIO**, Brasil, 2026. Dir.: Lúcia Murat. Documentário. Jovens brasileiros vivem temas complexos em seu cotidiano nas escolas. 1h23. 12 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: ter., 12/5: 18h40; sáb., 16/5: 17h; qua., 20/5: 18h10; qui., 21/5: 20h40; dom., 24/5: 15h; seg., 25/5: 18h40; qua., 27/5: 18h10.

**SUSPIRIA** (*Suspiria*). Itália, 1977. Dir.: Dario Argento. Elenco: Jessica Harper, Stefania Casini, Flávio Bucci, Alida Valli. Terror. Aluna americana de balé na Alemanha percebe que a escola é uma fachada para algo sinistro e mortal. 1h39. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: leg.: sex., 8/5: 16h; seg., 11/5: 18h10; qui., 14/5: 18h10; dom., 17/5: 19h; sex., 22/5: 20h30; seg., 25/5: 20h20; qui., 28/5: 20h; sáb., 30/5: 17h.

## CONTINUAÇÃO

**CHEIRO DE DIESEL**, Brasil, 2026. Dir.: Gizele Martins e Natasha Neri. Documentário. Vozes das comunidades do Rio de Janeiro relatam os traumas das ocupações das favelas pelas Forças Armadas. 1h22. 14 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: seg., 11/5: 16h; sex., 15/5: 16h; dom., 17/5: 15h; ter., 19/5: 18h10; sáb., 23/5: 17h; sex., 29/5: 16h.

**A CRONOLOGIA DA ÁGUA** (*The chronology of water*). EUA/França/Letônia, 2025. Dir.: Kristen Stewart. Elenco: Imogen Poots, Thora Birch, Jim Belushi. Drama. Aspirante a nadadora olímpica tem vida de violência, abusos e drogas, mas supera tudo com a ajuda da escrita. 2h08. 18 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: sex., 8/5: 19h30; seg., 11/5: 20h; qua., 20/5: 19h50; sáb., 23/5: 19h; ter., 26/5: 15h30; dom., 31/5: 19h10.

**O DIABO VESTE PRADA 2** (*The Devil wears Prada 2*). EUA, 2026. Dir.: David Frankel. Elenco: Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt, Stanley Tucci, Justin Theroux, Kenneth Branagh, Lucy Liu, Lady Gaga. Comédia. Editora de revista de moda enfrenta dificuldades com o meio e a ascensão de antiga subalterna, agora adversária. 1h59. 10 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: 15h; dub.: 17h30. CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h45. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 14h, 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 13h30, 16h30, 19h20, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h15, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 15h40, 18h20, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h30, 17h30, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h20, 17h40, 20h. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: sex. e seg. a qua.: 16h20, 18h40, 21h; sáb. e dom.: 14h, 16h20,

18h40, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a dom.: 15h20, 17h40; seg. a qua.: 15h20, 17h40, 20h. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: sex. e seg. a qua.: 16h20, 18h40, 21h; sáb. e dom.: 14h, 16h20, 18h40, 21h. CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: sex. e seg. a qua.: 16h45, 19h, 21h15; sáb. e dom.: 14h30, 16h45, 19h, 21h15. **Patos MULTIPLEX 1:** dub.: 15h45. **Patos MULTIPLEX 3:** leg.: 18h, 20h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 19h05. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: sex. e seg. a qua.: 16h, 18h30, 21h15; sáb. e dom.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h20. **Remígio:** CINERT: dub.: 16h10, 18h20.

**MICHAEL** (*Michael*). Reino Unido/EUA, 2026. Dir.: Antoine Fuqua. Elenco: Jaafar Jackson, Juliano Valdi, Colman Domingo, Nia Long, Miles Teller. Drama. Michael Jackson se sobressai no grupo de música que forma com os irmãos e se torna um dos maiores astros pop da história. 2h07. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 16h25. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 15h30, 18h15; dub.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a ter.: dub.: 13h, 15h50, 18h50; leg.: 21h40; qua.: dub.: 13h, 15h50, 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h, 17h15, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: qui. a dom.: 13h30, 16h15, 22h10; seg. a qua.: 13h30, 16h15, 19h15, 22h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h15, 17h10, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 18h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h, 17h, 20h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h, 18h25, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h, 18h25, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 19h. CINE GUEDES 3: dub.: sex. e seg. a qua.: 15h10, 17h50, 20h30; sáb. e dom.: 15h10, 17h30, 20h30. **Patos MULTIPLEX 3:** dub.: 15h15. **Patos MULTIPLEX 4:** dub.: 17h15, 20h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 14h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: sex. e seg. a qua.: 15h20, 18h, 21h; sáb. e dom.: 15h45, 18h25, 21h05. **Remígio:** CINE RT: dub.: sex., dom. e ter.: 20h30; sáb., seg. e qua.: 14h.

**PAI, MÃE, IRMÃ, IRMÃO** (*Father, mother, sister, brother*). EUA/Reino Unido/Itália/França/Irlanda/Alemanha, 2025. Dir.: Jim Jarmusch. Elenco: Tom Waits, Adam Driver, Mayim Bialik, Charlotte Rampling, Cate Blanchett, Vicky Krieps. Comédia/drama. Irmãos se reencontram após anos e reavaliaram os relacionamentos com os pais distantes. 1h50. 14 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: leg.: sáb., 9/5: 15h; qua., 13/5: 16h; dom., 17/5: 17h; qui., 21/5: 18h40; sáb., 23/5: 15h; sex., 29/5: 20h10.

**ORISO E A FACA**, França/Portugal/Brasil/Romênia, 2025. Dir.: Pedro Pinho. Elenco: Sérgio Coragem, Cleo Diára, Jonathan Guilherme. Drama. Engenheiro ambiental na África constrói laços íntimos, mas frágeis, com dois moradores locais. 3h31. 18 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: ter., 12/5: 15h; sáb., 16/5: 19h; seg., 18/5: 15h; qui., 21/5: 15h; seg., 25/5: 15h.

**SUPER MARIO GALAXY: O FILME** (*The Super Mario Galaxy movie*). Japão/EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/aventura/animação. A dupla de encana-

dores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h45, 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 18h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h, 15h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: sáb. e dom.: 14h05. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: sáb. e dom.: 14h05. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h. **Patos MULTIPLEX 4:** dub.: sex. e seg. a qua.: 15h; sáb. e dom.: 14h35. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: sáb. e dom.: 13h40.

## Teatro

## HOJE

**CHARLIE E A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE**. Do Cara Dupla Coletivo de Teatro. Baseado no livro de Roald Dahl.

**João Pessoa:** TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra). Sábado e domingo, de 2 a 24/5, 16h e 18h. Ingressos: R\$ 30 (via Pix), antecipados pelo whatsapp (83) 9.8625.5220.

## Música

## HOJE

**CANDLELIGHT: VIVALDI, AS QUATRO ESTAÇÕES**.

**João Pessoa:** TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro). Domingo, 10/5, 18h. Ingressos: de R\$ 42 (zona C/meia) a R\$ 165 (zona VIP/inteira), antecipados no site Fever.

**CANDLELIGHT: TRIBUTOS ÀS LENDAS DO ROCK BRITÂNICO**.

**João Pessoa:** TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro). Domingo, 10/5, 20h. Ingressos: de R\$ 36 (zona C/meia) a R\$ 165 (zona VIP/inteira), antecipados no site Fever.

**ROCK AO PIANO**. Bruno Hrabovsky apresenta um *Especial Pink Floyd*.

**João Pessoa:** SALA JOSÉ SIQUEIRA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Domingo, 10/5, 19h. Ingressos: R\$ 70 (inteira) e R\$ 35 (meia), antecipados no site Guichê Web.

## AMANHÃ

**SANHAUÁ SAMBA CLUBE**. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais. Participação: Paulina Viroga.

**João Pessoa:** VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 2/3, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/1º lote) a R\$ 50 (inteira/2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

## SUB-REPRESENTAÇÃO

# Desigualdade assombra democracia

*Maioria nas urnas e minoria no poder, mulheres e negros ainda lutam por equidade na disputa de cargos eletivos*

Eliz Santos  
elzsantos17@gmail.com

A maioria do eleitorado brasileiro não se vê refletida nos espaços de poder. Mulheres, pessoas negras e povos originários somam a maior parcela dos votantes, mas seguem sub-representados nos grupos que controlam a política brasileira — um retrato das desigualdades que ainda marcam a democracia no país.

No Brasil, os números evidenciam esse paradoxo. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as mulheres representam 52% do eleitorado nacional. Na Paraíba, o cenário é ainda mais expressivo, com as mulheres compondo 53% do total de eleitores. No entanto, essa força numérica não se traduz em ocupação de cargos eletivos.

Esse contraste ajuda a explicar por que especialistas classificam o cenário brasileiro como uma “democracia incompleta”. O termo descreve regimes que realizam eleições livres e adotam princípios constitucionais, mas ainda enfrentam falhas estruturais que limitam o pleno exercício da cidadania. No Brasil, essa lacuna se manifesta justamente na desigualdade de representação.

“A democracia brasileira opera em um estado de apagão de inteligência e representação. [Nós, mulheres,] somos a maioria do eleitorado, decidimos o pleito em grande parte dos municípios e somos maioria entre chefes de família, mas seguimos asfixiadas no topo. O fato de chegarmos a 2026 sem nenhuma candidatura feminina viável à Presidência da República é um dos sintomas mais graves dessa democracia incompleta”, aponta a cientista política Gabriela Rollemberg.

A avaliação ganha força após declarações da presidente do TSE, a ministra Cármen Lúcia, que alertou para os impactos da violência política de gênero no processo eleitoral. “A igualdade de gênero está nas leis, não na vida”, denunciou a magistrada.

Na visão de Cármen Lúcia, a desigualdade é evidente em todas as etapas do processo eleitoral, do registro de candi-



Falhas estruturais limitam o pleno exercício da cidadania, resultando em um cenário classificado como “democracia incompleta”

daturas ao exercício das campanhas. Práticas como fraudes à cota de gênero — que exige ao menos 30% de candidaturas femininas — continuam entre as principais irregularidades identificadas, especialmente após as eleições de 2024. O uso de candidaturas fictícias, a ausência de financiamento e a falta de apoio partidário real são barreiras estruturais que ainda limitam a participação feminina.

A violência política de gênero também extrapola o ambiente institucional, manifestando-se em ataques pessoais e sexistas, muitas vezes amplificados pelas redes sociais. Cármen Lúcia classifica esse fenômeno como “fúria digital”, marcado por agressões massificadas que buscam deslegitimar e afastar mulheres da disputa pública.

Na prática, esse cenário é vivenciado por mulheres que ocupam espaços de poder. A vereadora de Campina Grande Jô Oliveira (PCdoB) — primeira mulher negra eleita para a Câmara Municipal, em 2020, e reeleita, em 2024, com a maior votação da cidade (5.178 votos) — afirma que a estrutura política ainda é moldada por uma lógica masculina.

“A violência política de gênero e raça aparece quando precisamos que alguém valide o que dizemos, como se nos-

sa eleição pelo voto não fosse suficiente. Questionam nossa capacidade de propor leis e, muitas vezes, nem querem nos ouvir. Isso mostra que a política tenta nos deslegitimar o tempo todo”, relata.

### Cenários alarmantes

Apesar de serem maioria entre os eleitores, as mulheres seguem minoria nos principais espaços de decisão do país. Na Câmara dos Deputados, elas ocupam apenas 91 das 513 cadeiras, o equivalente a cerca de 18% do total. No Senado Federal, o cenário é semelhante: são 15 mulheres entre 81 parlamentares.

Assim como ocorre com as mulheres, a sub-representação também atinge povos originários. De acordo com dados do TSE, pessoas indígenas representam cerca de 0,5% do eleitorado brasileiro. Na Paraíba, esse percentual é ligeiramente maior, em torno de 1% do eleitorado, refletindo a presença de povos como o Potiguara no Litoral Norte do estado. Ainda assim, essa participação não se traduz proporcionalmente nos espaços de poder.

Em João Pessoa, apenas duas mulheres ocupam cadeiras entre os 29 vereadores eleitos: Jailma Carvalho (PSB) e Eliza Virgínia (PP). Na Assembleia Legislativa da Paraíba, a disparidade também

se mantém: dos 36 deputados estaduais, apenas seis são mulheres.

Ainda assim, há avanços simbólicos importantes. A Paraíba elegeu, em 2024, a única mulher indígena prefeita do Brasil: Ellys Sônia Oliveira Gomes da Silva, conhecida como “Ninha” (PSD), da etnia Potiguara. Ela foi eleita prefeita de Marcação com 4.922 votos (76,79%), a maior votação da história do município.

Além dela, outros 12 candidatos indígenas foram eleitos na Paraíba, incluindo vereadores e um vice-prefeito, com destaque para municípios como Baía da Traição, Rio Tinto e Guarabira.

No cenário nacional, foram eleitos sete prefeitos indígenas, sendo Ninha a única mulher. Para o cargo de vereador, o país registrou a eleição de 214 representantes indígenas, sendo 180 homens e 34 mulheres, segundo dados do TSE.

### Cotas e limites

Embora as cotas de gênero representem um avanço, ainda são insuficientes para garantir igualdade real. A legislação assegura um percentual mínimo de candidaturas, mas não garante condições efetivas de disputa, como acesso a financiamento e apoio partidário — especialmente para mulheres negras.

Para Gabriela Rollemberg, o problema está na forma como essas políticas ainda são tratadas dentro das estruturas partidárias. “As cotas de 30% ainda são vistas por muitos partidos como um ‘pedágio administrativo’, e não como estratégia de vitória. A baixa efetividade não é falta de capacidade das mulheres, mas resultado de um sistema que concentra recursos e mantém o *status quo* do poder”, sustenta.

Na avaliação da advogada Nathali Rolim, especialista em Direito Eleitoral, uma das principais distorções do modelo atual é a prática das chamadas “candidaturas fictícias”, que comprometem a efetividade da política de inclusão. “A regra que exige o mínimo de 30% de candidaturas femininas é importante, mas ainda insuficiente. O problema está nas chamadas ‘candidaturas laranjas’, em que mulheres são registradas apenas para cumprir a lei, sem acesso a recursos ou apoio partidário real”, diz.

Segundo a especialista, a ausência de financiamento e estrutura inviabiliza a competitividade dessas candidaturas e contribui para a manutenção da desigualdade na representação política. “Sem recursos e suporte, a candidatura não se converte em voto.

Por isso, é fundamental avançar para mecanismos mais eficazes, como a reserva de cadeiras e a distribuição justa do fundo eleitoral”, defende.

### Caminhos possíveis

Para avançar, Gabriela Rollemberg sugere que o país vá além das cotas de candidatura e adote mecanismos mais robustos de garantia de representatividade. “Precisamos avançar das cotas de candidatura para mecanismos de paridade real. Sem mudanças estruturais que garantam presença efetiva nos espaços de decisão, a desigualdade tende a se perpetuar”, adverte.

Para Jô Oliveira, esse avanço também passa por transformações institucionais e culturais. “Não existe democracia efetiva sem a presença das mulheres. Precisamos garantir condições reais de participação e ampliar nossa presença nos espaços de decisão”, reivindica.

A sub-representação feminina também produz impactos diretos na capacidade do Estado de responder às demandas da sociedade, aprofundando o distanciamento entre decisões políticas e a realidade vivida pela população. “O impacto mais brutal é o descolamento entre a prioridade do Estado e a dor da sociedade. Quando determinados grupos seguem fora dos espaços de poder, a democracia perde capacidade de responder às necessidades reais da população”, conclui Gabriela Rollemberg.

### Conscientização

Na última semana, o TSE lançou a Campanha Representatividade, que estimula a participação política de grupos historicamente sub-representados no Brasil: mulheres, negros e indígenas. As peças, que serão veiculadas nas emissoras de rádio e TV até 30 de julho, buscam mostrar a disparidade entre a realidade demográfica brasileira e o perfil atual dos ocupantes de cargos eletivos. A ação informa que a pluralidade é um pilar fundamental para o fortalecimento da democracia, a defesa de direitos específicos e a consolidação da identidade cultural do país.



Gabriella Rollemberg vê “apagão” de representatividade



Jô Oliveira denuncia cultura de violência de gênero e raça



Nathali Rolim defende mudança nas cotas do fundo eleitoral

Foto: Divulgação/Mídia Ninja

Foto: Arquivo pessoal

Foto: Divulgação/CMCG

Foto: Arquivo pessoal



Foto: Waldemir Barreto/Agência Senado

Assunto foi tema de reunião do Conselho de Comunicação Social (CCS), em alusão ao Dia Mundial da Liberdade de Imprensa

## DISCURSO DE ÓDIO

# Violência contra jornalistas preocupa o poder público

Especialistas temem que cenário se agrave durante a campanha eleitoral

Da Redação  
com Agência Senado

Profissionais fundamentais para a democracia e a construção de uma sociedade mais justa, os jornalistas são vítimas de violências diárias. No Brasil, o cenário tem melhorado discretamente, conforme aponta a ONG Repórteres Sem Fronteiras, em seu *ranking* mundial de liberdade de imprensa. O avanço, contudo, ainda é limitado. Para o secretário de Políticas Digitais da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, João Brant, é necessário que o Brasil participe de uma agenda global de enfrentamento da desinformação e do discurso de ódio.

“A imprensa cumpre um papel estratégico, altamente relevante, de interesse público. Isso deve suscitar nas instituições um olhar de retribuição igualmente vigilante, sobre em que medida essa liberdade está sendo garantida e promovida, efetivamente, para que ela possa cumprir, todos os dias, bem o seu papel”, afirmou, ao defender um ambiente regulatório capaz de proteger e promover a liberdade de imprensa e citar o ambiente digital como capaz de pôr em risco a sustentabilidade das empresas de mídia.

O discurso foi proferido na última semana, durante reunião do Conselho de Comunicação Social (CCS) do Congresso Nacional em alusão ao Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, celebrado em 3 de maio. Na ocasião, Aduauto Soares, coordenador do setor de Comunicação e Informação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), apontou desafios na governança do ambiente digital, em aspectos como a disseminação acelerada de desinformação e os discursos de ódio.

Soares observou que o índice mundial de liberdade de expressão, medido pela Unesco, caiu 10% des-

de 2012. A entidade internacional está preocupada com a falta de segurança dos jornalistas e a impunidade em casos de crimes contra profissionais de imprensa.

“Esses dados precisam ser lidos com atenção. Eles não dizem respeito apenas ao setor de comunicação. Eles dizem respeito à qualidade do debate público, à confiança social, à segurança de quem informa e à capacidade da sociedade de tomar decisões com base em informações confiáveis”, analisou.

Representando as organizações Repórteres Sem Fronteiras e Coalizão em Defesa do Jornalismo, Bia Barbosa repercutiu dados da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) que apontaram, em 2024, 144 casos de agressões a profissionais de comunicação no Brasil. Ela alertou para uma alta significativa dos casos de assédio judicial contra jornalistas, principalmente fora dos grandes centros, e manifestou temor de que a situação se agrave na campanha eleitoral deste ano.

“A gente está falando de prefeitos, vereadores, deputados estaduais, deputados federais, juízes e senadores contra jornalistas, visando silenciar o trabalho da imprensa. O assédio judicial transformou-se hoje, no Brasil, em uma das principais ferramentas de silenciamento e de intimidação do trabalho jornalístico”, denunciou.

A jornalista Basília Rodrigues disse nem saber se há motivo para comemoração do Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, diante das várias formas de violência às quais os profissionais estão expostos.

“Ser um bom jornalista é cuidar das informações, é prezar pela isenção, por ouvir todos os lados, dentro do possível. E, de uns tempos para cá, esses valores — liberdade, verdade, democracia — acabaram sendo utilizados politicamente por todos os lados, das piores formas possíveis, como

se fossem só para alguns”, afirmou.

### Conselheiros

Além dos membros da sociedade civil ouvidos pelo colegiado, os conselheiros também manifestaram preocupação quanto à liberdade de imprensa. Rita Freire associou o declínio do índice de liberdade de imprensa nos Estados Unidos ao ímpeto da “extrema direita” de sufocar o debate e reescrever a história.

Na sequência, Flavio Lara Resende pediu atenção ao impacto da inteligência artificial na campanha eleitoral, e Paulo Zocchi denunciou a atuação no Brasil de plataformas digitais estrangeiras, que não são tipificadas como empresas de comunicação e não controlam a violência contra jornalistas.

Carlos Magno, por sua vez, pediu ao Conselho de Comunicação Social vigilância diante das agressões sofridas pelos profissionais, enquanto Rafael Soriano defendeu a liberdade dos órgãos de imprensa regionais e condenou o assédio judicial contra jornalistas.

Já a vice-presidente do colegiado, Angela Cignachi, salientou a importância da imprensa como testemunha da história, afirmando que a liberdade de expressão sofre ataques tanto de governos de esquerda quanto de direita.

### Streaming

O Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional recebeu o relatório dos conselheiros Valde rez Donzelli, Caio Loures e Carlos Magno sobre o Projeto de Lei (PL) nº 2.331/2022, que trata da regulamentação das plataformas de vídeo sob demanda (VOD), conhecidas como “serviços de *streaming*”, a exemplo da Netflix e da HBO Max.

O projeto é do senador Nelsinho Trad (PSD-MS). Aprovado na Câmara dos Deputados na forma de substitutivo, o texto retornou ao Senado para análise final e

aguarda tramitação. Entre outras providências, o relatório sugere a criação de uma comissão temática de regulamentação do audiovisual e a apresentação de outras proposições para harmonização do texto do projeto.

“Identificamos lacunas que demandam veículo legislativo autônomo, entre elas, o condicionamento da dedução à propriedade intelectual, a escalonagem da janela de cinema, a salvaguarda para microempresas e a reaproximação progressiva ao padrão europeu de cota de 30%”, informa um trecho do relatório. “Lacunas estruturais que extrapolam o escopo do projeto: a transparência algorítmica, obsolescência tecnológica, pejotização, o impacto da inteligência artificial generativa sobre a criação”, complementa o texto.

Os conselheiros examinarão o relatório, que será votado na próxima reunião do colegiado, prevista para 1º de junho.

### Outros temas

O CCS acatou sugestão de Angela Cignachi para a realização de audiência pública sobre a comunicação nas eleições de 2026, com foco no risco de desinformação e de influência da inteligência artificial nas campanhas. Outra audiência pública, prevista para agosto, deverá ser dedicada a uma demonstração da TV 3.0, nova geração da televisão aberta no Brasil, com acesso via aplicativos.

■ Índice mundial de liberdade de expressão, medido pela Unesco, caiu 10% desde 2012, o que acende alerta da entidade

## Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

### Microcrônicas (43)

Em 2020, o folheto *Chico Veneno, o homem que intoxicou a burguesia*, do cordelista Fábio Mozart, ganhou o Prêmio Zé da Luz de Literatura de Cordel da Secretaria de Cultura de Itabaiana (PB).

Minha escrita cordelesca tem, de certa forma, um compromisso com a descrição das lutas populares em minha terra, como na versificação da vida de Biu Pacatuba, “um herói do povo paraibano”, líder camponês de Sapé, obra ganhadora do Prêmio Patativa do Assaré do Ministério da Cultura em 2010.

No cordel “Chico Veneno, o homem que intoxicou a burguesia” se faz presente o discurso ideológico como ingrediente natural, numa perspectiva histórica, denunciando as mazelas do regime autoritário de 1964 e os caminhos de Francisco Almeida na arte, no jornalismo e no combate político.

“Futebol tem muito a ver com política. No time, tem que ter o ponta direita, o ponta esquerda e os meio-campistas. Normalmente, os melhores jogam no meio. São os do centro que jogam melhor...” (Lula, no livro *Lula da Silva — a verdade vencerá*).

Lula sempre foi “centrão”. Meia-esquerda.

“O perigo de uma meia verdade é você dizer exatamente a metade que é mentira” (Millôr Fernandes).

É melhor ser um lobo solitário do que uma ovelha medíocre em um rebanho qualquer.

“O homem é a única criatura capaz de não dar gorjeta ao garçom” (Woody Allen).

“Sonhei que B. havia sido condenado a duas penas consecutivas de prisão perpétua, mas com direito a tortura domiciliar” (Não sei onde vi isso).

Pastor Pedânio vende prece abaixo do mercado. Orações com cianeto de potássio para envenenar o Diabo.

Pedânio tem uma meta: superar Edinho Macedônio, gênio nesse tipo de negócio de esfolar o rebanho.

Médicos querendo instalar neste impoluto cidadão idoso uma ponte de safena. A pessoa quando fica velha não tem nada a perder. Vou enfrentar essa ponte. Se não conseguir atravessar, me joga no rio sem saber nadar.

“Tive vergonha de mim mesmo quando percebi que a vida é um baile de máscaras e eu participei com meu rosto verdadeiro” (Franz Kafka).

Pastor Pedânio começa o culto dizendo que na casa de Deus o diabo não entra e termina o culto expulsando o diabo.

“O diabo só sai depois de contar os valores das ofertas dos incautos fiéis” (Mad Vieira).

Como disse Vinícius: “O meu vizinho do lado se matou de solidão, ligou o gás, o coitado, o último gás do bujão”.

Millôr garantia que o túmulo do soldado desconhecido é de autoria de um arquiteto anônimo erguido em local incerto e não sabido.

O MC Brinquedo virou crente. Ação preventiva para o caso de ser preso.

Deixou de soltar fumaça e cantar funk. Agora se concentra na missão de chautar bunda do Satanás.

Deputado de extrema direita diz que é contra a pena de morte, desde que o condenado se mate.

Teoria de Sonsinho: os seres humanos são muito ansiosos, porque já nascemos com um sistema nervoso ao invés de um sistema calmo.

## DITADURA MILITAR

# Apoiadores têm elo com a escravidão

Dos 62 empresários citados pela Comissão Nacional da Verdade, pelo menos 40 são de famílias de senhores de escravos

Eliane Gonçalves  
e Sumaia Villela  
*Rádioengência Nacional*

Pelo menos dois de cada três empresários documentados pela Comissão Nacional da Verdade (CNV) como apoiadores da Ditadura Militar têm origem em famílias escravistas.

O capítulo “Civis que Colaboraram com a Ditadura” do relatório final da CNV lista as empresas que financiaram a ditadura de diferentes formas. Dos 62 empresários citados no documento e de quem a reportagem conseguiu refazer a árvore genealógica, pelo menos 40 são de famílias de senhores de escravos.

O levantamento inédito foi feito para o episódio “Como nossos pais”, da segunda temporada do *podcast Perdas e Danos*, que investiga o apoio dado pelas empresas à Ditadura Militar.

“O que nós observamos é que a classe dominante tradicional no Brasil tem um núcleo duro desde o período colonial em todas as regiões”,

explica o coordenador do Núcleo de Estudos Paranaenses e referência na pesquisa da genealogia do poder, Ricardo Oliveira. “Quando a gente volta algumas gerações, às vezes um avô ou bisavô, de quem nasceu em 1950, você já está no senhorio escravista das suas regiões”, relata.

Só entraram na conta os empresários dos quais a reportagem conseguiu confirmar os antepassados, checando certidões de nascimento, atestados de óbito, livros de batismo e outros documentos disponíveis no Family Search, *site* de genealogia, mantido pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Sobrenomes famosos como o da família Guinle de Paula Machado, que já foi dona do Porto de Santos; Batista Figueiredo, que, além do último ditador militar, também tinha dentre os herdeiros o vice-presidente da Bolsa de Mercadorias de São Paulo.

Ainda estão na lista a família Beltrão, de Pernambuco, que tem, dentre os herdeiros, Hélio Beltrão, executivo



Foto: Victor Frontal/Arquivo Itaú Cultural

Pesquisa feita em documentos históricos mostra passado escravocrata de famílias que financiaram a ditadura no país

do Grupo Ultra e ministro do Planejamento do ditador Costa e Silva; e a família Vidigal, dona do Banco Mercantil e da Cobrasma, a Companhia Brasileira de Material Ferroviário.

### Imobilidade

A pesquisa mostra que a

permanência das mesmas famílias por séculos nas altas esferas do poder é o retrato de um país em que o elevador social está quebrado.

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

(OCDE) — o fórum formado por 38 países, conhecido como “clube dos ricos”, no Brasil —, uma pessoa que nasce pobre precisa de nove gerações para chegar à classe média. Algo como 300 anos. Brasil, Colômbia e África do

Sul destacam-se na imobilidade social. “Para entender o Brasil, para entender a nossa grande desigualdade social, a violência simbólica, social, política e real, a gente precisa entender essas famílias”, avalia Oliveira.

## Empresas que financiavam o regime tinham incentivos fiscais do governo

Foi para entender melhor o mecanismo da manutenção das desigualdades que a reportagem investigou a família Bueno Vidigal. A escolha atendeu a três critérios: uma família que durante a Ditadura Militar teve grande influência política e econômica; atuava em vários setores da economia — indústria, serviços e sistema financeiro; e que marcou presença em várias frentes de apoio ao regime, desde o golpe até o financiamento da tortura.

No começo do século 20, o patriarca Gastão Vidigal foi um dos fundadores da Cobrasma, que se destacava na produção de trilhos e trens. Ele também fundou o Banco Mercantil de São Paulo, que já foi o maior banco privado do país.

A Cobrasma foi herdada pelo filho e, depois, pelo neto de Gastão Vidigal: Luís Eulálio Bueno Vidigal e Luís Eulálio Bueno Vidigal Filho. Já o Banco Mercantil de São Paulo era presidido pelo filho de Gastão, Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, até ele morrer em 2001 e o banco ser vendido para o Bradesco.

### Greve de 1968

A historiadora e professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Cláudia Moraes de Souza encontrou registros da Cobrasma no Ministério do Trabalho que mostram condições de trabalho que se aproximavam de situações análogas à escravidão.

“Não havia sanitários suficientes para o número de trabalhadores, não havia refeitório, o trabalhador, na hora do almoço, saía para a calçada e almoçava com a marmitta no chão. Não havia material de segurança, água filtrada ou pelo menos água, para se beber durante o expediente. Então, questões mínimas, ligadas à higiene e à se-

gurança do trabalhador”, relata.

Foi nesse cenário de precariedade que a Cobrasma virou epicentro de um dos maiores levantes operários do país, em plena Ditadura Militar. A greve de Osasco de 1968. “É na greve que a gente enxerga claramente os empresários chamando Exército para atuar como repressor dentro da fábrica”, ressalta.

Cerca de 400 trabalhadores foram presos na greve que é considerada um dos estopins para o Ato Institucional nº 5, AI-5, publicado cinco meses depois da paralisação. O AI-5 fechou o Congresso Nacional, cassou mandatos de parlamentares, censurou a imprensa e proibiu a concessão de *habeas corpus*.

### Operação Bandeirantes

A Operação Bandeirantes (Oban) foi criada meses depois do AI-5, um dos principais aparatos de tortura da ditadura. Considerado o embrião dos DOI-Codis, o sistema de repressão foi implantado a partir de 1970 em 10 capitais.

Tanto a Oban quanto os DOI-Codis foram financiados por empresas nacionais e multinacionais. Dentre os sócios das financiadoras, estava o Banco Mercantil, de Gastão Eduardo de Bueno Vidigal.

O jornalista Ivan Seixas tinha 16 anos quando foi preso e torturado com o pai, Joaquim Seixas, no DOI-Codi de São Paulo. Dentro do aparelho de tortura, eles descobriram que outra forma de financiamento da repressão eram os prêmios oferecidos na caça a opositores do regime. “Fizeram uma parceria com o empresariado para fazer uma caixinha de premiação. Cada um que era capturado tinha um valor a cabeça. O capitão Carlos Lamarca, quando esteve na minha casa, a cabeça

dele valia US\$ 750 mil. Um ano depois, quando foi assassinado, valia um US\$ 1,5 milhão”.

Ele conta que sua prisão também foi premiada. Na época, um carcereiro falou para Ivan que recebeu US\$ 300 pela prisão do adolescente. Para ele, esse sistema fortaleceu os militares linha-dura e prolongou a ditadura.

A família Bueno Vidigal também esteve à frente do Grupo Permanente de Mobilização Industrial (GPMI), que tinha a função de estudar meios de adaptar as indústrias para a produção de materiais militares. A Cobrasma é acusada de ter transformado carros da Polícia Militar (PM) em blindados de guerra que seriam usados para conter manifestações de rua.

Em troca de todos esses apoios, os empresários recebiam incentivos fiscais, contratos com o governo e empréstimos bilionários. No auge, a Cobrasma, chegou a faturar cerca de US\$ 470 milhões por ano. Segundo o professor de Filosofia Política da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e coordenador do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (Caaf) Edson Teles, esse benefício se dava através dos bancos estatais como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) [atual Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)].

■ Além da influência política, as famílias apoiadoras atuavam em vários setores da economia

## Herança escravocrata ajuda a manter as desigualdades no país

Gastão Vidigal nasceu em 1889, em São Paulo, herdeiro de uma família bem posicionada do Nordeste brasileiro e casado com Maria Amélia Pontes Bueno, herdeira de uma família muito tradicional de São Paulo, os Buenos.

Buscando os antepassados dos Vidigal, a reportagem encontrou, em jornais do século 19, de Sergipe, registros que confirmam a prática escravista. Em 1853, em um anúncio classificado no jornal *União Liberal*, o avô de Gastão Vidigal, Antônio Pedro Vidigal, informa que tem interesse em comprar um escravo.

Em 1882, o jornal *O Libertador*, também de Sergipe, publicou a notícia de uma mulher que enfrentava dificuldades para comprar a liberdade da própria filha e do neto, que teoricamente já tinha até nascido livre. Na hora da compra, os avaliadores convocados pelo tribunal para definir o preço da mulher escravizada aumentaram o preço em 33%, com a justificativa de que seria uma transação que daria a alforria à filha e ao neto da compradora. Um dos avaliadores encarregados do superfaturamento era um Vidigal.

O ramo materno da família, os Buenos, também é marcado pela exploração do trabalho escravo.

A esposa de Gastão Vidigal, Maria Amélia Bueno, é descendente de Amador Bueno da Ribeira, capitão-mor da Capitania de São Vicente, no século 17. No fim do século 19, o avô da Maria Amélia, Augusto Xavier Bueno de Andrade, fez um empréstimo no Banco do

Brasil e como garantia ofereceu uma fazenda de café em Campinas, com tudo o que tinha dentro, incluindo 75 pessoas escravizadas, segundo a pesquisa *Escravos Hipotecados*.

Hoje, o nome “Gastão Vidigal” batiza centenas de endereços pelo país afora: avenidas, ruas, travessas, becos, praças, um aeroporto e até uma cidade no interior de São Paulo.

Para José Marciano Monteiro, professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), são demarcações feitas pelas elites — que não são apenas nomes de ruas, mas lugares de memória — que ajudam a manter as desigualdades. “As disputas políticas não dão tão somente entre os vivos. Elas também se dão entre os mortos, quando se disputam as memórias. Isso alimenta o capital simbólico. Imaginemos o que é você chegar em determinado lugar e dizer assim: esta avenida é em homenagem ao meu bisavô. Isto aciona toda uma rede de contatos, de prestígio, de *status* do ponto de vista do imaginário e do ponto de vista da representação, que é totalmente diferente do sujeito que vai disputar e ele não tem referências”, explica Monteiro.

Ele lembra que foram justamente essas referências que tentaram ser apagadas no sistema escravista: “No caso das pessoas que foram historicamente escravizadas, o que mais tentaram destruir foi exatamente a memória dos seus antepassados. Porque, quando você destrói a memória, você não tem mais referência”.

### Outro lado

A Cobrasma encerrou as operações em 1998. Já Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, do Banco Mercantil de São Paulo, morreu em 2001, aos 82 anos, como um dos homens mais ricos do país. A família voltou às manchetes em 2019, quando um outro banco do clã, o Banco Paulista, criado em 1990 por Álvaro Augusto Vidigal, sobrinho de Gastão Vidigal, foi investigado pela Operação Lava Jato, acusado de lavar R\$ 48 milhões para a Odebrecht.

A reportagem entrou em contato com a assessoria de imprensa do Banco Paulista e perguntou se alguém da família aceitaria falar sobre a tradição escravista na origem da riqueza do clã e se, depois de 60 anos, teriam interesse em fazer uma revisão sobre o apoio dado por integrantes da família à ditadura. Também foi perguntado sobre as acusações feitas pela Operação Lava Jato. A assessoria de imprensa do banco esclareceu apenas que o presidente do Banco Paulista, Gutti Vidigal, não é herdeiro direto do financiador da Oban e nem tem relação com a Cobrasma.

A reportagem também entrou em contato com a direção da Cobrasma para fazer as mesmas perguntas a Luís Eulálio Vidigal. Também foi enviado questionamento sobre a ocupação da fábrica pelo Exército em 1968, o crescimento da empresa durante a ditadura e o encerramento das atividades fabris a partir da abertura democrática.

Não houve resposta para nenhuma das questões.

## NORDESTE

# Editais oferecem 164 vagas imediatas

Oportunidades disponíveis na Paraíba e no Maranhão garantem salários que podem chegar a R\$ 14 mil

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Antes que as bandeiras toquem de vez as ruas com a chegada do São João, maio ainda reserva uma agenda importante para quem está de olho nos concursos públicos. Nesta semana, dois editais na Paraíba e um no Maranhão reúnem 168 vagas, além de cadastro reserva, com oportunidades para profissionais de diferentes níveis de escolaridade. Por aqui, as chances estão nas prefeituras de Aroeiras e São Domingos, em áreas como saúde, educação, administração e apoio escolar. Já no Maranhão, a Universidade Estadual (Uema) oferece vagas para professores do magistério superior. As remunerações chegam a R\$ 14 mil.



Foto: Divulgação/Prefeitura de São Domingos

Prefeitura de São Domingos abriu processo seletivo simplificado para preencher 15 vagas temporárias e cadastro de reserva

### Mais chances

Entre os editais da semana, o concurso da Prefeitura de Aroeiras, no Agreste paraibano, é o que reúne o maior volume de oportunidades. Ao todo, são 97 vagas para cargos de níveis fundamental, médio e superior, distribuídas em diferentes áreas da administração municipal. A seleção contempla diversos cargos, como assistente social, arquiteto, terapeuta, professor, médico, nutricionista, biomédico, motorista, mecânico, técnico de laboratório, farmacêutico, entre outras especialidades. Já as remunerações previstas variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 14 mil, com jornadas de 20 a 40 horas semanais, a depender do cargo. No caso de plantonistas, a escala será de 24 horas por plantão, com ven-

cimentos de R\$ 400 a R\$ 450 por turno.

Para participar, os candidatos interessados têm até 24 de maio para efetuar a inscrição pelo *site* da Fundação Vale do Piauí (Funvapi), responsável pelo certame. As taxas variam conforme o nível de escolaridade: R\$ 53,70 para cargos de nível fundamental, R\$ 63,70 para nível médio e R\$ 103,70 para nível superior. A avaliação será composta por prova objetiva, de múltipla escolha, para todos os cargos, prevista para o dia 14 de junho, além de análise de títulos para o posto de professor. Todas as etapas ocorrerão na cidade de Aroeiras.

### Cuidador escolar

Também na Paraíba, a Prefeitura de São Domingos abriu processo seletivo sim-

plificado para preencher 15 vagas temporárias, além de formar cadastro reserva, no cargo de cuidador escolar — função destinada ao acompanhamento de estudantes em sala de aula. A seleção é voltada para candidatos com Ensino Médio completo e curso específico de, no mínimo, 180 horas-aula em Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou Educação Inclusiva.

De acordo com o edital, os futuros cuidadores receberão R\$ 1,6 mil por uma jornada semanal de 40 horas, com possibilidade de gratificações, adicionais e incentivos. As inscrições seguem abertas até 15 de maio e devem ser realizadas, exclusivamente, pela *internet*, por meio do formulário eletrônico [https://forms.gle/ER6i](https://forms.gle/ER6iRa3GazrQybd86)

[Ra3GazrQybd86](https://forms.gle/ER6iRa3GazrQybd86), sem cobrança de taxa de inscrição. Já a avaliação dos candidatos será feita por análise curricular e entrevista. Vale lembrar que a contratação será em caráter temporário, pelo prazo inicial de até seis meses, podendo ser prorrogada conforme as regras do processo seletivo.

### Magistério

Fora da Paraíba, mas ainda no radar de quem busca espaço no serviço público, a Universidade Estadual do Maranhão (Uema) publicou um novo edital voltado a professores do magistério superior, com lotação em diferentes pontos do estado. Ao todo, são 56 vagas abertas, distribuídas entre as unidades de Zé Doca, Santa Inês, Timon, Grajaú, Co-

linas, Coelho Neto, Caxias e Balsas. As oportunidades são destinadas a candidatos com graduação e doutorado em áreas como Ciências Biológicas, Botânica, Zoologia, Letras, Educação, Matemática, Meteorologia, Ciência da Computação, Psicologia, Direito, Enfermagem, Agronomia, Libras, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Engenharia Elétrica e Física.

A remuneração inicial é de R\$ 11,2 mil para uma jornada de 40 horas semanais, considerando vencimento base e gratificação de incentivo por titulação. Para os interessados, as inscrições vão até o dia 25 de maio, pelo *site* Concursos e Seletivos da própria instituição. A taxa cobrada é de R\$ 300. Já a avaliação será composta por três etapas. Primeiro, os candidatos passarão



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Aroeiras



Use o QR Code para acessar o formulário da Prefeitura de São Domingos



Use o QR Code para acessar o edital da Uema

por provas escrita, com leitura pública, e didática, ambas de caráter eliminatório e classificatório. Depois, haverá a fase de análise títulos, que considera a trajetória acadêmica e profissional dos candidatos. A etapas serão realizadas nos *campi* da instituição onde há vagas abertas — confira o edital para mais informações.

## Além das folhas e flores: Botânica tem carreira versátil e urgente

Escondida entre folhas e flores, a Botânica costuma ser vista como uma carreira ideal para quem sempre foi apaixonado pela natureza. Mas basta olhar com mais atenção para perceber que ela está no centro de algumas das questões mais urgentes do nosso tempo, como mudanças climáticas, produção de alimentos, arborização urbana, preservação da biodiversidade e fortalecimento da agricultura familiar. Por isso, o trabalho do botânico vai muito além de identificar plantas. É ele quem ajuda a compreender as relações entre biodiversidade e clima, agricultura e conservação, cidade e meio ambiente. Para o biólogo Diego Abreu, mestre em Botânica e produtor orgânico de base agroecológica, a profissão apoia-se, justamente, nessa capacidade de enxergar a natureza como um organismo vivo.

No caso dele, os primeiros passos em direção ao universo das plantas deram-se durante a graduação em Ciências Biológicas, no segundo período do curso, quando o interesse pela área deixou de ser apenas uma curiosidade. Foi no estágio em um herbário, no qual organizava coleções e preparava exsiccatas — material vegetal coleta-

do, prensado, seco e catalogado para estudo científico —, que Diego encantou-se definitivamente pela Botânica.

Mas a profissão não termina nos herbários. De acordo com ele, o campo de atuação é amplo e vai da pesquisa científica ao trabalho aplicado em territórios urbanos, rurais e ambientais. “É uma profissão muito ampla. O botânico pode trabalhar com sequenciamento genético, parques zoobotânicos, institutos federais, flora marinha, etnobotânica, reflorestamento, poda de árvores, paisagismo, agricultura familiar orgânica, agroecologia, linhas de transmissão, energia eólica e até consultoria ambiental”, enumera o especialista. Em outras palavras, onde há planta, solo, algum tipo de impacto ambiental ou biodiversidade, há espaço para o trabalho do botânico.

### Atuação diversa

Essa versatilidade é importante porque ajuda a desmontar a ideia de que existe apenas um caminho possível para esse profissional — a carreira acadêmica. A universidade é, de fato, uma das trilhas mais significativas para quem deseja atuar com pesquisa ou ensi-

nar. Porém, para Diego, a formação também pode dialogar com outras áreas, como Ciências Biológicas, Agronomia, Engenharia Ambiental, Engenharia Florestal e Agroecologia. Para ele, o mais importante é construir uma base sólida e, aos poucos, encontrar sua identidade profissional. “É preciso afunilar para criar sua identidade, mas não demais. Os profissionais generalistas são os mais procurados pelo mercado de trabalho”, observa.

Por isso, ele defende que a aproximação com a área deve começar cedo, antes mesmo da graduação, inclusive por meio de um curso técnico em Meio Ambiente, como forma de entender se aquele universo faz sentido ao aspirante a botânico. Depois, a trajetória passa por estágios, laboratórios, pesquisas e experiências de campo até alcançar as especializações. Para Diego, essa construção conta muito para quem deseja seguir em concursos públicos, já que abre portas em universidades, institutos federais, secretarias de meio ambiente, parques ambientais, florestas nacionais, centros de triagem de animais silvestres e órgãos ligados à conservação e à agricultura familiar.

Já no setor privado, o botânico encontra espaço em projetos que exigem uma leitura mais técnica da natureza, como os ligados à mineração, aos parques solares, às eólicas e às obras de infraestrutura. Nesses casos, como explica Diego, o profissional precisa ser capaz de avaliar impactos ambientais, trabalhar com processos de licenciamento, propor medidas de recuperação e ainda reduzir danos. A agricultura também aparece como possibilidade, com oportunidades em hortas orgânicas, oficinas de capacitação, formação de agricultores e processos de certificação.

### Oportunidade

É justamente essa combinação entre técnica e sensibilidade que, para Diego, faz toda a diferença no currículo. Como resume, “o botânico, antes de tudo, é um admirador da natureza”. Ou seja, alguém que tem sensibilidade para entender os sinais da natureza e, ao mesmo tempo, está disposto a estudar continuamente. “Já nascemos botânicos. O processo vai sendo aprendido e aperfeiçoado durante as experiências da vida”, resume. Para ele, conhecimento científico não

basta — é preciso desenvolver memória, olfato e curiosidade.

Se você deseja seguir pela carreira acadêmica, o concurso da Uema pode ser a oportunidade que faltava para conquistar a tão sonhada estabilidade. A instituição abriu uma vaga para professor de Ciências Biológicas-Botânica, com regime de 40 horas semanais e remuneração inicial de R\$ 11.294,38. Para concorrer, é preciso ter

graduação em Ciências Biológicas — licenciatura ou bacharelado — ou habilitação em Biologia, além de doutorado nas áreas de Ciências Biológicas, Botânica, Meio Ambiente ou Agrárias. O perfil profissional requisitado também prevê produção acadêmica, como publicação de artigos, livros ou capítulos, além de experiência ou participação em projetos de ensino, pesquisa ou extensão.



Foto: Arquivo pessoal

Biólogo Diego Abreu também é produtor de orgânicos

## Selic

Fixado em 29 de abril de 2026

14,50%

## Sálário mínimo

R\$ 1.621

## Dólar \$ Comercial

-0,59%

R\$ 4,894

## Euro € Comercial

-0,23%

R\$ 5,765

## Libra £ Esterlina

-0,04%

R\$ 6,699

## Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Março/2026 0,88

Fevereiro/2026 0,7

Janeiro/2026 0,33

Dezembro/2025 0,33

Novembro/2025 0,18

## Ibovespa

184.108,3 pt

+0,49%

## SETOR SUCROENERGÉTICO

# PB é 9ª maior produtora de bioenergia da cana do país

Geração de 102 megawatts é suficiente para abastecer 300 mil residências

Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

A produção de bioenergia a partir do bagaço da cana-de-açúcar deixou de ser apenas um aproveitamento secundário das usinas para ganhar espaço estratégico na matriz energética e na economia da Paraíba. Hoje, o estado ocupa a nona posição do país em potência outorgada de biomassa oriunda da cana, atrás apenas de estados tradicionalmente mais industrializados no setor sucroenergético. No Nordeste, a Paraíba aparece logo após Pernambuco e Alagoas, que ocupam a sétima e sexta posições nacionais, respectivamente.

Os cerca de 102 megawatts de potência outorgada da bioeletricidade produzida pelas usinas paraibanas já representam 4,15% da matriz elétrica estadual, segundo dados do Sistema de Informações de Geração da Aneel (SIGA). A biomassa da cana aparece como a quarta principal fonte de geração da Paraíba, atrás apenas da energia eólica, responsável por cerca de 45% da potência fiscalizada do estado, da solar, com 29%, e das fontes fósseis, com 21%.

Ao todo, são seis empreendimentos espalhados por João Pessoa, Santa Rita, Mamanguape, Pedras de Fogo e Caaporã. Segundo o Sindicato da Indústria de Fabricação do Alcool na Paraíba (Sindalcool), a produção atual de energia dessas usinas seria suficiente para abastecer aproximadamente 300 mil residências. Além da relevância energética, o setor sucroenergético também mantém peso econômico significativo no estado.

De acordo com a engenheira eletricista Viviane Pedrosa, diretora da empresa Voltec Soluções em Energia e consultora de cinco usinas na Paraíba, a venda de eletricidade já se tornou uma fonte de receita comparável à obtida com açúcar e etanol. “Hoje, as usinas que vendem energia no mercado livre têm uma receita equiparada aos produtos produzidos pela indústria, como o açúcar e o etanol”, afirma a especialista. A mudança teve início há cerca de três anos e



Foto: Divulgação/Sindalcool

Energia produzida por seis usinas equivale a 4,15% da matriz energética estadual

ocorre em meio a uma onda recente de modernização das usinas.

“Foi uma acelerada muito recente. As usinas começaram a investir fortemente em infraestrutura para ampliar a geração de energia. Aumentou-se a potência da caldeira para gerar mais vapor e também a potência dos geradores e das turbinas para ter uma geração maior de energia”, explicou. As usinas passaram a substituir os equipamentos antigos de baixa pressão por sistemas mais modernos e eficientes, capazes de gerar maior volume de vapor e, consequentemente, mais eletricidade a partir do mesmo volume de cana processada.

### Desafios

Para o presidente-executivo do Sindalcool, Edmundo Barbosa, a cogeração baseada no bagaço da cana já é uma tecnologia consolidada no Brasil, mas ainda enfrenta limitações econômicas para avançar em estados como o nosso. “A Paraíba não está atrasada tecnicamente, mas ainda está sub-representada economicamente, sobretudo quando comparada a estados com maior densidade industrial sucroenergética e melhor infraestrutura de escoamento”, explica Barbosa, para quem o problema principal não é capacidade técnica.

“O problema não é falta de capacidade de geração. É falta de condição econômica para investir e expandir”, acrescenta. As usinas hoje são au-

tosuficientes e, além de gerar a própria energia consumida durante a safra, elas vêm ampliando a exportação de eletricidade para o mercado livre de energia. Nesse modelo, grandes consumidores podem contratar diretamente a energia produzida pelas usinas, sem depender exclusivamente das distribuidoras tradicionais, como a Energisa.

O funcionamento desse mercado acompanha uma lógica semelhante à de uma bolsa de valores: as usinas monitoram mensalmente as oscilações do preço do megawatt-hora para decidir o melhor momento de vender energia ou firmar contratos mais longos. “Dependendo da cotação, elas fecham contratos de três ou cinco anos. Em outros momentos, preferem aguardar uma valorização do preço”, diz a engenheira. Esse avanço da bioenergia ocorre em paralelo ao movimento global de transição energética.

Com a pressão global pela redução de emissões e pela substituição gradual de combustíveis fósseis, fontes renováveis passaram a receber mais incentivos econômicos e regulatórios. Viviane Pedrosa avalia que essa realidade acelerou investimentos no setor sucroenergético. “A bioenergia é uma das fontes mais limpas. Houve um movimento mundial de incentivo às energias renováveis e isso acelerou esse mercado”, afirma.

### Reaproveitamento

A geração de energia ocorre a partir do reaproveitamento do bagaço da cana, resíduo restante após a produção de açúcar e etanol. O material é queimado em caldeiras para gerar vapor, que movimenta turbinas ligadas a geradores elétricos. Segundo especialistas, o processo praticamente não gera resíduos adicionais porque utiliza um subproduto já existente da cadeia sucroenergética. “O único resíduo do processo é justamente o bagaço, que passa a ser uti-

lizado para gerar energia. Então é uma forma de aproveitar algo que já seria descartado. O único ponto é a emissão de CO2 da queima, mas comparado a outras fontes é algo muito inferior”, pondera Viviane.

Outro fator que favorece a bioeletricidade é o custo operacional relativamente baixo. Como as usinas já possuem parte da infraestrutura industrial necessária para o processamento da cana, a geração de energia aproveita as estruturas já existentes. “A caldeira já faz parte do sistema produtivo da usina. O equipamento adicional é basicamente o gerador”. Apesar da expansão, o setor ainda enfrenta gargalos estruturais. O principal deles é a sazonalidade da produção. Como a geração depende diretamente do processamento da cana, a bioenergia acompanha o calendário da safra.

Na maior parte das usinas paraibanas, a produção ocorre de agosto a março. Durante a entressafra, de abril a julho, muitas unidades interrompem a geração para realizar manutenção em caldeiras, turbinas e geradores. “Algumas usinas ainda armazenam bagaço para continuar gerando por um período, mas a maioria faz a parada”, explicou Viviane. Mesmo com essas limitações, o setor projeta crescimento de aproximadamente 25% até 2030.

O presidente-executivo do Sindalcool defende mudanças no modelo de remuneração da bioeletricidade, criação de contratos específicos de longo prazo para biomassa e integração maior com políticas climáticas e de descarbonização. “A Paraíba tem uma oportunidade concreta de transformar o bagaço de cana, que antes era apenas um subproduto industrial, em um ativo energético estratégico. Mas isso exige corrigir distorções do mercado elétrico, reconhecer a bioeletricidade como uma fonte importante para a segurança hídrica e integrá-la à agenda de descarbonização”, conclui Edmundo Barbosa.

## Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia  
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

# Carbono: de passivo ambiental a ativo econômico

O mercado de crédito de carbono afirma-se, de maneira inequívoca, como um dos instrumentos centrais na reorganização da economia global frente ao desafio climático. Ao atribuir valor econômico à redução de emissões de gases de efeito estufa, convertendo esforços ambientais em ativos negociáveis, esse mecanismo não apenas corrige distorções históricas, como também inaugura uma nova lógica de alocação de recursos. Nessa dinâmica, eficiência produtiva e responsabilidade ambiental deixam de ocupar campos opostos e passam a se reforçar mutuamente.

Trata-se, em essência, de uma reconfiguração dos incentivos econômicos, na qual poluir deixa de ser apenas uma externalidade difusa e passa a representar um custo concreto.

A força desse mercado reside, justamente, na sua capacidade de criar incentivos claros. Em vez de depender exclusivamente de comandos regulatórios, ele mobiliza capital privado, direciona investimentos e estimula inovação tecnológica. Em termos econômicos, trata-se de um avanço relevante: ao precificar o carbono, internaliza-se um custo que antes era difuso, permitindo decisões mais racionais por parte de empresas e governos.

A trajetória recente indica um potencial expressivo de expansão. À medida que metas climáticas tornam-se mais ambiciosas e critérios ambientais ganham peso nas decisões de financiamento, a demanda por créditos de carbono tende a crescer de forma consistente. Esse movimento abre espaço para novos modelos de negócio, especialmente em setores ligados à transição energética, ao uso sustentável da terra e à bioeconomia. Configura-se, portanto, como uma oportunidade concreta de geração de valor em bases mais sustentáveis.

No Brasil, esse potencial é particularmente relevante. A combinação de ativos naturais, capacidade produtiva e diversidade de biomas cria condições favoráveis para a geração de créditos de alta qualidade. A conversão desse potencial em vantagem econômica, contudo, passa por avanços institucionais que ofereçam previsibilidade e segurança aos investidores.

Outro ponto que reforça a posição do estado é o avanço institucional decorrente da Lei Estadual nº 14.139/2025, que institui a Política de Incentivo à Produção de Créditos de Carbono da Paraíba. A legislação estabelece diretrizes específicas para viabilizar financeiramente projetos que reduzam emissões, criando um ambiente regulatório capaz de atrair investidores e de integrar o estado ao mercado de carbono emergente no Brasil. Mais do que resultados imediatos, iniciativas dessa natureza cumprem um papel estratégico ao sinalizar compromisso com uma agenda econômica alinhada às transformações globais.

Essa agenda dialoga diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, especialmente aqueles relacionados à ação climática, à energia limpa e ao crescimento econômico sustentável. O mercado de carbono, nesse sentido, atua como um elo entre diretrizes globais e práticas econômicas concretas, traduzindo metas amplas em decisões de investimento e geração de renda.

O ponto central é que o crédito de carbono não deve ser visto como uma tendência passageira, mas como parte de uma transformação estrutural. A economia global caminha para incorporar, de maneira crescente, critérios ambientais na formação de preços e na avaliação de riscos. Nesse cenário, países e regiões que conseguirem estruturar ambientes institucionais consistentes estarão mais bem posicionados para capturar oportunidades.

Em termos gerais, o mercado de crédito de carbono representa uma fronteira dinâmica de expansão econômica. Sua relevância não decorre apenas da urgência climática, mas da capacidade de alinhar interesses econômicos e ambientais de forma pragmática. É um campo em evolução, mas já suficientemente robusto para influenciar decisões estratégicas e redefinir, de maneira duradoura, a relação entre desenvolvimento e sustentabilidade.

Foto: Divulgação/Sindalcool



Produção faz reuso do bagaço e não gera outros resíduos



Licença-maternidade estendida é realidade em 14% das empresas privadas na Paraíba

## SETOR PRIVADO

# Apoio às mães ainda é restrito na PB

*Empresas que adotam incentivos relatam melhora na retenção, na satisfação e nos indicadores de gestão de pessoas*

Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

Apenas 14% das empresas privadas com mais de 100 funcionários na Paraíba oferecem licença-maternidade estendida, e só 12% contam com auxílio-creche, segundo o *Relatório de Transparência Salarial* do Ministério do Trabalho. Apesar da baixa adesão, organizações que adotaram essas políticas colhem uma série de resultados positivos na gestão de pessoas, como maior retenção de trabalhadoras e melhoria em indicadores internos.

Foi com esse tipo de suporte que a supervisora de operações na AeC Maria Emília, de 32 anos, viveu uma experiência distinta entre suas duas gestações. Mãe de um menino de 11 anos e de um bebê de pouco mais de um ano, ela compara os pe-

ríodos. Ela passou pela primeira gestação sem qualquer tipo apoio na empresa onde trabalhava e, anos depois, encontrou uma realidade diferente ao engravidar sob o suporte de uma rede de auxílios em um momento delicado em sua vida.

Na segunda gestação, ela contou com licença-maternidade estendida, auxílio-creche e com um programa interno voltado à gestação, que inclui acompanhamento e facilidades no acesso a serviços de saúde. “A gente tem mais tranquilidade para cuidar da nossa saúde e da saúde do bebê, sem aquela preocupação com custos ou dificuldade de atendimento”, relata. Para ela, o conjunto de benefícios também influencia na permanência no emprego e na adaptação à rotina após o nascimento do filho.

A gestação e o retorno ao

trabalho após a licença-maternidade costumam ser períodos de maior vulnerabilidade na trajetória profissional das mulheres. A legislação brasileira garante 120 dias de afastamento, além de estabilidade provisória no emprego, mas especialistas em relações do trabalho apontam que esse intervalo nem sempre é suficiente para atender às demandas físicas, emocionais e logísticas dessa fase. O retorno costuma exigir reorganização da rotina familiar, adaptação à nova dinâmica com o bebê e conciliação com a jornada profissional.

No Grupo Morada da Paz, a política interna estende a licença-maternidade por mais um mês. A líder de vendas Marcele da Silva, de 35 anos, grávida do terceiro filho, relata que a medida tem impacto direto na forma como vivencia

esse momento. “Ter mais tempo com o bebê faz muita diferença, tanto para mãe quanto para criança”, afirma. Segundo ela, o benefício também influencia na percepção sobre o ambiente de trabalho. “Saber que a empresa valoriza a maternidade e oferece esse tipo de apoio faz a gente se sentir mais segura e respeitada”.

Do ponto de vista da empresa, a decisão de ampliar benefícios demonstra uma leitura mais ampla das necessidades das trabalhadoras. “A legislação específica sobre determinados temas não traduz a real necessidade das pessoas”, afirma o coordenador de recrutamento e seleção do Grupo Morada, Bruno Silva. “Nossa política estende a licença-maternidade por mais um mês para conferir um tratamento mais justo”.

Além da ampliação da licença, empresas têm adotado outras estratégias para apoiar mulheres durante a gestação e o pós-parto. Na Paraíba, 19,7% das empresas analisadas pelo Ministério do Trabalho possuem políticas de incentivo à contratação de

mulheres chefes de família — o que coloca o estado na nona posição nacional e na segunda melhor do Nordeste nesse indicador. Há também iniciativas voltadas ao acompanhamento da saúde e à adaptação da jornada de trabalho.

Na AeC, um programa interno voltado à maternidade prevê desde a isenção de custos relacionados ao plano de saúde durante a gestação até ações educativas. “O programa envolve capacitações, palestras sobre o período gestacional e cuidados com o recém-nascido”, explica a coordenadora de pessoas Derllani Souza. Outro ponto é justamente a adaptação da jornada após o retorno da licença.

A política chamada “Programa Vida” inclui redução de uma hora na jornada diária durante os primeiros seis meses do bebê, período recomendado para amamentação exclusiva. “A gente adapta períodos de vida da colaboradora, como a gestação e o retorno ao trabalho, para que ela tenha uma melhor qualidade de vida e se sinta acolhida”, afirma a coordenadora. Do ponto de vista da gestão de pessoas, essas medidas têm reflexos diretos em indicadores internos.

De acordo com a coordenadora, é possível mensurar efeitos como a redução do absenteísmo (indicador que mede faltas e afastamentos), especialmente em períodos críticos como a gestação e o retorno ao trabalho. “A gen-

te consegue mensurar, aqui na AeC, que esse absenteísmo é bem controlado quando a gente fala dos projetos que a gente oferece”, afirma Derllani. Outro indicador acompanhado é o nível de satisfação das empregadas. “Hoje a gente tem as nossas mães com um índice de felicidade de 98%. Não é um indicador de resultado, mas é um indicativo de se essas mulheres estão satisfeitas com o trabalho”.

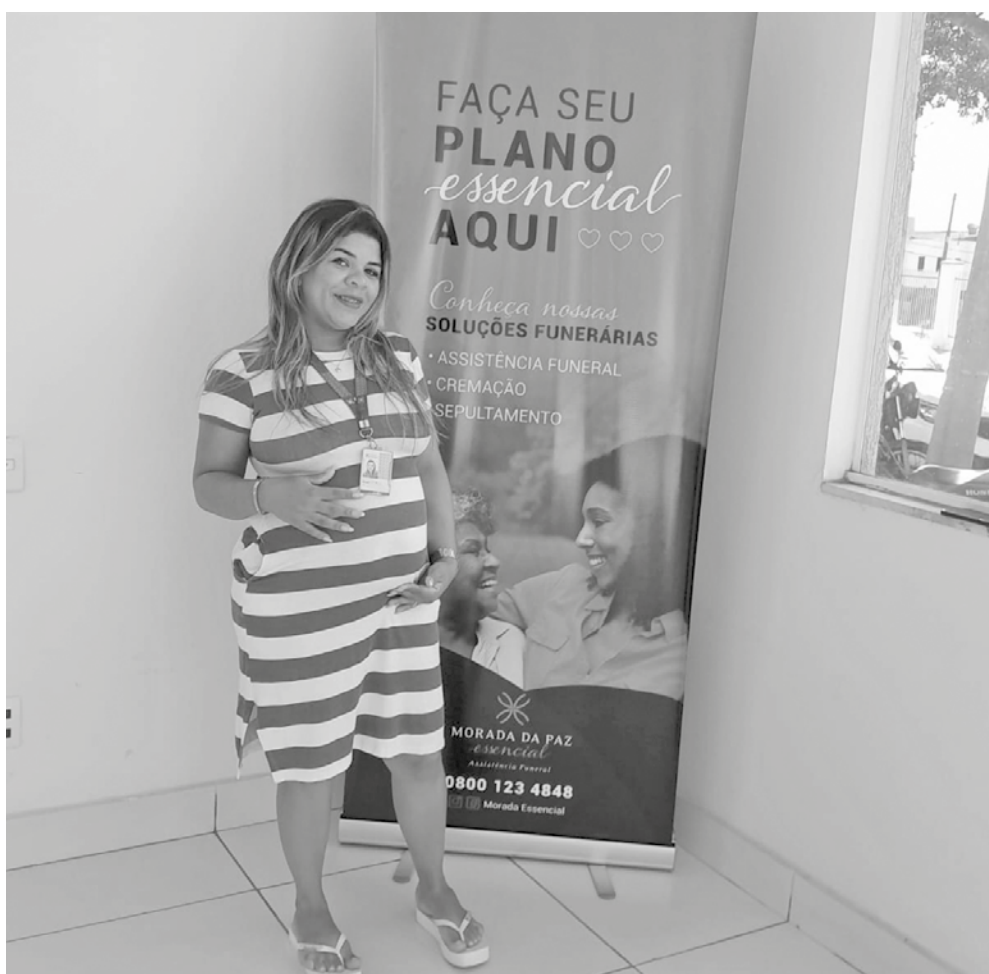
Na prática, essa percepção aparece no relato de quem vivencia a política no dia a dia. Maria Emília afirma que o suporte recebido influencia diretamente na decisão de permanecer na empresa. “Quando a gente tem esse apoio, é um diferencial”, diz. Ela também destaca o impacto na relação com o filho. “Nos primeiros meses, a gente consegue voltar mais cedo para casa e amamentar. Eu consegui amamentar meu filho, exclusivamente, até os seis meses porque a empresa possibilitou isso”, relata.

O conjunto dessas políticas evidencia uma mudança gradual na forma como as empresas lidam com a maternidade no ambiente de trabalho, ainda que os dados deem baixa adesão aos benefícios que vão além da rotina profissional. “É um período delicado, e saber que não vai ter custo com acompanhamento, que pode fazer exames, ver se o bebê está bem, isso ajuda muito”, conclui Maria Emília.

“

**Saber que a empresa valoriza a maternidade e oferece esse tipo de apoio faz a gente se sentir mais segura e respeitada**

Marcele da Silva



Grávida do terceiro filho, a líder de vendas defende a importância de ter tempo com o bebê

COMARCA DE ITABAIANA-PB  
Ofício Único de Tabelação de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN

EDITAL DE INTIMAÇÃO DE CONFRONTANTE

REGINA COELI RODRIGUES DA SILVA, Oficiala do Ofício Único de Tabelação de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN da Comarca de Itabaiana-PB, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, VENHO PELO PRESENTE INTIMAR O(S) SENHOR(ES) MARCOS JOSÉ MIRANDA DA SILVA - CPF: \*\*\*355.644-\*\*, para fins de cumprimento das obrigações, para que o mesmo fique ciente do registro do GEORREFERENCIAMENTO, que o mesmo como confrontante se faz necessário a assinatura na planta e no memorial descritivo do imóvel vizinho, que pertence a Sra. Maria de Jesus Ferreira Amorim Reis dentro do prazo definido nesta intimação. Assim, procedo à INTIMAÇÃO de Vossas Senhorias, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado à Rua São Vicente de Paulo nº 30 – Itabaiana-PB, para se manifesta, no prazo improrrogável de **15 dias úteis**, contados a partir da data desta publicação. Eu, Juliane Maria de Araújo Almeida- Escrevente, o digitei. Itabaiana, 07/05/2026.

## EDUCAÇÃO

# Protagonismo feminino no Ensino Superior na PB

Principais instituições educacionais estão sob o comando das mulheres

Deyse Ponciano  
Ascom Secties

Existe algo simbólico no ar quando, pela primeira vez na história da Paraíba, três das quatro instituições públicas de Ensino Superior do estado passaram a ser lideradas por mulheres. É um capítulo importante na equidade de gênero e indica um resultado silencioso de décadas de trabalho e de escolhas difíceis, sobre não abandonar nem a carreira nem a família.

Mary Roberta Meira Marinho, Terezinha Domiciano e Célia Regina Diniz têm trajetórias distintas: uma veio da área tecnológica, outra da medicina veterinária, outra da engenharia química. Mas têm em comum algo que vai além dos títulos de mestra e doutora: as três são mães. E todas as três mostram que a maternidade não atrapalhou a chegada até onde estão.

### A inspiração começou em casa

Em 2022, o Instituto Federal da Paraíba completou 113 anos de história. Em mais de um século de existência, recebeu, pela primeira vez, uma mulher no cargo de reitora. Mary Roberta chegou para conduzir uma das maiores redes de ensino técnico e tecnológico do Nordeste, com 21 campi espalhados pelo estado, onde, só em 2025, mais de 16 mil estudantes mulheres estavam regularmente matriculadas.

A origem de Mary moldou a própria trajetória, e ela destaca isso como uma forma de não esquecer as raízes. “Minha trajetória foi marcada por desafios, mas com muita motivação. Creio que o Sertão molda os sertanejos com a dificuldade, mas com a alegria da vida a cada fim de seca”, diz. Ela entrou no IFPB como estudante vinda do interior,



Reitora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Célia Regina Diniz, e a filha

carregando o exemplo de uma mãe professora que acreditava na educação como caminho. “Minha mãe era pura dedicação e trabalho. Isso me motivou”.

Mas o caminho até a reitoria não foi isento de resistências. Mary fala com clareza sobre os mecanismos que travam o avanço das mulheres nos espaços de poder. “A competência das mulheres tem sido aproveitada até certo nível, onde trabalho duro e sistemático é necessário. Quando chega ao nível superior, as qualidades antes valorizadas são destacadas como defeitos”. É o momento em que muitas recuam, diz ela, porque as regras mudam. “Estávamos na lógica da construção, do trabalho sistemático e humanizado, e entramos no espaço onde não estávamos acostumadas: o espaço da luta pelo poder”.

Sobre a maternidade, Mary é direta: ela não divide, ela soma. “A dinâmica de ser

mãe engrandece muito minha vida, me faz crescer muito, porque ser mãe é exercitar o amor maior”. E vai além: “As experiências se completam. Devemos, por isso, não nos sentirmos culpadas por termos dupla missão”.

### 22 anos de construção

Na Universidade Estadual da Paraíba, a professora e pesquisadora Célia Regina não chegou à reitoria de repente. Ela construiu, ao longo de 22 anos de gestão universitária passando pelas pró-reitorias de Planejamento, de Administração, de Gestão de Pessoas e pela Chefia de Gabinete, um repertório que a capacitou para ocupar o cargo mais alto da instituição.

“Não foi uma decisão individual ou movida por ambição pessoal, mas pelo entendimento coletivo de que eu poderia contribuir ainda mais com a instituição”, destaca.

Ser mulher nesse ambiente, ela reconhece, trouxe um

peso a mais. “Ser mulher nesse espaço também significa, muitas vezes, precisar demonstrar constantemente a própria capacidade”. Mas, em vez de intimidação, esse peso virou combustível. “Isso nunca me intimidou. Pelo contrário, reforçou ainda mais meu compromisso”.

Quando se tornou mãe, Célia conta que aprendeu a integrar todas as funções. “Houve, sim, momentos desafiadores, em que foi necessário fazer escolhas difíceis e reorganizar prioridades. Aprendi que não se trata de escolher entre uma dimensão e outra, mas de buscar o equilíbrio possível, mesmo sabendo que ele nem sempre será perfeito”.

E é dessa experiência que nasce o recado às que vêm depois. “Quero que outras mulheres dentro da UEPB se reconheçam como capazes, preparadas e legítimas para ocupar esses lugares”.

## Do movimento estudantil à reitoria da UFPB

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Terezinha Domiciano reforça o marco histórico da presença feminina na liderança da educação superior paraibana. Formada em Medicina Veterinária, com mestrado e doutorado em Zootecnia, ela assumiu a reitoria da instituição em 2024, após uma trajetória construída dentro da própria universidade.

Terezinha já havia disputado a reitoria em 2020 e, apesar de ter sido a mais votada na lista tríplice, não foi nomeada. Quando retornou ao pleito em 2024, conquistou

quase 70% dos votos da consulta pública e novamente liderou a votação, e dessa vez foi nomeada.

A relação da reitora com a UFPB começou ainda como estudante, participando do movimento estudantil e de atividades de pesquisa e extensão. Ao longo dos anos, ocupou cargos de gestão, como chefe de departamento, direção de centro e coordenação de projetos institucionais. “A nossa trajetória ao longo do tempo, do dia a dia, foi decisiva para que eu chegasse onde cheguei. Ocupar cargos na universidade

me deu uma bagagem e um conhecimento técnico de gestão que são fundamentais para o desempenho hoje na UFPB”.

Assim como outras mulheres em espaços de liderança, Terezinha reconhece que ainda existe uma cobrança maior sobre a capacidade feminina de comandar instituições, mas acredita que a maternidade também contribui para uma gestão mais humana e sensível.

“Essa prova é todos os dias, em todos os espaços. Seja como docente, pesquisadora ou gestora, a gente tem sempre que provar o melhor. Como mãe, a gente desenvolve esse olhar mais sensível para as pessoas. Esse olhar humano, para mim, é fundamental”.

A perspectiva também aparece nas ações recentes da universidade. A UFPB lançou o Progestar, programa voltado ao acompanhamento e formação de alunas e servidoras gestantes e que busca fortalecer o acolhimento e a qualidade de vida dentro da comuni-

dade acadêmica.

Na esfera nacional, o Governo Federal lançou o Programa Aurora, voltado a professoras orientadoras vinculadas a programas de pós-graduação *stricto sensu* que sejam gestantes ou mães de crianças de até dois anos. A iniciativa tem como objetivo reduzir o impacto da maternidade na produtividade da carreira científica.

Programa voltado ao acompanhamento e formação de alunas e servidoras gestantes busca fortalecer o acolhimento e a qualidade de vida dentro da comunidade

## Poeira Estelar

Claudio Furtado  
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

## O que a China nos ensina sobre inovar

Minha experiência em visitas à China, para onde tenho ido desde 2013, me fez analisar com mais profundidade o planejamento, os investimentos em ciência, tecnologia e inovação por parte do governo chinês, ao mesmo tempo em que evidenciei que a Paraíba está indo no caminho certo.

Ao visitar um país tão desenvolvido como é a China hoje, ao longo de mais de 10 anos, é fácil observar o quão dinâmico é o planejamento que aquela nação tem e o quanto o pilar ciência e tecnologia é importante para galgar, cada vez mais, uma fronteira de desenvolvimento junto às demais nações. Ele é organizado principalmente por meio dos planos quinquenais, os Five-Year Plans, que definem prioridades estratégicas para períodos de cinco anos, articulando governo, empresas e academia.

O planejamento chinês não é apenas econômico, ele é tecnológico e geopolítico, com três grandes pilares.

O primeiro é uma direção estratégica centralizada. Há uma forte coordenação entre governo central, províncias e empresas.

O segundo é a integração entre ciência e indústria. Hoje, no Brasil, por meio da Nova Indústria Brasil, temos avançado nessa articulação, mas, na China, isso já é uma realidade há mais tempo. O terceiro é o planejamento de longo prazo. Os planos quinquenais se conectam a metas maiores, como 2035 e 2049. Há continuidade, e cada plano aprofunda o anterior.

Se formos resumir esses anos, podemos dizer que primeiro (2016–2020) a China buscou aprender a inovar, depois (2021–2025) o lema foi inovar para competir, para, em seguida (2026–2030), inovar para dominar e garantir soberania.

De 2016 a 2020, no 13º plano, a China preparava uma transição para a inovação. O foco principal era sair de um modelo baseado em mão de obra barata e começar a priorizar a inovação tecnológica. A ideia era agregar valor e deixar de ser vista apenas como uma nação de produção de baixo custo, passando a ser reconhecida pela capacidade de inovação. Foi a fase de virada, em que a inovação entrou no centro da estratégia nacional de desenvolvimento.

De 2021 a 2025, no 14º plano, a inovação passa a ocupar um eixo central consolidado. A autossuficiência tecnológica e a liderança global tornam-se objetivos claros. Entre as diretrizes principais, estão o aumento do investimento em pesquisa e desenvolvimento, com crescimento anual de cerca de 7%, e o fortalecimento da pesquisa básica, com mais recursos para universidades, mostrando que a ciência básica é fundamental para um Estado inovador.

No plano de 2026 a 2030, no 15º plano, a China estabelece um planejamento voltado à segurança tecnológica e ao avanço nas fronteiras da inovação. O foco passa a ser inovar para dominar tecnologias críticas sob pressões geopolíticas. Há novos focos, como a aplicação da inteligência artificial em toda a economia, inclusive na agricultura, a autossuficiência em semicondutores, o avanço em computação e comunicação quântica e o desenvolvimento da robótica avançada. Também ganham destaque o espaço comercial, a exploração espacial e lunar, com programas já bastante avançados, e a infraestrutura digital, incluindo o avanço do 5G para o 6G. O plano amplia, ainda, o papel das empresas na inovação.

Se olharmos esse conjunto de áreas estratégicas do ponto de vista global, encontraremos vários pontos em comum com investimentos realizados na Paraíba nos últimos anos, demonstrando um direcionamento consistente das políticas de ciência, tecnologia e inovação. Esse resultado é fruto de diversos investimentos feitos pelo Governo do Estado ao longo dos últimos oito anos e que seguem como meta para os próximos anos.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Reitora da UFPB, Terezinha Domiciano, e os filhos

PEIXE-LEÃO

## Ibama regula a pesca de invasores

Instrução normativa publicada em março visa o controle populacional de espécies marinhas exóticas



Foto: Divulgação/Magnific

Camila Monteiro  
milabmonteiro@gmail.com

Com nadadeiras longas e coberto por listras verticais vermelhas, brancas ou marrons, semelhantes às de uma zebra, o peixe-leão (*Pterois spp.*) chama a atenção. Mas não dá para se enganar pela sua beleza: ele possui 18 espinhos venenosos, capazes de causar dor, náuseas e até convulsões. Além disso, por suas características predatórias, pode provocar grande impacto no ecossistema marinho brasileiro, sendo considerado uma espécie invasora. Para conter o avanço de espécies como essa, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama), publicou, em 31 de março deste ano, a Instrução Normativa (IN) nº 10, que estabelece regras para o combate à bioinvasão de peixes marinhos exóticos invasores nocivos em todo o litoral brasileiro, incentivando seu controle e erradicação populacional.

De modo a conter a atuação desses animais, a regulamentação reforça que esses peixes são nocivos à biodiversidade e aos ecossistemas, permitindo seu controle, por meio de pesca, captura, abate e comercialização, sem restrições de quantidade, tamanho ou período, desde que respeitadas as regras da modalidade de pesca. A medida facilita a retirada da espécie, protegendo os peixes nativos, além de fomentar a economia, já que há uma autorização para comercialização do animal abatido.



Foto: Arquivo Pessoal

**O peixe-leão se alimenta de animais quase do seu próprio tamanho e ingere cerca de 20 peixes em apenas meia hora**

André Luiz Castro

O monitoramento de espécies marinhas invasoras ocorre de forma integrada, envolvendo órgãos públicos, instituições de pesquisa e organizações da sociedade civil. Segundo o Ibama, o órgão e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) exercem papel central na coordenação, análise técnica, fiscalização e consolidação de dados. De acordo com o chefe da Divisão de Fauna (Difau) da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Leandro Silvestre, o monitoramento no estado é realizado de maneira contínua pelo órgão, por meio de equipes técnicas especializadas em mergulho, que atuam na busca ativa e na captura dos indivíduos, especialmente em áreas estratégicas, como unidades de conservação (UC) estaduais. “A Sudema também mantém articulação com pescadores e operadores de mergulho, que recebem orientação técnica para identificação, captura segura e comunicação de ocorrências, fortalecendo uma rede colaborativa de monitoramento”, comentou.

Universidades e organizações parceiras contribuem com estudos científicos, geração de dados e desenvolvimento de metodologias, complementando a atuação dos órgãos ambientais. Ainda de acordo com o instituto, essa articulação técnica foi fundamental, inclusive, para a construção da Instrução Normativa nº 10/2026.

### Instrução normativa

A recente normativa do Ibama estabelece que os exemplares não poderão ser devolvidos vivos ao ambiente natural, devendo ser obrigatoriamente abatidos antes do desembarque, quando forem capturados e identificados.

Leandro Silvestre reconhece o papel da IN para a consolidação das instituições ambientais. “Ao reconhecer oficialmente essas espécies como uma ameaça à biodiversidade e ao orientar ações coordenadas entre instituições, profissionais e a sociedade, a norma fortalece os órgãos ambientais, além de

contribuir diretamente para reduzir a velocidade de dispersão dessas espécies e minimizar seus impactos ambientais.”.

A IN também disciplina a destinação dos exemplares abatidos, permitindo que o próprio manejador decida o uso do material, desde que haja registro da atividade no sistema do Ibama por parte das instituições que receberem os espécimes. A medida dispensa, inclusive, a necessidade de licença prévia para transporte, ao mesmo tempo que prevê a divulgação de uma lista oficial de instituições aptas a receber esse material biológico, como centros de pesquisa e coleções científicas.

A resolução também incentiva campanhas de educação ambiental, com a finalidade de esclarecer a população sobre os riscos associados à introdução e aos impactos de espécies exóticas invasoras no país.

Segundo a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade da Paraíba (Semas), as estratégias do Governo do Estado, por meio da secretaria e da Sudema, para contenção de espécies invasoras, estão alinhadas com os instrumentos da IN e se baseiam em quatro pilares: monitoramento e controle ativo, com a ampliação das operações de busca, a contratação contínua de equipes especializadas e a integração com pescadores e mergulhadores; a integração dos dados, por meio da alimentação sistêmica do Sistema de Informação de Manejo de Fauna (Simaf) do Ibama, além da consolidação de banco de dados estadual; a educação ambiental e engajamento social, a partir da sensibilização de comunidades costeiras, da capacitação de pescadores e operadores de mergulho e da distribuição de materiais informativos; e, por fim, articulação institucional, com parcerias com universidades e centros de pesquisa, integração com iniciativas nacionais e o apoio a projetos de miti-

Peixe-leão é coberto por listras verticais vermelhas, brancas ou marrons

gação vinculados ao licenciamento ambiental.

De acordo com o membro fundador do Núcleo de Estudos em Ecologia e Conservação Marinha (Necomar) do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Thalys Araújo, que atuou como pesquisador e mergulhador voluntário na equipe de Pesquisa e Manejo em Oceano e Fiscalização Ambiental do ICMBio do Núcleo de Gestão Integrada (NGI) de Fernando de Noronha nas atividades de controle e manejo do peixe-leão na ilha, um ponto de relevância da norma é o fomento à participação social nesse processo de conservação da natureza. “Temos agora a autorização para que esse animal seja consumido. No Caribe, por exemplo, ele virou uma iguaria, um prato exótico muito procurado. Também é possível desenvolver atividades que gerem renda para as comunidades tradicionais, como artesanatos feitos de subprodutos desses animais. Antes era proibido, mas agora é possível viabilizar essas atividades”, explicou. Para ele, quanto mais houver participação social, mais fácil vai ser mitigar os impactos desse animal sobre a biodiversidade.

### Pesca

A normativa prevê que o controle populacional dos animais invasores pode ser efetuado por pescadores profissionais, amadores ou esportivos, desde que sigam as regras do ordenamento pesqueiro e utilizem equipamentos adequados.

Na pesca em apneia, por exemplo, são permitidos arpão, espingarda de mergulho, arbaleta (equipamento de pesca capaz de disparar arpões) e similares. Já na pesca com equipamentos autônomos, o uso desses instrumentos é proibido, salvo autorização específica para controle de espécies invasoras.

O pescador esportivo Gustavo Adeline, que atua em alto-mar, já registrou a espécie. “Já encontrei e filmei, inclusive em um registro inédito a 60 m de profundidade com um ROV [veículo operado remotamente] submarino”, relatou. Por isso, para ele, a norma é adequada: “O peixe-leão é invasor, tem poucos predadores no Brasil e causa grande impacto na fauna local. A autorização de abate foi uma decisão acertada”, afirmou.

### Pesquisa

Na Paraíba, os exemplares de peixe-leão capturados são encaminhados à Coleção Ictiológica do Museu da Biodiversidade da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde passam por análise. O objetivo é acompanhar e compreender o avanço dessa espécie invasora ao longo do litoral paraibano por meio de estudos científicos.

Segundo André Luiz Castro, biólogo e responsável pela coleção, o setor acompanha de forma sistemática a expansão dessa espécie, principalmente no Nordeste, onde sua presença cresce rapidamente. “Os estudos desenvolvidos envolvem desde o registro de ocorrência e distribuição até análises biológicas e ecológicas, fundamentais para compreender os impactos dessa bioinvasão”, apontou.

De acordo com o especialista, trata-se de uma das espécies invasoras mais preocupantes do mundo, devido ao seu comportamento predador generalista, alta taxa reprodutiva e ausência de predadores naturais efetivos em ambientes invadidos. Esses fatores favorecem o desequilíbrio ecológico, com potencial impacto sobre a biodiversidade recifal e sobre espécies nativas, inclusive de importância econômica.

O peixe-leão é nativo dos oceanos Índico e Pacífico, mas se tornou invasor no Atlântico após ser introduzido na região. Sem predadores naturais, espalhou-se rapidamente, sendo registrado pela primeira vez no Brasil em 2014. O espécime alimentado de animais quase do seu próprio tamanho, e pode ingerir cerca de 20 peixes em apenas meia hora. Essas características contribuem para a redução de espécies nativas, tornando-o um predador voraz.

Segundo o Ibama, a área de ocorrência da espécie está se ampliando. “A bioinvasão mais recente se iniciou pelo Caribe e, atualmente, há registros de peixe-leão em toda a costa nordestina, até o sul da Bahia. A tendência é que a sua área de distribuição se amplie para o litoral do Sudeste e do Sul”, informou o órgão.

### Outras espécies

A instrução normativa traz em seu escopo outras duas espécies de peixes exóticos invasores: o peixe-sapo (*Opsanus beta*) e o blênio-marrom (*Omobranchius sewalli*). Não existe nenhum registro oficial ou bibliográfico desses animais na Paraíba, e seu potencial de impacto é inferior ao do peixe-leão.

Segundo André Luiz, o peixe-sapo é uma espécie bentônica, associada ao fundo de ambientes costeiros e estuarinos, com comportamento sedentário e alimentação oportunista. Seu impacto tende a ser mais localizado. Já o blênio-marrom, de pequeno porte, adapta-se facilmente a ambientes artificiais, como estruturas portuárias, competindo com espécies nativas por espaço e recursos.

Para ele, apesar do baixo impacto, a inclusão dessas espécies na normativa é de fundamental importância. “Indica uma abordagem preventiva e integrada por parte do Ibama, reconhecendo que diferentes organismos invasores podem afetar os ecossistemas de maneiras distintas, e que o monitoramento e controle devem considerar essas particularidades”.

De acordo com o Ibama, a previsão é que, em breve, o documento seja atualizado com mais espécies com ocorrência comprovada no litoral brasileiro.

## Saiba Mais

Na Paraíba, o peixe-leão foi avistado pela primeira vez há três anos, em abril de 2023, na Praia de Jacumã, em Conde; além de no naufrágio Alvarenga, localizado na Área de Proteção Ambiental do Naufrágio Queimado, em João Pessoa. De acordo com a Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade da Paraíba (Semas), até o momento, foram contabilizados 64 avistamentos, dos quais 52 resultaram em captura.

## BRASILEIRO SÉRIE D

# Galo busca consolidar-se no G4

Com um jogo a menos, o Treze precisa vencer o Decisão-PE hoje, no Amigão, para se manter na zona de classificação

Danrley Pascoal  
danrleyp.e@gmail.com

O Treze joga, hoje, às 17h, no Amigão, contra o Decisão-PE, pela sexta rodada do Grupo A8, da Série D do Campeonato Brasileiro. O time de Adriano Souza tem sete pontos e busca consolidar-se entre os quatro primeiros na tabela de classificação da chave. As duas equipes não jogaram no fim de semana passado devido às fortes chuvas que atingiram o estado de Pernambuco, especialmente a cidade de Goiana, onde ocorreria a partida da quinta rodada.

O Galo tem duas vitórias, uma derrota e um empate quando se contabiliza os seus quatro jogos realizados. O Treze aposta no setor ofensivo para somar os três pontos em casa. Mesmo sem jogar na rodada cinco, o time de Adriano Souza tem o melhor ataque da chave e o segundo melhor se considerar os 96 times da competição. Ao todo, foram 11 gols marcados. Atuando no Amigão, o Alvinegro ainda não perdeu. A equipe tem duas vitórias e um empate. Para continuar invicto como mandante, Adriano Souza conta com a dupla Gustavo Petrocelli, volante, e Jean Carlo, meio-campo. Os dois, somados, marcaram seis gols na Quarta Divisão, três cada um.

Em coletiva, o treinador apontou as principais características do adversário, que também sonha com um triunfo para avançar na tabela. "A gente assistiu os dois últimos jogos do Decisão para fazer as análises. E, dentro do jogo, eles mudam muito de desenho tático. É uma equipe que, sem bola, tem uma referência quase que individual. Eles se ajustam aquilo que a equipe adversária faz", disse.

"O Decisão é um time que tomou oito gols, nós tomamos sete gols. Ou seja, são equipes que tomam gols, mas também fazem gols. Eles têm um dos artilheiros da competição, Túlio, que é um atleta com um alto índice de aproveitamento. Então, temos que ter muito cuidado com o ataque deles", completou Adriano.

### Adversário

O rival do Treze nesta tarde soma quatro pontos dentro do Grupo A9, tendo uma vitória, duas derrotas e um empate. O Decisão vem de triunfo na sua última partida (3 a 2 contra o Retró). O atacante Túlio Eduardo marcou todos os cinco gols do time na Série D, sendo o principal destaque da equipe. No Campeonato Pernambucano, o clube terminou a fase classificatória em quinto lugar. Com nove pontos, três vitórias e quatro derrotas, avançou para a segunda fase e foi eliminado pelo Santa Cruz.

### Sousa

O Dino volta a enfrentar o Laguna-RN, hoje, às 16h, no Estádio Frasqueirão, em Natal (RN). A equipe de Washington Luiz está a um ponto do G4 e busca a primeira vitória fora de casa. Até aqui, o Dino perdeu todos os confrontos em que não atuou no Marizão. Após cinco rodadas, a agremiação alviverde está na penúltima posição da chave.

No fim de semana passado, jogando no Marizão, o Sousa bateu o Laguna por 1 a 0, em jogo válido pela quinta rodada. O único gol da partida foi anotado por Diego Viana, aos oito minutos do segundo tempo. Com o triunfo, o Dino voltou a vencer na competição após um longo jejum, que perdurava desde a segunda rodada. Agora, a expectativa da torcida e do treinador Washington Luiz é de que o time apresente evolução nos próximos jogos e engate uma boa sequência para chegar ao mata-mata.

No entanto, o cenário para hoje não é positivo. Em Natal, o Sousa busca a primeira vitória fora de casa. Até aqui, o Dino perdeu to-

dos os confrontos em que não atuou no Marizão. O Alviverde foi derrotado pelo América-RN, Central e ABC. Vencer é importante para entrar no G4 e para se colocar na disputa pelas primeiras posições da chave, que ainda tem duas partidas neste domingo (10), pela sexta rodada: às 15h, o Maguary-PE recebe o América-RN; e às 16h, o ABC visita o Central.

### Primeiro turno

Com cinco das 10 rodadas da fase de grupos disputadas, é possível apontar times que têm tudo para se classificar à próxima etapa do Brasileiro da Série D. Clubes de melhor campanha, até o momento, Gama-DF e Goiatuba-GO são favoritos em seus respectivos grupos.

No fim de semana passado, o Gama goleou a Luverdense por 4 a 0 e disparou na liderança do A3, com 13 pontos. Já o Goiatuba, também com 13 pontos e primeiro do

A4, goleou o União Rondonópolis-MT por 5 a 1, atuando como mandante. A Série D tem 16 grupos com seis clubes em cada; vários times já chegaram pelo menos aos 10 pontos e estão com a vaga na sequência do campeonato bem encaminhada.

No A1, o Nacional-AM tem 10 pontos. No A2, Araguaína-TO e Guaporé-RO têm 11. No A4, grupo do Goiatuba, o Capital-DF, vice-líder, soma 10 pontos. No A6, o Iguatu-CE já alcançou 11 pontos, enquanto, no A7, o Ferroviário-CE está com 10. O Grupo A8 reúne os rivais ABC e América-RN, ambos com 10 pontos.

Já no A10, a Juazeirense-BA tem 12 e o CSA-AL, 10. O mesmo se dá no A11, com Uberlândia-MG (12) e Ivinhema-MS (10). A Portuguesa-SP no A13 lidera com 11, assim como o Joinville-SC, no A15, também com 11. Por fim, no A16, o Blumenau-SC é o primeiro, com 12, seguido pelo São Joseense-PR, com 10.

Jogadores do Galo treinando no Presidente Vargas, visando mais um jogo pelo Brasileiro



Foto: Reprodução/Instagram/Trezec

Sousa busca vencer pela segunda vez o Laguna-RN, agora fora de seus domínios



Foto: Reprodução/Instagram/Sousaec

## APRESENTAÇÃO

# Ancelotti pode não ter seis jogadores

*Final da Champions League e jogos da Libertadores e da Sul-Americana podem atrapalhar o início dos treinamentos*

Agência Estado

Pelo menos seis jogadores da Seleção Brasileira precisarão "se atrasar" para a apresentação junto à delegação da Copa do Mundo. São os atletas que terão agenda estendida com seus clubes pela disputa da final da Champions League ou das rodadas finais das fases de grupos de Libertadores e Sul-Americana.

O número leva em conta os jogadores que são considerados certos na lista final, a ser divulgada em 18 de maio. Até então, o regulamento da Copa do Mundo liberava os atletas finalistas de competições continentais, o que valia para a União das Associações Europeias de Futebol (Uefa).

A Federação Internacional de Futebol (Fifa) mudou a regra e liberou também as rodadas finais das fases de grupos, atendendo a Confederação Sulamericana de Futebol (Conmebol). Os demais jogadores começam a ser liberados pelos clubes a partir de 25 de maio. Os times brasileiros, portanto, poderão usar os convocados nas competições continentais, mas não no Brasileirão, que tem a última rodada antes da pausa no fim de semana de 30 de maio.

A programação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) prevê apresentação dos jogadores à Seleção a partir do dia 27 de maio. Os jogos das competições sul-americanas serão nos dias 26, 27 e 28. A final da Champions, no dia 30.



Fotos: Rafael Ribeiro/CBF

O zagueiro Marquinhos só vai se apresentar para os trabalhos da Seleção Brasileira rumo à Copa depois da final da Champions League, no dia 30 de maio

## Ausências

**Marquinhos, Gabriel Martinelli e Magalhães, do PSG, disputam a final da Champions League; Danilo e Alex Sandro, do Flamengo, e Danilo, do Botafogo, terão jogos por torneios da Conmebol**

Dentre os seis desfalques, metade joga a final do torneio europeu. Trata-se de Marquinhos, do PSG, e Gabriel Martinelli e Gabriel Magalhães, do Arsenal. Além deles, há os flamenguistas Danilo e Alex Sandro (Libertadores) e o botafoguense Danilo dos Santos (Sul-Americana).

A lista pode aumentar, a depender de nomes que não são certas na convocação, mas podem aparecer. São os casos de Hugo Souza (Corinthians), Lucas Beraldo (PSG), Léo Pereira (Flamengo), Léo Ortiz (Flamengo), Fabrício Bruno (Cruzeiro), Lucas Paquetá (Flamengo) e Neymar (Santos). É improvável, contudo, que todos esses nomes se somem aos demais.

Em 11 de maio, a CBF inscreve uma lista de 50 jogadores na Copa do Mundo. Depois, no dia 18, em cerimônia que vai ocorrer no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, serão anunciados os 26 que integrarão o grupo que disputará o Mundial.

## Fifa anunciará lista dos jogadores em junho

Está chegando a hora de conhecer os jogadores que disputarão a Copa do Mundo da Fifa 2026. As comissões técnicas das seleções participantes vêm trabalhando duro há meses para montar os melhores elencos possíveis para a competição e farão seus anúncios em breve. Assim como no Catar 2022, cada país poderá inscrever 26 atletas na competição. A Fifa planeja anunciar as listas oficiais de 26 jogadores das 48 seleções participantes no dia 2 de junho. No entanto, cada

seleção é livre para fazer seus anúncios provisórios nas datas que bem entenderem, como o Brasil, que fará o anúncio no próximo dia 18.

Cada seleção precisa fornecer à Fifa uma primeira lista que contenha de 35 a 55 jogadores, sendo que quatro deles precisam necessariamente ser goleiros. Essa relação provisória será usada apenas para fins internos e não será publicada.

As seleções devem fornecer à Fifa uma lista final contendo de 23 a 26 jogado-

res (três goleiros, no mínimo). Um jogador da lista final só poderá ser substituído por outro atleta da lista provisória em caso de lesão grave ou doença, até no máximo 24 horas antes da primeira partida de sua seleção na Copa do Mundo de 2026.

Um goleiro da lista final poderá ser substituído por outro goleiro da lista provisória em caso de lesão grave ou doença em qualquer momento durante o torneio.

As seleções nacionais podem anunciar suas lis-

tas a qualquer momento, mas elas só serão consideradas oficiais após a confirmação da Fifa, em 2 de junho.

### História das convocações

De 1930 até 1998, as seleções podiam inscrever no máximo 22 jogadores no Mundial. Na Copa da Coreia do Sul/Japão de 2002, os elencos aumentaram para 23 atletas. E, no Catar 2022, foram abertas três vagas extras, alcançando o número atual.

Para garantir a liberação dos jogadores a tempo

para a Copa do Mundo de 2026, a Fifa estabelecerá as seguintes datas:

a) O período de descanso, preparação e liberação obrigatória dos jogadores para a Copa do Mundo começará em 25 de maio de 2026, um dia após a última partida oficial de seus clubes;

b) Exceções à liberação obrigatória serão aplicadas aos jogadores que disputarem as finais das competições de clubes de suas confederações, como a Liga dos Campeões da Europa, até, no máximo, 30 de maio de 2026, sujeitas à aprovação da Fifa.



Jogadores da Seleção Brasileira vão se apresentar ao técnico Carlo Ancelotti a partir do dia 27 para início dos treinos na Granja Comnary

DANILO

# Meia está confiante na convocação

*Ver seu nome na lista do técnico Carlo Ancelotti, no próximo dia 18, será a maior coroação de sua carreira*

O relógio já estava nos acréscimos do primeiro tempo do amistoso entre Brasil e Croácia. Ninguém havia marcado ainda. Até que Matheus Cunha achou um lançamento para Vini-cius Jr., que encarou a defesa e rolou a bola para a marca do pênalti. Lá estava Danilo, pronto para uma chance que muitos esperam e nem todos aproveitam.

De repente, o meia foi transportado de Orlando diretamente para a comunidade de Fazenda Coutos, em Salvador, na Bahia, onde aprendeu a jogar bola na infância. Era como se, em vez de vestir suas modernas chuteiras, ele estivesse de pés descalços sobre o gramado. Sem nem dominar, acertou o ângulo e marcou o seu primeiro gol com a camisa da Seleção Brasileira.

“Quando eu estou em campo, eu não penso em mais nada. Eu fico bem à vontade. Não importa a circunstância do jogo, quem está do outro lado, o que está ocorrendo, se estamos mal ou não”, explicou Danilo em entrevista à Fifa.

“Eu sempre me sinto tranquilo, como se estivesse jogando uma pelada na minha comunidade, em Fazenda Coutos, brincando no ‘baba’, brincando com meu cachorro Pit. É bem tranquilo lá, dentro de campo”.

Aquele foi o principal momento de uma janela internacional que colocou Danilo de vez no radar do técnico Carlo Ancelotti. Aos 25 anos, o meia do Botafogo corre contra o tempo por uma vaga na lista final para a Copa do Mundo da Fifa 2026, que será anunciada no dia 18 de maio.

“É muito difícil, ainda mais se tratando de Seleção, com vários craques na minha posição. Todos estão em alto nível para representar a Seleção. É muito difícil chegar, mas não era só chegar. Eu tinha que fazer algo a mais”, lembrou, ao falar da boa impressão deixada nos amistosos contra França e Croácia, em março.

Danilo entrou durante o jogo contra os franceses e foi tão bem, que ganhou uma oportunidade no time titular na segunda partida. Mas essa não foi a primeira vez que ele foi chamado para defender o Brasil. Em 2022, ainda sob o comando de Tite, o meia chegou a ser convocado, mas não entrou em campo. À época, ele brilhava no meio de campo do Palmeiras, clube pelo qual foi bicampeão da Libertadores da América.

Na Copa Intercontinental da Fifa 2021 (disputada em 2022 e então chamada de “Mundial de Clubes”), ele ficou com a Bola de Bronze Adidas de terceiro melhor jogador da competição, com apenas 21 anos de idade. Apesar da derrota para o Chelsea na prorrogação da final, aquela é uma experiência valiosa até os dias de hoje para ele.

“Foi triste, pelo gostinho de que poderíamos ter ganhado. Mas fiquei feliz por ter jogado com os melhores do mundo. Por enfrentar



Foto: Reprodução/Instagram @sudamericanabr

Danilo comemora o gol marcado contra a Croácia e espera estar na lista de Ancelotti

Jorginho, Kanté, o Thiago Silva, que eu só tinha visto pela televisão. Estar ali, duelando, marcando eles, eles também me marcando, correndo. Foi um jogo emocionante, que foi para a prorrogação, com um pênalti no final. Vai ficar marcado para sempre na minha vida”.

Quatro anos depois, muita coisa mudou em Danilo e na Seleção. Ele vive no Botafogo o que chama de “melhor momento da carreira”. Com 10 gols marcados na temporada, é um dos melhores jogadores do futebol brasileiro. A Seleção, por sua vez, reúne um elenco menos consolidado do que na primeira ocasião, o que abriu espaço para ele.

“Acho que é o contexto geral. Tanto pela idade, por eu ser mais jovem naquela época, por não ter tido as chances que eu tive agora, pelo momento do time também. Na primeira vez que eu fui, o grupo já estava mais fechado”, avaliou. “Nessa segunda, tem jogadores mais jovens. Mas, nas duas oportunidades, todo

mundo me abraçou”.

Enquanto andava no dia a dia da Seleção com jogadores de sua faixa etária, como Andrey Santos, João Pedro, Endrick e Ibañez, ele aproveitou o tempo ao lado de alguns veteranos, como o outro Danilo (zagueiro, do Flamengo) e Casemiro, para extrair lições importantes para o futebol e para a vida.

Tudo faz parte do processo de amadurecimento de um jogador que precisou aprender, muitas vezes de forma dolorosa, que as coisas nem sempre vêm rápido. Em 2024, quando estava prestes a iniciar sua terceira temporada pelo Nottingham Forest, da Inglaterra, o meia fraturou o tornozelo.

A lesão afastou-o dos gramados por meses, mas fez ele crescer muito fora de campo.

“No começo foi muito ruim, doloroso. Mas depois foi ficando mais fácil. Eu fui entendendo mais as coisas. Foi a hora em que eu amadureci mais também. Fui me fortalecendo,

aprendendo a pensar mais positivamente no dia a dia. Depois que quebrei o tornozelo, passei a ter essa mentalidade”.

É justamente essa a mentalidade que o faz acreditar que, no dia 18 de maio, quando Carlo Ancelotti anunciar a lista dos 26 jogadores que defenderão o Brasil na Copa do Mundo da Fifa, seu nome será chamado. Para muitos, pode ser resultado de uma corrida pela vaga na reta final. Para ele, seria a coroação de uma maratona de anos em busca de um sonho.

“Seria a minha maior conquista. Por tudo que passou lá atrás, o que vivi desde 2022, por ter ido para a Seleção e achado que teria mais sequência na Seleção e não tive. Ir lá para fora e voltar. Aí você volta, e machuca, e não consegue imprimir o futebol que você sabe que você tem”, refletiu.

“Mas uma hora o tempo chega. E espero que essa hora seja a minha, com fé em Deus, e que dia 18 a gente possa comemorar”.

## Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

### Protagonismo brasileiro

Peço licença ao amigo Danrley Pascoal, dono da coluna “Samba na Europa”, que ocupa este mesmo espaço de papel de jornal nas quintas-feiras, onde tão bem deixa todos os leitores de A União informados sobre as danças brasileiras em terras distantes. É que hoje eu, que tanto escrevo sobre o futebol de cá, mando agora notícias do mundo de lá. Afinal o melhor futebol do mundo para inglês — e brasileiro — ver está mesmo por cima dos trópicos. Tal qual antigamente, afinal, o ouro brasileiro está todo lá. Agora, e há algum tempo, em matéria de gente. Que joga bola.

Hoje é dia de lembrar que, mesmo em um estrada de decadência para mim óbvia do futebol brasileiro frente ao que ele já foi em um tempo em que o dinheiro ainda não fazia tanta diferença no esporte da bola no pé, se comparado a outros aspectos das atividades humanas, o Brasil segue teimoso em ser protagonista.

Se não com os craques do samba, do improviso, da pura dança, como diria o poetinha, com outros tipos de importantes jogadores. Os zagueiros. Se os beques foram pouco exaltados em grande parte da história brasileira, vivemos hoje um mundo em que grande parte dos melhores jogadores brasileiros estão distante do gol adversário. É o protagonismo que temos por ora. Mas que temos.

Certo. Ainda possuímos pelo menos um craque de classe mundial, um dos melhores do mundo, jogando lá na frente e sendo uma espécie de esperança solitária para a próxima Copa do Mundo, o nosso Vini, do Real Madrid, que até bola já tem. Mas não é ele que estará na final da melhor competição de clubes do planeta neste ano. Serão dois zagueiros. O para mim craque — na existencial medida do possível, como defensor que é — Marquinhos, do PSG, e Gabriel Magalhães, central do Arsenal. Serão eles os brasileiros principais na decisão da apoteose que é a Liga dos Campeões da Europa.

Ambos protagonistas dos seus times, em grande temporada, sendo pilares das defesas de seus clubes. Dupla que vai se enfrentar no fim do mês, no dia 30 de maio, cada um em busca da orelhuda, na Hungria. Marquinhos tentando o bi. Magalhães atrás de uma histórica primeira estrela para o clube londrino.

Dupla que provavelmente se juntará na Copa do Mundo para formar uma esperada barreira efetiva de um time nacional que não me enche de esperanças em relação à meta do hexa verde e amarelo. Fato é que a zaga do time de Ancelotti é boa. Uma das melhores do planeta, vide o protagonismo que tem nos clubes finalistas do grande torneio do planeta. O mundo realmente mudou. E o meu receio é do meio para a frente.

#### Atacante protagonista é com elas

No futebol feminino, uma das nossas atacantes brasileiras fez história nos últimos dias. A avançada brasileira Kerolin conquistou o título da Women’s Super League (WSL) com o Manchester City. O torneio é a liga nacional do futebol inglês e uma das principais competições do planeta.

Mas a conquista não foi um triunfo qualquer para ela e para o futebol brasileiro. A jogadora de 26 anos, que por sinal é presença constante da Seleção Brasileira feminina nos últimos anos e na atual temporada, também alcançou o feito de se tornar a primeira jogadora brasileira a vencer a principal competição do futebol feminino inglês, com o título confirmado na última quarta-feira.



Foto: Divulgaçao/Manchester City

Jogadora é a primeira brasileira a vencer a WSL

## BRASILEIRÃO

## Sete jogos completam a 15ª rodada

Destaques para o clássico paulista envolvendo Corinthians e São Paulo e para o Grêmio, que enfrenta o Flamengo

Da Redação

Estão programadas para hoje as últimas sete partidas válidas pela 15ª rodada da Série A do Brasileirão. Às 16h, o Remo enfrenta o Palmeiras, enquanto o Atlético-MG duela com o Botafogo. Às 18h30, serão iniciadas outras três partidas: Corinthians x São Paulo, Santos x Bragantino e Mirassol x Chapecoense; já às 19h30, Grêmio e Flamengo medem forças; por fim, às 20h30, o Vasco recebe o Atlético.

**Remo x Palmeiras**

A partida no Mangueirão, que será transmitida pela Globo, getv e Premiere, coloca frente a frente equipes que vivem momentos distintos na competição. De um lado, o Remo é o atual vice-lanterna, com 11 pontos, e teve apenas duas vitórias conquistadas até aqui, sendo a última delas na rodada anterior: 2 a 1, em cima do Botafogo. A equipe paraense quer engatar uma sequência vitoriosa e deixar o Z4 nas próximas rodadas.

Do outro lado, está o Palmeiras, que lidera o Brasileirão, com 33 pontos. Além de ter derrotado o Sporting Cristal, por 2 a 0, pela Libertadores no meio da semana. O Alverde empatou em 1 a 1 com o Santos em seu compromisso mais recente pelo certame nacional.

**Atlético-MG x Botafogo**

A Arena MRV, em Belo Horizonte, recebe o confronto entre cariocas e mineiros, que terá transmissão de Globo e Premiere. O Glorioso vem de derrota para o Remo, que interrompeu a tentativa de aproximação ao pelotão de cima da classificação. O Atlético-MG, por sua vez, venceu o clássico diante do Cruzeiro por 3 a 1 e chega embalado para o duelo de hoje. Na tabela, no entanto, ambas as equipes estão lado a lado, com 17 pontos.

**Corinthians x São Paulo**

O Clássico Majestoso será transmitido pelo Prime Video. De acordo com o site de estatísticas futebolísticas ogol.com.br, essa será a 321ª vez que Corinthians e São Paulo medem forças, sendo que o Alvinegro possui uma leve vantagem no retrospecto histórico: são 114 vitórias contra 100 do Tricolor; outros 106 encontros ficaram empatados.

O São Paulo segue lutando para se manter na última vaga do G4, com 24 pontos acumulados, e vem de dois empates: diante O'Higgins (0 a 0), pela Sulamericana, na última quinta-feira (7), e contra o Bahia (2 a 2), no último domingo (3).

O Corinthians, por sua vez, iniciou a rodada abrindo a zona de rebaixamento, com 15 pontos. No Brasileirão, vem de derrota para o Mirassol (2 a 1); pela Libertadores, empatou com o Santa Fe (1 a 1), na última quarta-feira (6).

**Santos x RB Bragantino**

O jogo na Vila Belmiro contará com transmissão do Premiere. O Peixe chega pressionado para vencer e se afastar da zona de rebaixamento, já que soma apenas três vitórias em 14 partidas na competição. O Bragantino venceu a Chape (2 a 1), na última rodada do Brasileirão, e emendou

uma goleada de 6 a 0 em cima do Blooming, na última quinta-feira (7), pela Sulamericana.

**Mirassol x Chapecoense**

Transmitido pela Premiere, o duelo no Estádio José Maria de Campos Maia coloca frente a frente duas equipes em situação crítica, na zona de rebaixamento: o Mirassol é o 18º colocado, com 12 pontos, enquanto a Chapecoense é a 20ª, com apenas oito pontos até aqui.

Depois de vencer o Corinthians, o Leão Caipira quer vencer novamente para reagir e continuar a recuperação na tabela da competição. Do outro lado, a equipe visitante não vence desde a rodada de estreia, quando bateu o Santos por 4 a 2.

**Grêmio x Flamengo**

O confronto entre o Imortal e o Rubro-negro será transmitido pelo Premiere. O Tricolor vem de uma sequência de oscilações, incluindo, nas últimas três rodadas do Brasileirão, uma derrota para o Cruzeiro (2 a 0), uma vitória diante do Coritiba (1 a 0) e um empate com o Athletico-PR (0 a 0). No momento, soma 17 pontos e iniciou a rodada em 14º lugar.

O Rubro-negro ostenta uma sequência de cinco jogos de invencibilidade no torneio nacional. Nas últimas rodadas, superou Santos (3 a 1), Fluminense (2 a 1), Bahia (2 a 0) e Atlético-MG (4 a 0), e empatou com o Vasco (2 a 2), no último domingo (3). Diante disso, chegou aos 27 pontos, consolidando-se na vice-liderança.

**Vasco x Athletico-PR**

O último embate da rodada contará com transmissão de Record, CazéTV e Premiere. O Cruzmaltino não vence há duas rodadas e iniciou a atual na 13ª colocação, com 17 pontos. Já o Furacão tem 23 pontos, está na briga por uma vaga no G4, e é dono do artilheiro da competição, o atacante Viveros.

**Série B**

Pela oitava rodada da Série B, o Náutico recebe o América-MG, às 16h; o Avaí duela com o Fortaleza, às 18h30; e o Novorizontino mede forças com o Botafogo-SP, às 19h30.



Vitão, Pedro, Léo Ortiz, Léo Pereira e Cebolinha durante treinamento no Ninho do Urubu

## Jogos de hoje

## ■ BRASILEIRÃO

16h  
Atlético-MG x Botafogo  
Remo x Palmeiras  
18h30  
Santos x Bragantino  
Corinthians x São Paulo  
Mirassol x Chapecoense  
19h30  
Grêmio x Flamengo  
20h30  
Vasco x Athletico-PR

## ■ SÉRIE B

16h  
Náutico x América-MG  
18h30  
Avaí x Fortaleza  
19h30  
Novorizontino x Botafogo-SP

## ■ SÉRIE C

17h  
Volta Redonda x Ferroviária  
Barra-SC x Caxias  
Amazonas x Figueirense  
19h30  
Ituano x Confiança  
Brusque x Ypiranga-RS

## ■ SÉRIE D

16h  
Laguna x Sousa  
17h  
Treze x Decisão



Na rodada anterior, o São Paulo empatou com o Bahia

12

MINISTÉRIO DA CULTURA E CAIXA VIDA E PREVIDÊNCIA  
APRESENTAM

**DJAVAN**  
O MUSICAL  
VIDAS PRA CONTAR

IDEALIZAÇÃO: GUSTAVO NUNES TEXTO: PATRICIA ANDRADE e RODRIGO FRANÇA  
DIREÇÃO ARTÍSTICA: JOÃO FONSECA COREOGRAFIAS: MARCIA RUBIN  
DIREÇÃO MUSICAL: FERNANDO NUNES e JOÃO VIANA

ÚNICA APRESENTAÇÃO  
**20H**

21 DE MAIO  
JOÃO PESSOA  
TEATRO PEDRA DO REINO

VENDAS  
**Simplá**

Leil Rouanet CAIXA Vida e Previdência

ATLAS SCHINDLER CAIXA Seguridade EPC TURBILHÃO DE IDEIAS GOVERNO DO BRASIL

Elo com a “mãe de umbigo” vai além do ato de nascer, atando um laço entre a profissional e a criança para toda uma vida

OUTRAS “MÃES”

## Cordão umbilical que continua após o parto

Práticas milenares e saberes ancestrais garantem a continuidade e o fortalecimento das parteiras potiguaras, que proporcionam o nascimento e acompanham o crescimento de várias gerações da sua aldeia

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Na Aldeia Acajutibiró, município de Baía da Traição, no Litoral Norte do estado, onde mora, Jô Potiguara (Josiana Torres) é chamada de mãe e recebe o pedido de bênção tanto dos seus dois filhos como das cinco crianças que nasceram por suas mãos. Ela é a mais nova da Associação de Parteiras e Benzedeiras do Povo Potiguara (Aparbep). Começou quando tinha apenas 17 anos, acompanhando a sogra Lindinalva da Silva, mais conhecida por Dona Pempa, e somente aos 30 realizou o primeiro parto sozinha.

“Alguns me chamam de tia; outros, de mãe, e tem todo aquele respeito, de sempre pedir a bênção. Fica um laço grande entre a criança e a gente. Existem tradições da aldeia, como uma época em que todo mundo visita todo mundo para pedir a bênção e a gente sempre leva um mimo para as crianças. A mãe, às vezes, oferta um peixe como forma de ser grata. É um laço que continua após o parto”, explica Jô, que é agente comunitário de saúde na aldeia.

As gestantes que procuram as parteiras estabelecem com elas uma relação de confiança, que perdura para a vida toda. “Na tradição potiguara, a parteira é uma mulher sábia, que ajuda a trazer à luz. Existe um carinho muito grande e ela fica como se fosse da família, vira comadre, tia... A gestante se torna uma pessoa nosa, que a gente cuida como uma mãe cuida de uma filha”, ressalta.

Com a ajuda da associação, são realizadas rodas de conversas com as gestantes, ou chás, que podem ser tanto na casa da parteira ou da própria mãe. Tudo isso colabora para fortalecer os laços afetivos e comunitários. Há gestantes que são acom-

panhadas pelas parteiras desde o pré-natal, porém, como muitas atendem em várias aldeias, há partos que acontecem de maneira repentina, mas nunca sem o acompanhamento necessário. A ideia é que os saberes da medicina moderna unam-se aos saberes ancestrais indígenas.

“A gente acolhe as gestantes com nossas rezas, nossos cantos, nossas massagens e nossos chás. Tem vários chás e o momento do parto vai dizer, dependendo de como a mulher esteja. Se ela está sofrendo muito e se vê que aquele processo está demorando, aí, a gente faz as rezas, faz os chás para dar mais energia, como o chá de pimenta-do-reino ou de mel com tomate, por exemplo, para poder acelerar mais o parto. Tudo depende de cada parteira, porque cada uma tem seu jeito: umas fazem cantos, outras fazem massagem. Tudo isso no aconchego da família, para deixar a gestante bem mais tranquila”, conta Jô Potiguara.

Ela ressalta que a indução do parto é realizada de modo natural, mas sempre monitorando a pressão arterial e escutando o bebê. Caso se perceba que o parto normal não é possível, a gestante é encaminhada para a maternidade. Nesse sentido, a Secretaria de Saúde Indígena (Sesai), do Ministério da Saúde, elaborou, no ano passado, um Plano de Parto adaptado ao contexto da saúde indígena, respeitando as especificidades culturais e os sistemas de conhecimentos dos povos originários, sem dispensar um serviço qualificado de atenção ao pré-natal, parto e puerpério nos territórios. Isso permite, por exemplo, que as parteiras possam acompanhar as gestantes indígenas nos hospitais.

A criação da associação contribuiu para que as parteiras potiguaras organizem-se e fortaleçam melhor suas

práticas e seus saberes. Tia Nancy, uma das mais antigas parteiras do grupo, levou a diante a ideia e conseguiu, com a ajuda das demais e de projetos, construir a Casa da Parteira Potiguara, em Aldeia Forte, sede onde as mulheres reúnem-se, realizam cursos e intercâmbios, além de acolherem gestantes para rodas de conversas e oficinas sobre o tema.

A divulgação dos saberes e ações nas redes sociais é outro ponto que favorece, inclusive, para que gestantes de outras cidades busquem as parteiras potiguaras para realizar seus partos de maneira natural. Jô Potiguara está acompanhando uma gestante de sete meses que mora numa cidade do Rio Grande do Norte, e faz questão de contar com uma parteira na hora de ter o seu bebê. Nesse processo, ela não dispensa as informações médicas do pré-natal, mantendo conversas frequentes até o dia do parto, previsto para o mês de julho.

“É um chamado, sabe? É uma coisa que você sente a vontade de estar perto. O nascer é uma dádiva de Deus, uma coisa que a gente não consegue explicar. E costume dizer que cada parto é único e a gente sente a espiritualidade da criança vindo ao mundo. Nossas práticas e saberes ancestrais ensinam muito sobre o amor, o respeito, o carinho, o cuidado com o outro, porque você se torna parte de uma família”, completa Jô.

### Memória audiovisual

Para ajudar a preservar as narrativas e saberes dessas mães do povo potiguara, o coletivo audiovisual indígena Memórias Potiguara realizou uma série de registros com as parteiras do território. A técnica de Enfermagem Bianca Potiguara, 25 anos, é uma das integrantes do grupo e foi responsável pela condução das entrevistas. Ela

reforça a importância de preservar os relatos e experiências dessas mulheres para as futuras gerações.

A ideia da série, que está disponível no canal do grupo no YouTube (@memoriaspotiguara), surgiu quando o coletivo percebeu que, ao longo dos anos, o parto tradicional estava se perdendo. Tanto Bianca quanto Jô Potiguara, por exemplo, não nasceram de parto natural, ao contrário da maior parte dos antigos, que vieram ao mundo pelas mãos das parteiras tradicionais das aldeias.

“Eu ouvi de muitas parteiras que elas sentem o chamado, mas o que mais me impressionou nos relatos foi a coragem delas, principalmente porque tem momentos do parto que é difícil e elas pedem força aos ancestrais para que dê tudo certo. Para além da preparação física, existe a preparação espiritual. É um ato de muita coragem saber que você tem duas vidas em suas mãos e manter a calma, sem entrar em desespero”, analisa Bianca.

A jovem não se sente chamada para o ofício ancestral, mas recentemente foi convidada por Jô Potiguara para fazer os registros de um parto. “Eu gosto muito de acompanhar e registrar, até porque os netos dessas parceiras podem ver, podem conhecer quem eram elas, conhecer sua história... Tem parteira que faz o parto da criança e a criança cresce, fica adulta, vira mulher e faz o parto do filho da pessoa que ela ‘pegou’. Então é parteira-avó, como se diz”.

### Tradição celebrada e integrada

O Dia Internacional da Parteira é celebrado, anualmente, no dia 5 de maio. A data foi instituída pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1991, com o objetivo de reconhecer e valorizar a profissão. Apesar da prática milenar de aten-



Na tradição potiguara, a parteira é uma mulher sábia, que ajuda a trazer à luz [...] e ela fica como se fosse da família

Jô Potiguara

ção ao parto e ao nascimento domiciliar ter sido bastante respeitada em antigas sociedades egípcias e greco-romanas, nas quais os conhecimentos eram passados entre as gerações de mulheres, em períodos da história ocidental como a Baixa Idade Média, as parteiras foram acusadas de bruxaria e condenadas à morte pela utilização de ervas e outras práticas de cura.

No contexto da saúde indígena brasileira, os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) contam atualmente com mais de duas mil parteiras e parteiros, que exercem um importante papel do cuidado integral, desde a gestação ao pós-parto, aliando conhecimentos próprios de cada povo às políticas públicas do Sistema Único de Saúde (SUS).

Fotos: Reprodução/Instagram @parteiraspotiguarapb



Na Baía da Traição, em Aldeia Forte, a Casa da Parteira Potiguara recebe intercâmbios para troca de saberes, como o encontro das Parteiras de Pernambuco, em parceria com as do Projeto Curumim (E); acolhendo gestantes para rodas de conversas e oficinas, além de outras iniciativas, desde a inauguração da sede, em 2024 (C); um dos símbolos do ofício é a potiguara Dona Terezinha (D), da Aldeia Grupiúna dos Cândidos

## “Vovô” paraibano marcou diversas gerações

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Os holofotes da história do teatro paraibano não podem deixar de focar na figura de Cilaio Ribeiro — ator, dramaturgo e ventríloquo que marcou os palcos amadores, assim como o radioteatro das emissoras locais, transitando, ainda, com seu ofício, pelo cinema e televisão. Com leveza e humor, “Vovô Cilaio” dialogava com os seus bonecos, contando histórias que marcaram gerações e consolidaram uma das expressões mais genuínas do teatro popular.

Cynthio Cilaio Ribeiro, nasceu no dia 4 de dezembro de 1902, na antiga cidade da Parahyba, atual João Pessoa. Filho de Júlia Ribeiro e do ator José Ribeiro do Prado Andrade, não seria de estranhar que desenvolvesse o mesmo gosto pela arte dramática, do mesmo modo que seus tios, Nilo e Genésio de Andrade, já nas brincadeiras com bonecos e marionetes, quando criança.

“A gente fazia tudo simplesmente porque gostava de fazer. Era um teatro por amor, sem nenhum interesse. Meu pai, José Ribeiro, foi um dos primeiros do teatro de amadores [...], ele cantava muito bem, trabalhava no teatro. E eu já fazia teatro na minha casa, que ficava no Ponto de Cem Réis, aí comecei a gostar do teatro. [...] Conto, desde o meu tempo de amador, mais de 200 peças que trabalhei e ensaiei”, relatou o próprio Cilaio, em uma das gravações da família.

Apesar desse histórico de artistas na família, seus pais não lhe deram o consentimento para que partisse, a convite do diretor Gomes Jardim, a fim de integrar a Companhia Dramática Itália Fausta, no Rio de Janeiro, porque o consideram muito jovem. Suas asas, no entanto, não demoraram a alçar voo e deixar o ni-



Ventriloquismo com o boneco Benedito entre crianças numa creche

no. Cilaio Ribeiro ingressou na Companhia Conceição Ferreira, trabalhando em comédias e aperfeiçoando suas habilidades como ventríloquo. Nas artes cênicas, esteve à frente de grupos teatrais de amadores como Sociedade Litero-Dramática 25 de Dezembro, Grupo Genésio de Andrade, Renascente e Teatro de Amadores da Paraíba. Um ator múltiplo, que se destacou em peças como *O Coração não envelhece*, *Olhos sem luz* e *Rosa de Nossa Senhora*.

### “O maior ventríloquo do Norte”

Cilaio Ribeiro foi um dos representantes do teatro de revista na Paraíba, gênero que teve seu auge nacionalmente na primeira metade do século passado e caracterizava-se por espetáculos humorísticos que misturavam música, dança e crítica social e política, satirizando especialmente aspectos do cotidiano local. Numa dessas montagens, o artista fez uma crítica à empresa concessionária de serviço público que explorava o fornecimento de energia e transporte com bon-

des puxados a burro. O sucesso foi tanto que, no ano seguinte, a sátira transformou-se em bloco carnavalesco.

Foi no ventríloquismo que Cilaio se destacou, a ponto de ser reconhecido em uma matéria da década de 1960, no jornal *Diário de Pernambuco*, no Recife, como “o maior ventríloquo do Norte”. Na Paraíba, tornou-se programa obrigatório de todos os que frequentavam, entre fins de julho a 5 de agosto, a Festa das Neves, padroeira da cidade. “Residiu Cilaio por muitos anos no coração da Festa das Neves, na Rua General Osório, tendo, por isso, uma vida festiva, embora carregasse consigo, uma certa dose de humildade, características dos homens de talento. Tinha a Festa das Neves como seu palco de vida e foi, a um só tempo, intérprete e imortal acompanhante de suas mais entusiasmadas transformações”, ressaltou o pesquisador Edival Varandas.

A casa de espetáculos que funcionava anexa ao Mosteiro de São Bento, com a ajuda de comerciantes locais, atraía não

só o público, como também novos talentos, a exemplo do ator, autor e teatrólogo Ednaldo do Egypto. Em crônicas publicadas em 1987, no jornal *A União*, Ednaldo conta como conheceu o Teatro de Variedades, e deslumbrou-se com o ventríloquismo, primeiro com as fotos, depois com a voz do artista, dada a um boneco que fumava, movendo o braço até a altura da boca, com um cigarro aceso entre os dedos e dando bafaradas. O encontro entre os artistas só ocorreu um ano depois.

“No ano seguinte, outra barraca armada no centro da Rua General Osório, apresentava Seu Cilaio, ao vivo, como ventríloquo, trabalhando dois bonecos, divertindo a multidão. Emocionado, constatei que o homem não era só mito, era um verdadeiro artista. Abismado, eu olhava mais para sua técnica de ventríloquia do que para os bonecos. Me lembro que um dos títeres era o preto Benedito, que numa aula de português ele conjugava o verbo lugar: ‘Eu aqui, tu ali, ele acolá, nós adiante, vós atrás, eles no meio’”, descreveu Ednaldo.

Cada boneco tinha um nome: Benedito, Zezinho, Caviloso e Dona Genoveva. Esses personagens faziam a festa de crianças e idosos de creches, orfanatos e asilos, onde Cilaio costumava apresentar-se e era carinhosamente chamado de Vovô Cilaio. “A Festa das Neves era uma espécie de relaxe para Cilaio, ambiente onde ele se exibia anualmente com os seus bonecos, exercendo verdadeiramente o papel de ventríloquo, dublador e, fazendo em pequenos teatros improvisados, atos de variedades, com seus familiares e colegas do amadorismo provinciano”, pontua Edival Varandas.

### Nas ondas do rádio

O ator paraibano não restringiu sua atuação aos palcos. No contexto do surgimento da comunicação radiofônica, Cilaio

esteve na lista dos primeiros sócio da Rádio Clube da Parahyba, fundada em 1931, contribuindo tanto com o empréstimo de seus discos para tocar na nova emissora, como também como locutor, controlista, redator e anunciador de atrações convidadas. Como diretor artístico, foi responsável pela introdução do radioteatro na emissora, incentivando a revelação de novos atores, criando programas de humor como *Hora do eixo*, escrito por Silvano Lopes, e que satirizava o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha. Escreveu e dirigiu também os programas *Cotistas que o vento levou* e *Hora do bom humor*, e esteve à frente, na apresentação, de *Uma história por semana*.

Na Rádio Tabajara, criada pouco tempo depois, a partir da doação da Rádio Clube ao Governo do Estado, Cilaio continuou participando e dirigindo radionovelas, ao vivo, e um programa infantil dominical de grande popularidade. “Passei esse tempo todo na rádio, quando eu fiz um programa que, modestia à parte, empolgou. Era *Vovô, conte-me uma história*. Esse programa eu escrevia, depois eu radiofonizava e no fim animava com todas as crianças, que me chamavam de “Vovô Cilaio”. Dessas crianças que escutaram meu programa, muitas, hoje, são avós e avós, mas não deixam de me chamar de vovô”, contou o artista, que se destacou, ainda, com o radioteatro nos microfones da Rádio Arapuan.

### Nas telonas

No cinema, o artista participou de produções como *Menino de Engenho* (1965), de Walter Lima Júnior, e *Salário de Morte* (1971), do cineasta Linduarte Noronha, baseado no romance *Fogo*, de José Bezerra. Na televisão, apresentou um programa na TV Jornal do Comércio, do Recife (PE). Para além das artes, Cilaio também

foi servidor público da alfândega, atividade que garantia o sustento da família e na qual ele se aposentou.

“Cilaio foi, na verdade, um homem alegre e contagiava essa alegria que havia dentro de si para todos, crianças e adultos. Sempre trajando terno e gravata, criava e recriava situações sempre novas, com suas mãos e seus maravilhosos bonecos. Um ser completo, humano, perfeccionista nos labores de suas falas e, além de tudo, um grande artista”, afirmou Edival Varandas.

Cilaio Ribeiro fez sua última apresentação teatral em 1977, na peça *Hoje a banda não sai*, de Severino Tavares, que o neto Antônio Ribeiro ainda guarda na memória. “A lembrança que eu tenho dele é de um homem muito forte, um homem que era um exemplo de pessoa, que apesar de não ter nada, mesmo assim dividia o que tinha com os outros. Minha infância e começo de juventude foi juntamente com Vovô Cilaio. Ele era muito família, gostava de reunir a todos nas festas de Natal e Ano-Novo, e nos aniversários dos netos e sobrinhos sempre prestigiava, levando seus bonecos”, revela Antônio Ribeiro.

Cynthio Cilaio Ribeiro faleceu em 27 de janeiro de 1980, deixando a viúva, Dulce Gondim Ribeiro, e oito filhos, dentre os quais apenas dois, Lúcia e Luiz Ribeiro, enveredaram para os palcos.

Em homenagem ao artista, o auditório do antigo Grupo Thomaz Mindello, localizado à Rua General Osório, em João Pessoa, foi transformado, no fim da década de 1987, no Teatro Cilaio Ribeiro. Apesar das instalações necessitarem urgentemente de uma reforma, o espaço é utilizado para ensaios das turmas de teatro do Centro Estadual de Arte da Paraíba (Cearte-PB), que funciona no local.



Ator e dramaturgo contribuiu para a Rádio Clube da Parahyba, sendo responsável pela introdução do radioteatro na emissora, como diretor artístico, além de trabalhar na Rádio Tabajara dirigindo e participando de radionovelas ao vivo

## Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

### Cade investiga “curadoria” predatória do Google contra o jornalismo

Google é hoje a porta de entrada para quase tudo na internet. Se a facilidade de acesso é considerada algo positivo por muitas pessoas, é péssima para quem produz informação profissional de qualidade, sobretudo após o uso expressivo de inteligência artificial generativa (IA generativa) por esse buscador de conteúdo.

Para a Associação Nacional de Jornais (ANJ), essa prática não afeta apenas a sustentabilidade do jornalismo, mas também a defesa da democracia e o combate à desinformação. Explico: o Google usa o conteúdo dos jornais (títulos, textos e fotos), sem pagar nada por isso, para manter as pessoas dentro do próprio do Google!

Antes, quando era preciso fazer uma pesquisa na internet, você encontrava um link com o assunto buscado e logo clicava para ler diretamente no site do jornal. Agora — e todos já perceberam isso — é diferente. Ninguém mais chega diretamente ao endereço procurado.

Isso ocorre porque o Google usa ferramentas de IA generativa para ler várias notícias e apresentar um resumo pronto ao usuário. Você lê a informação após a “curadoria” feita pela IA, mas o veículo de comunicação que investiu na produção do conteúdo não recebe nem a visita ao site nem a receita proveniente de anúncios.

Esse fenômeno (ou poderíamos chamar de “pilantragem”?) tem afetado o mundo



Presidente-executivo da Associação Nacional de Jornais, Marcelo Rech: “Pela primeira vez, será investigado a fundo, no Brasil, o abuso de poder ou a dependência econômica digital”

das notícias, e o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), órgão do governo federal que fiscaliza a concorrência entre empresas, decidiu agir.

No dia 23 de abril, o Cade tomou uma decisão histórica em favor da indústria de mídia no Brasil: aprovou a instauração de um Processo Administrativo Sancionador (PAS) para aprofundar as investigações sobre um

possível “abuso exploratório de posição dominante” por parte do Google.

Foi uma espera de sete anos até esse resultado, alcançado graças à atuação intensa da ANJ e de outras entidades, como Repórteres Sem Fronteiras, Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, Associação Brasileira de Imprensa e Federação Nacional dos Jornalistas.

Relembrando: o caso foi aberto pelo Cade em 2018 e arquivado em 2024. No ano passado, no entanto, foi reaberto. E agora houve esse posicionamento, que favorece os veículos de comunicação e o jornalismo. A decisão unânime levou em consideração a evolução tecnológica da atuação da empresa norte-americana desde a instauração do inquérito administrativo, em 2018, especialmente no que se refere às ferramentas e às plataformas de inteligência artificial.

Para o presidente-executivo da ANJ, Marcelo Rech, a decisão do Cade é um marco para os produtores de conteúdo jornalístico. “Pela primeira vez, será investigado a fundo, no Brasil, o abuso de poder ou a dependência econômica digital”, afirmou.

Na prática, o que se vê hoje no país são jornais “presos” a esse mecanismo de busca. Se um veículo decidir sair do Google para não ter seu conteúdo utilizado, ele desaparece da internet, pois deixa de ser encontrado. Como o Google concentra grande parte do tráfego da rede, pode impor as regras que quiser, e os jornais são obrigados a aceitá-las para não “morrem”. Ou seja, trata-se de uma situação de dependência estrutural.

Atualmente, ao incorporar funcionalidades de IA generativa, o Google afasta ainda mais as pessoas das plataformas de conteúdo jornalístico. Trata-se de uma prática predatória que precisa ser contida. Pelo bem do jornalismo de qualidade.

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

### Das divas do rádio às estrelas do pop, rock, iê-iê-iê e Jovem Guarda — I

Quando retornamos à chamada “era de ouro do rádio” (leia-se Rádio Nacional), lá encontramos as consagradas divas do rádio, que brilhavam, ou continuam brilhando entre nós, cada uma a seu tempo, com suas mágicas interpretações: Carmen e Aurora Miranda, consagradas *hors-concours* — “Mamãe eu quero” (Carnaval de 1937); Ademilde Fonseca, a voz do choro — “Tico-tico no fubá” (1942); Isaurinha Garcia, a mensageira do amor — “Mensagem” (1946); Emilinha Borba, a favorita do rádio — “Escandalo” (1947); Dalva de Oliveira, a joia do Trio de Ouro — “Ave, Maria” (1950); Marlene, a que cantava e dançava diferente — “Lata d’água” (1951); Linda e Dirce Batista, As irmãs Batista — “Vingança” (1951); Nora Ney, a diva da canção de fôssia — “Ninguém de ama” (1952); Inezita Barroso, a sertaneja de raiz — “Moda da pinga” (1953); Zezé Gonzaga, a linda flor da MPB — “Linda Flor” (1956); Maysa, os olhos que cantam — “Ouça” (1957); Ângela Maria, a sapoti — “Babalu” (1957); Dolores Duran, a sensibilidade em forma de música — “A noite do meu bem” (1959); Elizeth Cardoso, a enlucrada — “Nossos Momentos” (1961).

Também no universo musical, o “progresso” adveio e com ele hábitos e costumes também foram mudando, inclusive



Erasmão Carlos, Wanderley Cardoso, Eduardo Araújo, Martinha, Wandêrla e Roberto Carlos, integrantes da Jovem Guarda, no início dos anos 1960

com a música conduzindo consigo mesmas as alterações significativas às quais o nosso país foi aderindo e incorporando-as aos nossos usos, com a poderosa interferência das ondas hertzianas do rádio e com o advento da televisão.

Já lhes falei, em coluna anterior, sobre a “criação” do *rock and roll*, nos tempos (1940–1950) do pioneirismo da Sister Rosetta Tharpe, que se inspirou na fusão norte-americana do *blues*, *jazz*, *country* e *R&B*, e que, se incorporando depois aos sons de uma guitarra elétrica mais agressiva, serviu de fonte e inspiração para Elvis, Bill Haley, Little Richard, Chuck Berry, Fats Domino e outros mais, sem esquecer a contribuição da chamada “Invasão Britânica”, liderada pelos Beatles e Rolling Stones, já na década de 1960, quando o *yeah-yeah-yeah* (nosso iê-iê-iê) tomaram conta do mundo no embalo de “She loves you” (1964).

A partir daí a música nunca mais seria a mesma. Entre nós, as nossas estrelas deixavam-se levar pelo novo som e pelos novos ritmos que nos chegavam no início dos anos 1960.

É sobre os primeiros passos do pop, rock, iê-iê-iê que deram início a nossa Jovem Guarda, que lhes falaremos nesta nova sequência desta coluna.



## Eita!!!!

### # Livros que aproximam famílias em todas as fases da maternidade

O Dia das Mães é mais do que uma data comemorativa: é uma oportunidade de reconhecer a complexidade, a entrega e as transformações que atravessam a maternidade em todas as suas fases. Entre desafios cotidianos, descobertas e vínculos em constante construção, muitas mães buscam caminhos para se sentirem mais seguras, acolhidas e conectadas com seus filhos. Confira a seguir obras que vão da primeira infância à adolescência para acolher e transformar a relação entre mães, filhos e toda a família.

### # Manual de sobrevivência para pais de adolescentes (Edipro)

A adolescência pode parecer um território desafiador, marcado por silêncios e conflitos, mas também é uma fase essencial para fortalecer vínculos. Nessa obra, a educadora parental Claudia Alaminos propõe um olhar mais consciente sobre esse período, ajudando mães a compreenderem as transformações emocionais e cognitivas dos filhos. Com exemplos práticos e linguagem acessível, o livro orienta sobre como estabelecer diálogo, criar limites saudáveis e manter a conexão mesmo diante das dificuldades.

### # Meu mundo é uma bola (Ciranda Cultural)

A partir de uma partida de futebol, a obra de Liliane Mesquita e Regiane Alves revela o universo emocional de crianças que lidam com ansiedade, pressão e pertencimento. A história mostra como o apoio familiar — especialmente o olhar atento das mães — é essencial para o desenvolvimento emocional dos filhos. Ao abordar temas como amizade, respeito às diferenças e autoestima, o livro se torna um convite para que mães se aproximem ainda mais do mundo interno das crianças.

### # O livro dos cuidados com o bebê (Edipro)

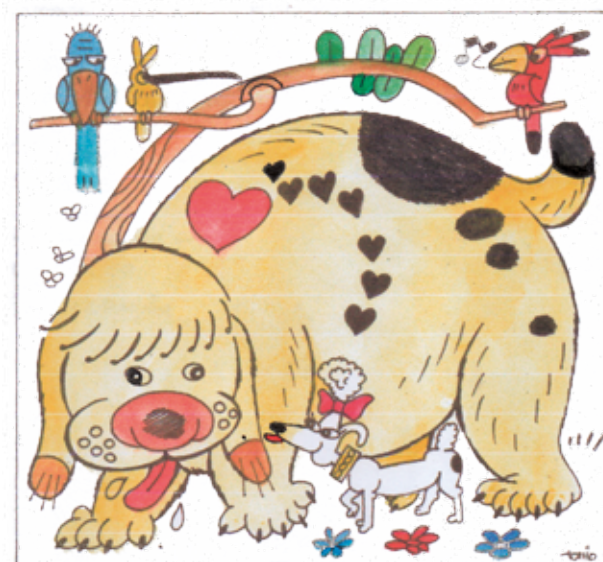
Voltado especialmente para os primeiros meses de vida, o livro da pediatra Marcela Noronha é um guia para mães que estão iniciando a sua jornada. Com linguagem clara e empática, a autora aborda desde as emoções da gestação até os desafios práticos do cuidado com o bebê. Mais do que instruções técnicas, a publicação oferece apoio emocional, validando inseguranças e ajudando mães a construir confiança nesse momento transformador.

### # O manual do pai foda (Viseu)

Embora voltado à paternidade, esse livro traz uma reflexão fundamental para as mães: a importância de construir uma parentalidade compartilhada. Lucas C. Maciel propõe que o pai assuma um papel ativo e consciente, dividindo responsabilidades e fortalecendo a parceria no cuidado com os filhos. Para as mães, a obra representa um incentivo ao diálogo e à construção de um ambiente familiar mais equilibrado, onde não há sobrecarga, mas cooperação.

## 9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



### Solução

1 - Cauda do cachorro; 2 - focinho da cadela; 3 - olho do cachorro; 4 - nota musical; 5 - galho; 6 - flor; 7 - folha; 8 - cauda do cachorro; 9 - corção.

## NA AUSTRÁLIA

# Projeto força *big techs* a pagar pelas notícias

Plataformas dizem que a proposta representa “imposto sobre serviços digitais”

Agência Estado

A Austrália anunciou um novo projeto de lei para cobrar das gigantes da tecnologia Meta, Google e TikTok pelo uso de conteúdo jornalístico, a menos que elas cheguem a acordos com os veículos de mídia sobre o pagamento pelo que foi produzido. O governo pretende apresentar o projeto ao Parlamento até o dia 2 de julho.

As plataformas dizem que a proposta representa um “imposto sobre serviços digitais”, que demonstra uma incompreensão da evolução da indústria publicitária e não conseguiria garantir um setor de notícias sustentável.

As organizações de notícias tradicionais em todo o mundo lutam para sobreviver à medida que o público consome cada vez mais notícias via redes sociais. Em resposta, a Austrália quer exigir que as grandes empresas de tecnologia compensem os veículos de mídia locais pelo compartilhamento de artigos que geram tráfego para suas plataformas.

O primeiro-ministro Anthony Albanese afirmou que é necessário atribuir um valor monetário ao trabalho dos jornalistas. Segundo ele, Meta, Google e TikTok poderão firmar acordos de conteúdo com os veículos de mídia locais, mas, caso se recusem, terão de pagar uma taxa de 2,25% de sua receita na Austrália. “As principais plataformas digitais não poderão burlar as obrigações previstas no có-



Foto: Reprodução/Australian Government

Albanese: “Plataformas digitais não poderão burlar obrigações previstas no código de negociação”

digo de negociação da mídia”, disse o premiê.

### Audiência

O projeto de lei foi elaborado para impedir que tais empresas removam conteúdo jornalístico de suas plataformas, algo que a Meta e o Google já fizeram em outros países.

Os defensores da lei apontam que as plataformas de mídia social atraem usuários com notícias e arrecadam receita de publicidade *on-line* que, de outra forma, iria para veículos de notícias.

A Universidade de Camberra constatou que mais da metade da população australiana utiliza as redes sociais como fonte de notícias. Esta é a segunda tentativa legislativa da Austrália de fazer com que as plataformas paguem pelos textos e ima-

gens de notícias que seus usuários visualizam.

As plataformas foram pressionadas a fechar acordos com empresas para remunerar o jornalismo, em virtude de uma lei aprovada em 2021, que instituiu o Código de Negociação da Mídia Noticiosa. As empresas

de tecnologia optaram por fechar acordos comerciais com os criadores de notícias, em vez de serem forçadas à arbitragem e terem um juiz definindo o preço. Mas, desde então, elas evitaram renovar esses contratos, removendo as notícias de seus serviços.

## Charada

Francelino Soares:  
 francelino-soares@bol.com.br

**Resposta da semana anterior:** Toca em frente (2) = passa + conduz (2) = porte. **Solução:** documento (4) = passaporte.

**Charada de hoje:** Não destrua (2) o cão quando ele solta latidos (3), quando você está estudando matéria que envolve algarismos (5).



Ilustração: Bruno Chibossi

## Tiras

### O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



### Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

